FON FON
ANNO XXV — N.º 24
Rio, 13 de Junho de 1931
PREÇO: 1$000

Tambem eu!

— MEU pobre pae, que era um professor eminente, me disse no dia do meu casamento, com os olhos humidos pela emoção: — Não pude dar-te um dote, minha filha, procurei, porém, assegurar-te alguma coisa de maior valor — **a saude.** Cuida-a e faze pelos teus filhos o mesmo que fiz por ti... Pode-se bem imaginar como tenho seguido á risca este conselho!...

... E sou mais escrupulosa, ainda, quando se trata de remedio para dôres. É o motivo porque em minha casa ninguem toma nada para debellar qualquer dôr, a não ser a

CAFIASPIRINA

...Um destes dias, meu marido que ás vezes parece não estar regulando, trouxe-me uma certa imitação que lhe haviam recommendado como sendo igual **e mais barata.** Sabem o que fiz? Abri a janella e... zás... atirei o tubo á rua. Perdoe-me, disse-me sorrindo ante a sua surpreza. Em nossa casa não se fazem experiencias com a saúde. Desde esse dia, ai daquelle que lhe offereça remedio para dôres que não seja a infallivel e bemdita CAFIASPIRINA.

Esta é uma verdade proclamada em todos os lares.

INCOMPARAVEL e unica para dôres de cabeça, de dentes e ouvidos; nevralgias, enxaquecas, colicas de senhoras, consequencias de excessos de bebidas alcoolicas, etc. Allivia rapidamente, levanta as forças e regulariza a circulação do sangue.

Defenda-se exigindo a Cruz Bayer.

O CONTO BRASILEIRO

Perdão fatal

DE

GILBERTO VEIGA

JOÃO Fagundes era um mineiro alto, espadaúdo e vermelho como um tomate maduro, a quem o Rio, com todo o seu fausto e desenvolvimento, não conseguira arrastar no seu roldão, modificando-lhe os habitos e a rudez dos seus gestos.

Nascêra e creára-se no interior do Estado de Minas. Com a deficiencia de escólas, mal aprendêra a escrever o proprio nome e contar regularmente.

Descendendo de pobres e rusticos agricultores, bem pequeno ainda era "entendido" em tudo que se relacionasse com a lavoura chã. Aos 18 annos de vida, visitára Bello Horizonte e se enamorára do seu progresso. Dahi em deante, teve os pensamentos voltados para o bulicio das grandes cidades, vendo como uma miragem a cidade de São Sebastião resplandescente de luz e de galas, como diziam os que a conheciam. E numa nevoenta manhã deixou a gleba do seu berço, rumo da estação mais proxima, de onde um trem da Central o conduziu, attonito e vacillante, despejando-o na estação Pedro II.

Dispondo de algum dinheiro, installou-se provisoriamente num hotel da praça da Republica, dahi mudando-se para um quarto humilde á rua Lavradio, logo que o seu espirito pratico estudou os problemas a resolver num centro desconhecido.

Divagou alguns dias orientando-se, medindo as ruas com o cerebro e sondando os meios de iniciar a sua vida aventureira.

Indicaram-lhe a Light como terreno certo para os que desejavam trabalhar. Ali, deu o seu primeiro passo para a prosperidade. Foi motorneiro de bonde, conductor e chegou a fiscal.

Tendo economizado, á custa de enormes sacrificios, uma somma regular relativamente á sua origem e aos seus recursos iniciaes, resolvera empregar o capital em transacções que lhe augmentassem o dinheiro e lhe facultasse um pouco mais de bem estar. Assim foi que passára a comprar e vender — não se julgue que foram bondes... — cebôlas e batatas, chegando em pouco tempo a montar um pequeno deposito desses artigos nas immediações do Mercado Novo.

Espirito atrazado, mas pratico, jamais "sabido" algum tivera o topete de gabar-se de ter vendido ao "seu" Fagundes gato por lebre ou lhe impingido o celebre "paco".

Logo ao romper dalva, mettia a chave na porta nodosa do seu estabelecimento e, na negrura e cheiro acre do interior, acariciava as suas mercadorias, dando-lhes valores superiores aos que realmente mereciam.

Era doido por uma "mulata" e os "molhados" o seduziam.

Jamais, porém, deslisára pelo cerebro tacanho de João Fagundes a idéa de casar-se. E si alguem lhe tocava neste assumpto, instigando-o a tal, elle promptamente respondia: "Antes só do que mal acompanhado". E si esse mesmo alguem lhe demonstrava, com a pratica, que esse adagio era, ás vezes, falho, elle, então, levava o seu argumento para o terreno economico: "Duas boccas comem mais do que uma". Desse modo, qualquer christão que em tal camisa se mettesse, acabaria, forçosamente, dando com os costados á praia, ou com os burros nagua.

Na vida, porém, tudo se transforma, e o Fagundes não estava isento dessa contingencia. Si o tempo não conseguira vencer-lhe a teimosia no sentido de casar-se, conseguiu, comtudo, dominar-lhe um pouco o amor ao dinheiro, ligando-o a Josepha de Tal, que teve a habilidade de transtornar-lhe o miolo, induzindo e conseguindo delle uma casinha modesta, lá para os confins do Realengo.

Viveram relativamente felizes nada menos de quatro annos. Entre elles reinavam paz e alegria, quando as mesmas não eram quebradas com alguns sôcos e pontapés. Era isso, porém, uma especie de caricia com que, á força do habito, acabaram acostumando-se.

A saudade do ninho onde nascemos, cedo ou tarde, no rustico ou no cultivado, tem que se manifestar, e os olhos se volverão, marejados de lagrimas, para o recanto onde soltámos o nosso primeiro vagido. Assim foi que, numa noite, o João Fagundes communicára á companheira a sua resolução de ir a Minas. Ia só, porém. Era mais commodo e, sobretudo, menos dispendioso.

Arranjou emprestada uma pequena mala de fibra e, nella mettendo meia duzia de peças indispensaveis do seu modestissimo guarda-roupa, lá se foi, rumo das Alterosas, matar os desejos do coração saudoso.

Lá esteve cinco dias com os pensamentos voltados constantemente ao seu armazem fechado — porque, note-se, o Fagundes, mineiro da gemma, desconfiado por indole, não tinha empregados de especie alguma: elle era o chefe, o "escripturario" e o varredor da sua casa — sem dar lucros, e onde as mercadorias, sem ar, poderiam se deteriorar. Vinha em segundo plano a lembrança, cheia de duvida e, diga-se mesmo, de ciumes da Josepha, que, si não era uma deusa de formosura, era uma cabocla bastante bonita para despertar a attenção e a voluptuosidade dos "moços bonitos e desoccupados", como elle dizia. Lembrava-se de que a sua companheira tinha uns modos de andar que muito o intrigava e que já lhe valera (a ella) um bom par de bofetões para modificar aquelle "reboliço tentador".

E foi assim, pensando em todas essas coisas, que o João Fagundes tornou ao Rio, abreviando a volta.

Aguardava-lhe, de regresso, uma surpresa que, a despeito de toda desconfiança, estava bem longe de esperar.

Ao saltar da segunda classe em que viajava, o seu primeiro cuidado foi verificar o estado em que se encontravam as mercadorias do seu "stock". Ao penetrar na loja do seu commercio, se lhe deparou a mesma vazia e cheia de lixo, como si ha mezes estivesse fechada.

Pela primeira vez na sua vida tomou um taxi e mandou rodar a toda força para o Realengo.

Ali, decepção ainda maior o aguardava: a casa estava hermeticamente fechada e do interior não se ouvia o mais leve ruido. Bateu. Nada! Uma vizinha assomou á janella e, com a maior naturalidade deste mundo, lhe foi dizendo, palradora:

— Senhor Fagundes, sua mulher mudou-se, sem dizer para onde. Fazia-lhe companhia um fuzileiro naval grosso e forte como um bonde!

O nosso amigo sentiu por um instante a vista escurecer e por pouco não chorou de raiva. O cerebro confuso negava animar-lhe a lingua saburrosa.

PERDÃO FATAL

(Conclusão)

Forçou a porta e achou-se na saleta vazia. Percorreu todos os commodos. Em vão! Nem mobilia, nem um bilhete, nem o mais leve signal de vida! No chão, conseguira arrancar um mosaico onde escondera algumas centenas de mil réis, antes da partida, julgando um cofre inviolavel e onde faro algum conseguiria chegar. Lá estava o buraco, como uma orbita vazia, e o dinheiro se tinha evaporado.

O cenho carrancudo, os dentes a ranger, os punhos cerrados, elle maldizia todas as mulheres da terra. E jurou a si mesmo uma vingança terrivel.

* * *

Fagundes não desanimára com o primeiro golpe. Não dera, siquer, queixa á policia. Jurou no fundo de sua alma arrancar os olhos á mulher que tão vilmente o trahira, na primeira occasião que a encontrasse.

Com o pouco dinheiro que lhe ficára, reencetou a vida. Trabalhador e economico, dentro de oito annos via o seu capital além do que possuira. Não teve jamais o menor indicio da Josepha. Seus olhos a buscavam baldadamente por toda parte.

No seu coração o odio dormia, terrivel, condensado e augmentado dia a dia, na esperança de pôr em pratica a sua vingança monstruosa. Fechára, depois daquelle dia longinquo e absurdamente desenganador, os olhos á graça das mulheres e os ouvidos ás queixas e cantos de amor.

Encerrado dentro de si mesmo, sem a minima distracção, levando uma vida vegetativa e egoista, começava a sentir o peso da velhice, a melancolia do isolamento, e os seus cabellos se tornavam brancos. Na sua fronte relativamente moça as rugas e os sulcos cavaram lentamente fundos caminhos sinuosos.

Muita vez, ao penetrar no seu quarto de solteirão, sentia uma tristeza infinita e tinha vontade de chorar. Então, a lembrança da mulher infiel fustigava-lhe o coração e o seu rancor crescia assustadoramente, assoberbando-o.

As espaçadas noticias que lhe vinham do seu Estado natal eram, môr parte das vezes, fataes: o tempo, cumprindo o seu destino, ceifava aos poucos os entes que lhe mimaram o berço humilde. Dentro em pouco, via-se inteiramente só, sem ter ao menos a quem legar a sua fortuna, consideravelmente augmentada, quando a morte lhe fizesse a sua funebre visita. E nessas horas de intima e profunda amargura, pensava, momentaneamente, numa mulher que lhe amparasse a descida da vida e lhe herdasse os haveres. Era, porém, um relampago que se abria para immediatamente ribombar o trovão. A idéa morria mal havia nascido.

Dez horas da noite. O Flamengo sorria, offuscando com os seus milhares de lampadas os olhos e os espaços. Ao longo da praia, toda uma multidão fugia á canicula do centro da cidade.

João Fagundes, immerso em sombrios pensamentos, divagava, sem sonhos nem poesias, olhando sem ver as maravilhas do homem e da natureza que o cercavam. Absorto, automatico, cigarro pendente dos labios, que se iam tornando murchos e sem côr, mãos ás costas, media a calçada limpa em passos desiguaes e vacillantes.

Subito, tropeçou num andrajo. E delle uma voz lamurienta gemeu:

— Uma esmola, pelo amor de Deus!

Ia voltar as costas, indifferentemente, quando o som da supplica lhe feriu o tympano, numa recordação. "Conhecia aquella voz — pensou — sem se lembrar de onde".

E fitou a miseravel creatura que lhe estendia a mão, implorando-lhe a caridade.

Recuou, assombrado, como si acabasse de ver um demonio de chifres reluzentes. E como quem sente uma nuvem empanar a luz dos olhos, passou os dedos sobre estes, esfregando-os. Abriu-os. Não se enganára. Estava fóra de duvida. Ali estava, em carne e osso, a Josepha que elle tanto almejava, guardando por oito longos annos um desejo feroz de arrancar-lhe os olhos, como ella lhe arrancára o gosto de viver.

Apalpou um punhal agudissimo que trazia ha muito. Sentiu-lhe a frieza da lamina e se approximou da infeliz mulher atirada ás bordas da miseria.

Ia feril-a. Mas ferir o que? Uma vida que pela natureza estava legada á morte? E legada, como! Em fórma de trapo, quasi transformada em lama! E pensou: "Fôra por demais castigada. O destino não lhe poupára nem a luz dos olhos".

O seu coração rustico foi tocado de piedade e dos seus olhos sêccos as lagrimas rolaram silenciosas pelas rugas da face, num bello gesto de perdão e de esquecimento. Dentro da sua rusticidade, habitava uma alma bem formada.

Abaixara-se, commovido, e, dando o braço á creatura atirada ao lodo, ao quasi nada, como premio da sua deslealdade, notára, que a sua pelle ardia em febre.

— Josepha! Pobre Josepha! Como te encontro! Eu te perdôo em nome de Deus e offereço-te a minha protecção e o meu carinho.

A mulher pareceu duvidar do que ouvia. Elevou os olhos baços para o céo limpido e transparente. Quiz falar e a voz morreu-lhe na garganta. Um frio intenso percorreu-lhe a espinha dorsal, uma convulsão lhe agitou todo o corpo e o coração parou bruscamente, cerrando-lhe, para sempre, as portas da vida!

A RIFA

HONTEM á noite, estive em uma *kermesse* de caridade que se realizou ha dez annos.

Si tudo o que eu digo agora me dissesse hontem á noite algum amigo, eu o seguraria, carinhosamente, pelo braço, e, falando-lhe em voz baixa, o levaria ao hospicio da praia Vermelha. Em verdade, a historia reclamará uma camisa de força, mas o facto é real. Minha situação é prova irrefragavel, e ninguem pretenderá duvidar de meu perfeito equilibrio mental. De qualquer maneira, é prudente que eu exponha as circumstancias do acontecimento.

Hontem, foi quinta-feira. A' tarde, como de costume, eu me encontrava no hospital onde residia e onde praticava minha futura (hoje actual) profissão de medico.

Aurora, minha noiva, telephonou-me, dizendo-me que nessa noite compareceria a uma *kermesse* de caridade, ajuntando que esperava ver-me lá. E indicou-me uma hora.

Terminado meu trabalho no hospital, vesti-me com a minha elegancia habitual, e, em seguida, me dirigi á *kermesse*. Havia passado, com excesso, a hora marcada por minha noiva.

Procurei-a nos salões, mas, naturalmente!, não a encontrei. Dancei com amigas e conversei com amigos. Minha noiva não chegava.

Aborrecido, isolei-me. A sós com meu máo humor, ensaiava phrases e gestos de doce queixa para censural-a. Decorria o tempo, e Aurora não apparecia. As censuras que preparava iam mudando seu tom sentimental por outro mais solenne.

Depois, quando já o desanimo me aconselhava retirar-me, uma desconhecida se aproximou de mim e falou-me.

Olhei-a nos olhos e seu olhar me produziu tal impressão, que não pude afastar os meus de suas pupillas. Escreveria dez laudas sem acertar com uma expressão que definisse — ao menos longinquamente — aquelle olhar extra-humano. Era como si viesse de um espaço sem limites, de um abysmo incolor, defuma distancia impossivel. Era como si enchesse todo o campo visual de meus olhos, como si estivesse em tudo: no sensivel e no insensivel; no presente e no passado; no real, no abstracto e no absoluto. Era como si todo ou estivesse nella e a ella pertencesse... Mas estou divagando. Pois bem: renunciei, por impossivel, a dizer de seus olhos uma só palavra propria... Não existe palavra que possa exprimir a verdade sobre aquelles olhos.

A desconhecida falou... Sua voz!... Outro impossivel! Não tinha inflexões estranhas, mas em sua sonoridade se agitava, tremia um accento... Tragico?... Desolado?... Que linguagem reduzida, que mysterio immenso, o daquella voz!

Disse-me a desconhecida:

— Cavalheiro, uma rifa...

Eu estava immovel e mudo, preso a seus olhos, amordaçado por sua voz.

E ella continuou:

— Compre-me um bilhete. Custa apenas um

— Disse-me o medico que não me aborreça, e não beba mais vinho; isto, porém, é impossivel.

— Impossivel, por que?

— Porque, quando não bebo vinho, aborreço-me de uma maneira horrivel.

De Hugo Dias

anno de vida. Quasi nada. Não acha que é muito pouca coisa? Só um anno de vida...

Um tumulto interior, de assombro e medo ao mesmo tempo, me contrahiu o rosto. Deve ter sido grotesca a careta que fiz.

Ella notou a impressão que me haviam causado as suas palavras.

— Não creio em coisas extraordinarias — disse. — E' uma rifa estranha e original, mas muito simples. Explicar-lhe-ei.

Sorria com sorriso indefinido, de espectro ou de sonho, emquanto falava. E proseguia:

— O senhor fica com um bilhete, e por elle apenas me dá um anno de vida. Si perder, viverá um anno mais além do prazo que lhe deu o destino. Não sabe o senhor que toda a vida tem um prazo marcado pela morte? Pois viverá um anno mais, soffrendo uma amargura, uma angustia, talvez uma tragedia em cada dia. E, si ganhar, terá o premio: dez annos de vida! Ganhará dez annos de vida, tendo de menos, por cada dia, uma amargura, uma angustia, talvez uma tragedia. Esses dez annos passarão pelo senhor sem que os sinta, como por arte magica. Si ganhar, logo que corra a rifa, o que se dará esta noite, o senhor se verá em um salto sobre o tempo, dentro de dez annos. Não lhe parece magnifica a sorte? Vamos! Fique com este bilhete. Fique...

E ella collocou-me na mão um cartão numerado e afastou-se, dizendo-me:

— Desejo-lhe bôa sorte.

Fiquei só. Senti que algo enorme, profundo, inenarravel, passava por mim, sacudia-me a alma, supplicava-me com volupia chineza.

Desesperado, fugi dali. Corri pelas ruas até o hospital, sentindo que me perseguiam aquella voz e aquelle olhar, materializados em duas figuras absurdas, immateriaes e espantosas.

Entrei em meu quarto, aterrorizado e exhausto, com os olhos fora das orbitas. Deitei-me inconscientemente. Immovel no leito, senti que alguma coisa me tirava dali e me arrojava em um espaço infinito, como um trapo perdido em um deserto assolado por ventos apocalypticos.

Meu pequeno quarto de hospital era um universo monstruoso. Desperto, tive horriveis pesadelos. A febre queimava-me. Meu cerebro e meu coração iam rebentar.

O martyrio era insupportavel. Quasi louco, preparei uma seringa e injectei em mim mesmo uma forte dose de morphina. Adormeci.

Aurora, minha esposa, despertou-me esta manhã. Olhou-me com inquietude, dizendo-me:

— Estás um pouco abatido. Terás dormido mal?

Julio e Aurorinha, meus filhos — duas formosuras de crianças — vieram beijar-me.

E, emquanto eu tomava o café, na paz luminosa da sala de jantar, e o lar gozava da tepida serenidade da manhã, um criado entrou para dizer-me:

— No consultorio, estão tres clientes á espera do doutor.

(Ganhei na rifa).

A professora. — Supponho que não me vás dizer que voltaste a brigar, hoje...

O menino. — Não, senhora. E' que hontem nos mudámos de casa, e, a mim, tocou levar o gato.

A BIBLIA DO NORDESTE

A Bíblia do Nordéste, não. A Biblia sentimental do Nordéste. E' um nome mais bonito. Sobretudo mais proprio.

Aquella é erudita e tragica — *Os Sertões*: a historia cyclica da terra e dos lances tragicos do homem num momento critico da psychose politica da Republica.

Esta é uma photographia da alma complexa do Norte, puro filho adoptivo do Sul.

Na Biblia Sagrada está toda a historia da creação, desde os sete dias maravilhósos até o diluvio, e da arca de Noé até o Calvario.

Nesta biblia de que venho falar está toda a historia domestica e toda a historia ambiente deste povo unanime do Nordéste, escorraçado da civilização, deste povo que Deus esqueceu — Deus, quero dizer, comparando mal, os caciques da Republica.

Para o Sul tudo, para o Norte nada.

Quando lá uma vez ou outra um filho do Nordéste chega a ministro ou a tabajára, no Rio, por quatro annos, é que só a bemaventurada nésga de terra que o viu nascer recebe uma aurazinha consoladora.

Pernambuco tem porto, nós sabemos porque. Por esse tempo, na camara baixa e no senado alto, havia tambem benemeritos deputados e senadores, por Alagôas; mas só faziam era dizer apoiado e não apoiado, quando Pinheiro Machado era chamado, por um correligionario de Pae da Patria ou por um adversario de general Pente Fino.

A Parahyba teve obras contra as sêccas e sabemos que tudo aquillo foi obra de Tio Pita, quando estava mandando chuva no Palacio das Aguias.

* * *

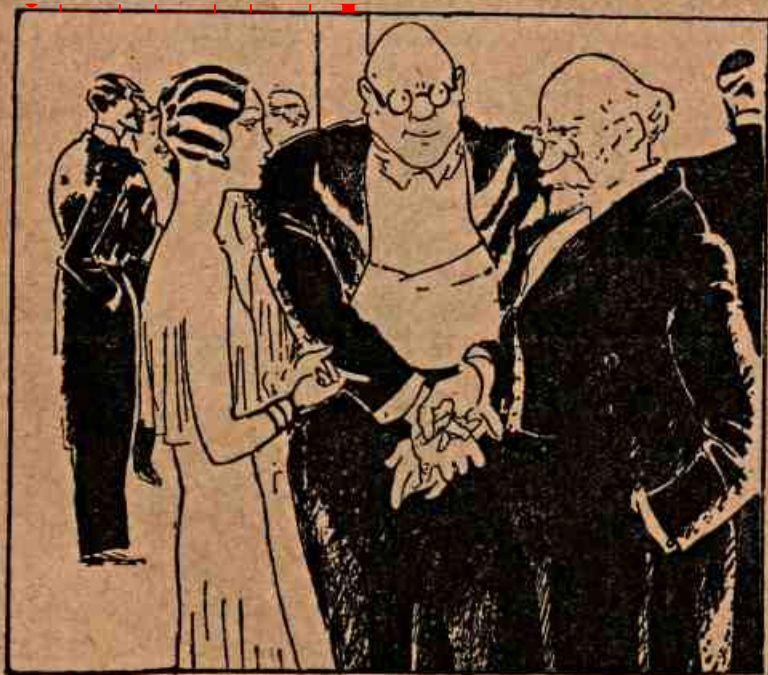
A affinidade tabajára de Gustavo Barrozo trouxe ás estantes da literatura sertanista a mais typica das paizagens sentimentaes do nosso esbrazeado faroéste, ao mesmo tempo que nos deu a conhecer um dos mais fortes, senão o mais autorizado dos estylistas regionaes em Domingos Olympio, no romance barbaro de *Luzia-Homem*. Não dizemos bem barbaro, no sentido dos grammaticos. Dizemos barbaro, communmente, como expressão brutal da terra e da gente.

Com todo aquelle requinte de diplomata, parlamentar, polemista, dramaturgo e publicista, de que nos fala o estheta de *A Ronda dos Seculos*, Domingos Olympio, estimado de Sylvio Roméro, de Bilac e da propria Academia Brasileira de Letras, para onde tentou entrar, com esse grito lancinante da alma sertaneja, nos tempos cavalheirescos de Mestre Verissimo, continuaria ainda incognito e foragido da nossa cultura, si não fôsse a dedicação do autor de *Terra de Sol* pelas letras e motivos selvaticos e si o successo bruto de *A Bagaceira* já não tivesse garantido e esborrado as *burras* do livreiro Castilho.

Antes de certos bosquejos didacticos de Werneck, na sua *Anthologia*, quem tinha por ahi catalogado o talento bizarro desse tolygrapho mecejão, tão dramatico quanto Papi Junior e Rodolpho Theophilo, seus contemporaneos, já alludido pelo sisudo germanista nas *Provocações e Debates*?

Papi Junior, como honrado guarda-livros sem ambição, deu-nos em largos hiatos *Os Gemeos*, *Simas* e *Sem Crime*.

Rodolpho Theophilo, com *A Fome* e *O Paruára*, prescindiu de maiores credenciaes.

Domingos Olympio guardava, como o buzio guarda a voz longinqua do mar, as melopéas das suas tragedias caboclas nas aguarellas dos nossos crepusculos.

DOS MALES O MENOR... — Doutor, parece-lhe mal que as mulheres fumem?
— Não; isto faz com que ellas falem um pouco menos...

Por Maciel-filho

Baqueando de quebrada em quebrada, subindo e descendo encostas, palmilhando areiáes escaldantes, onde dormiram rios seculares, a chamuscada caravana de retirantes, pés lascados pela soalheira e o calor de *figo*, com o cancro da fome roendo, roendo, embala nos seus sonhos o palpite da Terra da Promissão.

Mas a sua Chanaan é o terreiro ingrato donde fogem e para onde voltam em cima dos pés — logo que caiam as primeiras chuvas...

Não obstante a decencia do seu talento, Domingos Olympio limitou-se, por isso mesmo, á literatura dispersiva dos folhetins dos jornaes, onde a sua penna predicava o abolicionismo nos tempos heroicos da ironia desconchavante, quando não se imaginavam sueltos pubos ou barrélas literarias, nem se ia á cadêia por desboccamentos jornalisticos.

Os motivos do matto têm preoccupado hoje em dia até os *nova-seitas* de certa literaturazinha *caminho de rato*.

O estylo peco dos nossos borrachos literarios tem penetrado as nossas caatingas, com a honrosa e excepcional brilhatura numero um desse surprehendente Jorge de Lima através de *Pae João*, *Cachimbo de Barro*, *Inverno* e *Essa Nêgra Fulô*, *vertida* para o hespanhol e o francês.

A mandinga de Ascenço Ferreira, como no seu *Catimbó*, só nos deixa quebranto quando elle proprio nos faz as suas benzeduras.

Tirante disso, homem, sae-te!

Vejamos a musica do que nos chega em variações multiplas, de mais de vinte annos, no saracoteio manco da sua quebreira de vozes propheticas, plangentes e cascateantes, cheias de ingenuidades, promessas infantis, absurdos imaginósos e possibilissimos:

Baiana, pelos carnaubá...
Nós vamo brincá,
Nos Rio de Janêro...
Guerrêro,
Qual é tua sina?
— Morrê nas campina,
No mei'dos terrêro...

Em Palmares...
Chegou um tenente,
Dando pisa em gente...
Fazendo revórta,
Sordado nas pórta
De mulé sem marido,
Ou abaixa o vestido
Ou a chibata córta...

Coroné Carro... (1)
Quando fôr ao Recife,
Me traga dois rife,
Do papo amaréllo...
E u'a parabélla,
Do cano bem grôsso,
Pra dá esse môço,
Pra atirá com ella...

(1) *Cel. Carlos Lyra.*

Arlindo casou...
E' não me convidou!
Que papé frechado...
Casou,
De sapato sem mêia,
A noiva era fêia,
Como um trem virado...

Domingo...
Eu fui á uzina,
E vi a trubina
Pará de repente...
"Seu" gerente,
Tenha mais côidado,
Que no anno passado
Morreu munta gente...

Eu fui...
A' Lagôa de Gato...
Comprei um sapato
Por dois e quinhento...
Eu tenho talento
Que nem um vapô,
S'eu pegá o Nestó
Elle assóbe no vento...

Mais do que a maioria dos nossos pelintras galantes, o nosso caboclo comprehende que é preciso estudar e que futilidades e namoricos não levam á vida.

(Continúa na pagina seguinte)

— De maneira que déste o fóra no Pedro?
— Está claro! Como me poderia casar com elle, tendo o nariz achatado?
— Como foi isso?
— E' que, sem o querer, lhe dei uma tacada no rosto, jogando o golf...

E é um A... é um B...
E' um jóta,
Morena me solta,
Deix'eu escrevê...
Eu quero aprendê
Quatro pêças de conta,
Morena te apromta,
E eu caso com "você"...

Vejamos a poética popular rehabilitando um dos mais puros exemplos da integridade do caracter pernambucano, que os Paes da Patria, em 1922, quizeram levar no arrastão:

Nas inleição
Do "doutô" Lima Castro...
Deu-se um embaraço,
Q'elle não queria...
Deu-se u'a ingrizia,
No pé do palaço,
Q'as bála de aço
Na rua chuvia...

Ouçamos como se satiriza o péga-péga para a revolução de 1924:

Fui chamado...
Pra guerra civí,
Não queria ir,
Meu pae me mandou...
Cheguei lá,
Venci as batáia,
E ganhei as medáia
Do guvvernadô...

Ha innumeras variantes, em sete e oito versos, como uma que ouvimos vogando em Viçosa de Alagôas, ironizando um incidente entre a Municipalidade, que explorava a illuminação publica, e um consumidor de energia electrica:

Doutô Serzedêlo...
O hôme de Viçósa,
Não agoenta prósa,
Fécbou o motô...
"Seu" Saturnino,
O que foi que você fez,
Não pagou o mês
E a luz se apagou...

Em Branquinha, na vespera da partida do cirurgião dentista Odorico Maciel, um dos dois menestreis que *embolavam* ha mais de uma hora, ao vêl-o aproximar-se, cumprimentou-o

A BIBLIA DO NORDESTE

(Continuação)

com estes versos espontaneos que lá ficaram de bôcca em bôcca:

Doutô Larico...
Amenhan vae s'embóra,
Todo mundo chóra
A sua retirada...
Rapaziáda,
Eu aqui não minto,
"Seu" doutô eu sinto
A sua jornada...

Nesse mesmo desafio, uma senhora pediu a um delles que louvasse os encantos de uma deidade ali presente, muito elegante e muito ancha.

E lá saiu este incomparavel panegyrico:

Dona Marinha...
Me pediu com prêssa,
Q'eu tirasse u'a "pêça",
Bem bonitinha...
A cravina
E' fulô encarnada,
Móça delicada
E' dona Therezinha...

O desafio continuou no mesmo diapasão cadenciado e esplendido, em louvação dos que ali estavam:

Eu vou falá...
Na famia Gôme,
Que tem muntos hôme
Da banda de lá... (2)
"Seu" Farnande;
Capitão Juvino,
Coroné Lorentino
E majó Juvená...

"Seu" Zé Lópe...
Seu dinhêro chóve,
Compre um atomóve,
Com dóis aparêio...
Que tenha espeio,
Cuma a luz do dia,
Pra sua famia
Sai a passeio...
Foi ao estranjêro
Comprá u'a uzina...

"Seu" coroné Tino...
E' home de dinhêro,
Comprou um váco,
Comprou um motô,
Comprou um vapô
E dezoito trubina...

"Seu" Zé de Freita...
O senhô vae casá,
E' perciso comprá
Um cabriolé...
A sua mulé
E' bonita e fina,
E' dona de uzina,
Não póde andá a pé...

As vitrolas fizeram-nos conhecer a semcerimonia de um sr. Minona Carneiro, arvorando-se de autor destes versos, falsificados pela sua philaucia de sertanista-amador:

Eu fui...
Na Lagôa de Gato,
Comprei um sapato,
Por dóis e quinhento...
Tem um talento,
Que nem um capão,
Attesta o Nestó
Q'elle assóbe no vento...

Lá está no disco: — Letra de Minona Carneiro.

Tudo isto anda tão bem authenticado aos quatro ventos do nosso esturricado Nordéste, que até enjôa tosquiar-se a um Carneiro destes...

E abusa da renitencia criminosa de deturpar:

No Palmares...
Tem um tenente,
Desarmando a gente
E fazendo revórta...
Batendo nas pórta
De mulé sem marido,
Emendo o vestido
E a chibata córta...

Com estas amostras espontaneas, o menestrel caboclo frisa, na sua indifferença, que ser modernista é bobagem como desgraça pouca. E os enterra com a sua retentiva fabulosa e intérmina, sem codificações verde-amarellas, nem carecer *chuvas de pedra*, nem idiótas comparações da lua com fatias dis-

(Conclúe nas paginas 12 e 13)

(2) Da outra margem do rio Mundahú.

so ou daquillo, nem maginar em "mulheres sonóras que tossem perfumes".

Tão pouco o interessam idéas exoticas como a elegancia daquella "figurinha esguia de aguarella", *tão linda e loira, que de loira e linda é linda e loira!*

Cabotinismo, cabotinismo! Não haverá por ahi algum tangolomango que te faça dar com os costados na casa da péste?

Tudo depende de camaradagem.

* * *

Domingos Olympio galvanizou as paginas do seu romance com tamanha vehemencia no zarcão esfogueado dos nossos sertões, que o seu drama da fome de setenta e sete, por mais que os coévos delle se distanciem, ficará eterno na barra dos nossos rincões escampos, como uma tócha agonizante projectando-lhes a sombra em reflexos perennes.

Tudo está com uma agudeza de observação tão bem focalizada, que, na sua tragedia de estertor, os que ainda sentem uma esperança de vida descrêem das três pessôas da Santissima Trindade para se obse-

A BIBLIA DO NORDESTE

(Continuação)

darem com a peste, a fome e a guerra dos elementos.

Quem, ao abrir do livro, não sentiu aos ouvidos o tléco-tléco compassado e monotono do martéllo do mestre carpina, batendo o ultimo prego, á hora do Angelus, annunciando o termo do trabalho nas obras da cadeia nova!

Quantos Paulinos Uchôa loquazes, Chicas Seridó mandingueiras ou Rosas Veado não existem ahi pelos nossos sertões com as suas benzeduras, *pegando menino* nas horas vagas, para paliar o tempo?

Alexandre e Luiza vieram formar ao lado de Poty e Iracema, de José Dias e Capitú, de Milkau e Maria, de Pacatuba e Rosina, de Ximane e Soledade, que são as pilastras do nosso templo literario.

Luiza symboliza o estoicismo e a dignidade da nossa cabocla, decente e honrada, como Belóta faz ver á concupiscencia de Capriúna:

— Ali é ver com os olhos e comer com a testa ou lamber vidro de veneno por fóra, como rato de botica...

No meio daquella gafeira de instinctos e miseria, sustenta num caprichoso rojão o brio e o pudor até o sacrificio, ante a safadeza incontida e a sendeirice de Capriúna, typo perfeito do patife de farda, como ainda hoje é o soldado dos nossos destacamentos do interior.

Alexandre é a simpleza viva na bondade do nosso caboclo. E' esse extraordinario homem do matto que nos chega escorraçado dos sertões e que nos engenhos é o nosso curáo ou curumba.

Soffre, além do desbaratamento canicular do sertão, a trama de infortunio que Capriúna lhe arremette, levando-lhe até as grades da cadeia immunda.

Luiza, a começo, é o seu consolo entre as grades. O ciume incontido nasce de repente entre elles. E' o terral farfalhante que sibila por sobre as paginas vivas do romance, canção de dôr e agonia de uma gleba.

A historia de *Luzia-Homem* é obra de todos os tempos calamitosos, clareada com o excesso de luz que encandêia a Terra do Sol.

José Americo de Almeida precisa preoccupar-se com ou-

tra *Bagaceira*, desbastando as tintas demasiadamente carregadas do final do seu romance, pois *Luzia-Homem*, não obstante o hiato de trinta e tantos annos, lhe veiu na batida offuscar o heroismo estoico de Xinane e Soledade.

Si Euclydes não tivesse torcido tanto o cipó do seu estylo unico, Domingos Olympio, com o seu geitão simplorio de escrever bem e dizer melhor, sem malabarismo e sem carôço, poria á margem *Os Sertões*.

Além de romance e narrativa periodica, os dialogos trepidam com uma força impulsiva, impressionando pela sua realidade, palpitante e nativa, espontanea e viva, natural, caroavel com o seu heroismo, quasi impossivel para aquelles que desconhecem a vida no nosso *hinterland*.

E' o cantico de amor de uma glêba que se infiltra na cadencia e decadencia da vida, nas suas quédas e ascensões, vivendo e documentando a tragedia das sêccas.

Ao mesmo tempo em que a cavalgada apocalyptica dos elementos abate um mundo, tostado pelo solaréo inclemente, outro surge venturoso e mirifico, no desencadear de trovões

A BIBLIA DO NORDESTE

(*Conclusão*)

garroteando as nuvens, com zigue-zagues de fôgo, abrindo álas ás aguas enxurrantes que tudo lavam e renovam, em brótos de seiva incontida.

Scenas typicas e lances dignos de Finimore Cooper, como as do derradeiro capitulo, estão virgens na nossa literatura regional.

Palliativos de tragedia, poesia e lenda, como a narrativa da Mãe d'Agua, mixto de *folk lore* e phantasia, são um consolo para a imaginação pejada e afflicta com as estertura daquella leva humana em frangalhos.

Fechamos os olhos e tibungamos com a nympha na profundeza do açude immenso, marginado de junco e jasmins borboleta.

Magnifico o caracter irreductivel do velho Marcos.

O mal-assombrado da tapéra é bem uma curiosa observação dos pesadelos da nossa crendice popular acovardada pela superstição e pelo analphabetismo.

Luzia-Homem, drama caboclo de todos os tempos, é a biblia do Nordéste.

Si fosse obra da cultura peréba dos macobêcas que procuram escanchar-se nas chaminés da nossa literatura, não seria surpresa que nos apparecesse mais ou menos assim: *Nascimento-Paixão-Vida e Morte de Luzia-Homem*. Ou apenas *Mulher Barbada*.

Emfim, não será com a substituição dos carros de bois, pesados e rechinantes nos seus cocões, pela *Ford* arisco e buzinante saltando por páos e por pedras, que o sertão se livrará das suas calamidades, das suas insolações inclementes, deixando de ser sertão.

As suas agruras e os seus costumes ficarão eternos nos nossos devaneios, sustidos pela lenda e pelo *folk-lore*, quando o estigma congenito da raça algum dia desapparecer ou se civilizar.

Até que venha a hygiene, o alphabéto, a agua dos poços artesianos, *Luzia-Homem* será o drama perenne do sertão, tão cearense quanto alagôano, e servirá de roteiro aos porvindouros, como ainda hoje as obras de Walter Scott fazem a delicia dos itinerantes que percorram as aldeias poéticas da Escossia.

Bemaventurados os que sonham!

De HERNANDE GORDILLO

ERA uma hora avançada da tarde: a hora do crepusculo. O trem corria vertiginosamente. Levava algum tempo em sua desenfreada carreira, sem ter tido um momento de descanso. Mas já não se podia dilatar muito nesse momento. Ao longe se divisavam, confusas, as luzes da cidade.

Lentamente, o comboio foi parando, e, com espanto indescriptivel, vi passar deante de mim, na ampla *gare*, magestosa, a mulher que, constantemente, entrevia em meus sonhos.

Ao notar a pressa com que andava, imaginei que fosse tomar o trem. E, com o intuito de não perdêl-a de vista, puz a cabeça fóra da janella. Mas, oh, deidade, essencia divina e mysteriosa! Com effeito: aquella mulher, a mulher que sempre sonhára, ia ser minha companheira de viagem.

Precipitadamente, resolvi transportar minha valise para o compartimento em que ella se mettêra, e onde, ao introduzir-se em seu interior, pensei fingir que havia tomado o trem no mesmo ponto que ella. Com uma longa reverencia, fiz-lhe minha primeira saudação. E tão exaggerada deve ter sido esta, que um sorriso ingenuo se desenhou em seu rosto ao notar minha subita emoção.

Ao partir o trem, ella, por uma das janellinhas, deixava sahir a cabeça e uma das mãos, com um lenço que agitava convulsivamente dizendo adeus. Ignoro a quem se dirigia. Recordo-me, apenas, de que me puz a fazer a mesma operação, para dar maior effectividade a meu fingimento. Em breve, o trem nos fez perder de vista a estação, e então ambos cessamos de agitar nossos lenços.

Sentados frente a frente, reinava um profundo silencio entre nós. Furtivamente cruzavamos algum olhar, onde sempre se envolvia algum enigma de meus desejos. Mas minha perturbação não cessou, por mais esforços que fizesse; e, exasperado pelo odio que contra mim mesmo sentia, prorompi em um pranto interior tal, que senti extinguir-se por completo a vitalidade de todo o meu ser, até deixar-me submersos os sentidos em phantasticas e pueris idéas.

Um empregado do restaurante veiu annunciando que ia ser servido o jantar.

Comprehendi a opportunidade, e me apressei a pedir-lhe me concedesse a ventura de jantar commigo, ao mesmo tempo que seria uma alta honra que nunca, por muito que fizesse por ella, poderia merecer.

— E' muito atrevimento — disse-me — sem conhecêl-o, e seria uma indiscreção de minha parte acceder a seus desejos, ainda que estes sejam modestos e verdadeiros. Pois bem: já que demonstrou tão cavalheirescamente essa sympathia para commigo, jantaremos juntos. Mas, com a condição de cada um pagar a sua despesa. Está entendido?

— Embora mais altos fossem meus desejos, ficam sempre humilhados deante do que v. ex. dispuzer.

— Nesse caso, vamos, pois.

— Vamos.

E, com essa base que ella me impoz, nos dirigimos ao restaurante, onde, uma vez accommodados, tudo á minha vista se apresentou obscuro, e só em seu nitido rosto, duplamente favorecido por aquelles olhos grandes, rasgados, negros como azeviche, via clara, resplandecente, a luz artificial.

Acabámos de jantar, e, embora tenhamos gasto bastante tempo nisso, não foram muitas as palavras que trocámos, e, além disso, sem importancia alguma. Quando já estavamos de regresso ao nosso compartimento, notei nella sympto-

mais de impaciencia, e, como eu percebesse o seu estado, ella me disse:

— Horroriza-me sobremaneira viajar de noite sozinha. E' uma coisa que não posso remediar.

— Pois nada tema — disse-lhe, procurando tranquillizál-a — que saberei ser seu fiel guardião.

— Obrigada — respondeu-me; — mas comprehenda que o senhor é, para mim, inteiramente um desconhecido.

— Verdadeiramente. Eu devia ter sido mais discreto, apresentando-me antes. Mas perdôe minha descortezia e permitta-me que o faça neste momento.

Entreguei-lhe meu cartão, que ella leu ávida e promptamente em voz alta:

— *Raymundo Ozmariztegui, Engenheiro de segunda classe de estradas de ferro, canaes e portos.* Muito prazer em conhecer tão amabilissima pessôa. Sinto não apresentar-me em identica fórma. Mas neste momento não tenho nem um cartão. Dolores Leboucourt, compositora profissional de musica.

— Orgulhoso de conhecêl-a, beijo-lhe a mão, senhorita Leboucourt!

— Obrigada! Muito obrigada!

Depois de nossas apresentações, continuei falando mais resolutamente.

— Entre nós, senhorita Leboncourt, ha um enigma que é necessario resolver promptamente.

— Que enigma é esse, senhor Ormaiztegui?

— Um, senhorita Leboucourt, bastante indecifravel. Um que leva envolto a deidade maior do viver sonhando; a melodia de perdidas notas que lançassem ao ar seus gemidos; a belleza nitida como uma corrente; a faustosidade de uma princeza; a simplicidade innata de suas palavras, de seu sentir; a honradez de sua alma limpa de todo peccado; a felicidade constante e nunca prematura do lar com a mulher... tal como v. ex., com a qual sempre me annunciaram, presagiando meus sonhos, que se succedem noite após noite, até que hoje, como enviada por algum instincto conhecedor, tive a alegria de tropeçar ao acaso com ella. Essa é v. ex.

— Sinto, senhor Ormaiztegui, que dessa fórma lhe atormentem seus sonhos. Chegamos onde finda minha viagem. Cure com alguma coisa seu delirio, e até quando Deus quizer que nos encontremos outra vez no mundo, e então... então o senhor me falará de outra fórma.

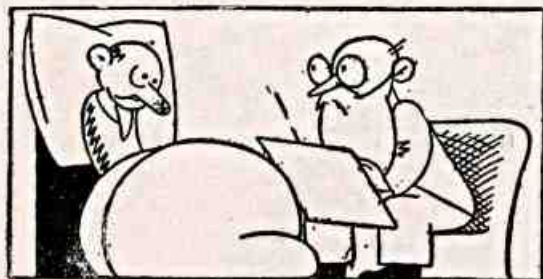
— Mas, como?! V. ex. vae descer aqui?!

— Cheguei a meu destino. Adeus!

E logo comprehendi o que aquella formosa mulher me disse: eu delirava! E não era isso o mal, mas que os sonhos predominam com maiores aggravantes e me apresentam personificada aquella mulher, minha companheira de viagem, minha viajante desconhecida, cuja viva recordação luta em mim, sem cessar.

Bemaventurados os que sonham!

Minha amiga. — A minha morte em condições tão tragicas, certo, produziu em você aquella surpresa, aquelle susto, que acompanha a leitura de taes noticias, quando figura como protagonista um amigo, como no caso, jamais tendo demonstrado idéas tão sinistras. Pois bem, meu suicidio nada teve de original, nem de banalissimo. Foi como todos os outros.

Matei-me, como poderia ter casado ou feito coisa peor. Tambem não o fiz por imitação, nem por amores; por imitação, porque odeio a copia, o macaquismo, e, por amores, porque, havendo tantas mulheres e, dizendo, algumas, amar-me, não seria tão estupido para ter morrido por ellas.

— E deixo toda a fortuna para minha esposa, com a condição de que se case novamente.
— E por que isto?
— Porque desejo que haja alguem que sinta a minha morte.

Cartas e

Ha de ter você feito a interrogação muito simples de não ter eu deixado declaração dizendo dos motivos do remedio extremo. Esse systema, por ser prosaico, é para as meninas chloroticas que julgam ver satisfeitos seus amores em carta extrahida do "Secretario Moderno". O relato das miserias moraes e materiaes em nada viria alterar a decomposição do cadaver, nem tampouco o retaliamento da memoria do visionario. A mim, você não poderá negar intelligencia e, por isso, resolvi, intelligentemente, pôr termo á vida.

E o fiz. Lendo, depois, aqui, nos jornaes, os commentarios, reconheci haver até na morte espirito e presumo ter a minha caveira rido... das estupidezes ditas. Um reporter rebuscou em meu apartamento pretexto para um "furo", e, nada encontrando, classificou-me de "suicida-idealista". Teria acaso *ideal* ao matar-me?

Todo individuo que deliberou morrer, raras vezes, pensou na morte como a que terminou seus dias; pela minha parte affirmo, daqui, jamais ter-me passado pela memoria tal pensamento. Porém, certo dia, scismei não mais viver e o resto toda gente leu: "A morte tragica de

m grego

um moço", e o sub-titulo chavão: "Quando a Assistencia chegou, já o infeliz era cadaver". Retrato, notas biographicas, versões e o enterramento. A mesma praxe para todos os casos; nenhuma variante.

Confesso que, aqui, entre os collegas, repercutiu mal a attitude das gazetas, e não pude esconder meu despeito. Afinal de contas, eu, ahi, não fui nenhum operario, nenhum caixeiro, nem tambem um vagabundo, para bitolarem o artigo sobre a fatalidade do destino que arrebatou tão moço, quando a vida lhe sorria, o nosso collega...". fui mais alguma coisa, e maior repercussão, portanto, deviam ter dado ao facto.

Quem escreve para jornaes não é o empregado apaixonado pela filha do patrão. Ha grande differença. Dahi a minha decepção e razão de ser destas linhas. O meu suicidio servirá de escarmento para os outros. Quem quizer se matar por amor á gloria, ficará conhecendo esta verdade: os periodicos não fazem excepção, commentam o suicidio do banqueiro, como o da corista, do intellectual, como do bonifrates. Não reforçam as côres: vulgarizam a tragedia, dando-lhe, ás vezes, tonalidades comicas.

Não ha mais vantagem em se matar pelas proprias mãos; á força de se repetirem os casos, banalizaram o effeito. Agora aconselho a você, que ainda vive, espalhar aos outros: vivam! Com todas as miserias, com os amores contrariados, fraquezas e perversidades, a vida é tudo.

A morte arrebata tudo e nos atira no cháos profundo do desconhecimento de nós mesmos.

Até o dia do Apocalypse de S. João, minha amiga.

Beijo-lhe as mãos. Admirador, etc.

ADONAI DE MEDEIROS

— Eh!, este senhor deseja um pedaço de madeira que seja bem antiga.
— Ora, um lote que eu tinha da Arca de Noé, vendi-o hontem...

O CRIME DA LOJA

A sala do jury está completamente cheia. Não se tem lembrança de uma affluencia assim. O facto é que, ainda recentemente, fôra executado, por sentença do mesmo tribunal, Jack Davis, por crime de roubo e homicidio. Os jornaes se haviam occupado detalhadamente do assumpto. Nunca, nos annaes do crime, houve caso que tanto sensibilizasse a alma do povo. E si bem que o sentenciado houvesse persistido até a hora extrema no seu inquebrantavel mutismo, deixando pesar sobre si a culpabilidade do delicto, a figura nobre daquelle homem, o seu olhar cheio de indefinivel tristeza, tudo, emfim, calára no intimo dos corações a sombra duma duvida que a sympathia suscitava.

E eis que, de repente, o verdadeiro culpado surge, tardiamente já, levantando mil conjecturas.

Que motivo occulto levára o executado a votar-se áquelle profundo silencio, assumindo a culpa de um crime que não commettêra?! Seria que a sua defesa toda estava em algo que não queria revelar?

E os espiritos, em vão, aprofundavam as trevas.

. . . .

Quando juiz e jurados entram, os cochichos sobre o assumpto empolgante cessam, de chofre, e um profundo silencio pesa sobre a sala.

— Tragam o réo!

Todos os olhares se voltam para a porta pela qual deve entrar o verdadeiro criminoso. Este penetra, a passos lentos, a cabeça baixa, sentando-se á cadeira que lhe é designada.

— Como se chama?!

— John Brook.

— Que idade tem?!

— 42 annos.

— De que naturalidade?!

— Nascido em Washington.

— Casado?!

— Não; viuvo.

— Tem filhos?!

— Não.

— Onde móra?!

— Sem domicilio certo.

— Declara, então, ser o autor do crime por que foi executado Jack Davis?

— Sim, juro-o.

— Sabe que a sua revelação chegou tardiamente?!

— Sim; o remorso só me pungiu após a sua morte.

— Conhece, acaso, a razão por que o extincto, inabalavelmente, se encerrou no seu mutismo?

— Não; mas, talvez que, da exposição dos factos, possam espiritos mais sagazes tirar a luz que não consigo.

— Pois bem, diga tudo pormenorizadamente.

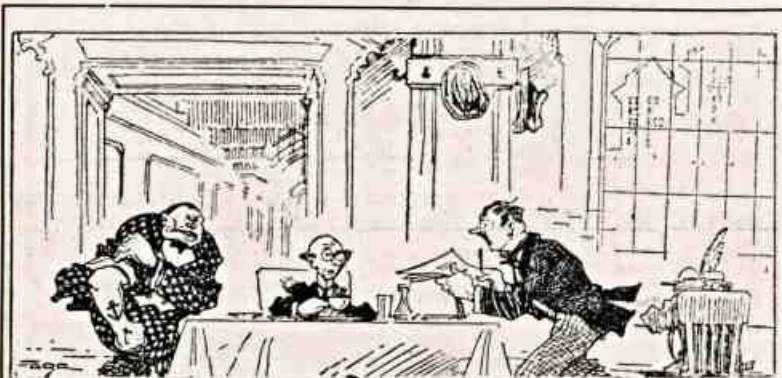
— Havia dias já que rondava aquella loja, buscando occasião azada para assaltal-a. E, nessa noite fatal, já me achava dentro della, prompto a saqueal-a, quando percebi, escondendo-me atraz de um movel, um vulto que se esgueirava em direcção á porta opposta áquella pela qual eu entrára.

"Devo dizer-vos que, comquanto visse logo tratar-se de pessôa estranha á casa, para um assaltante costumeiro, muito deixava a desejar, no requisito de certas precauções.

O vulto em questão vestia uma longa capa, e, a julgar pelo que vi, aquelle andar temeroso provinha de algo que occultava sob ella.

"Vi o sahir; e lembrando-me, então, daquillo a que tinha ido, arrombei o cofre, retirando todo o dinheiro. Tudo teria ido muito bem, si, talvez despertado por algum ruido, não visse em minha frente o vigia da loja. Ameaçava-me com um revolver. Que fazer? Atirei-me a elle. Lutámos. Meu adversario era fórte. No desespero da minha situacção, sabendo que em taes occasiões a demora de um minuto póde ser fatal, craveí-lhe a minha faca.

Eis tudo. Confesso-me arrependido; e a unica complacencia que vos peço é a morte que espero me deis breve."

Faz-se um profundo silencio.

— Desculpe-me, mas parece-me que o senhor agiria com acerto si assignasse, immediatamente, esta apolice de seguro contra accidentes.
— Immediatamente? Por que?
— Porque o senhor está sentado sobre o chapéo do ex-campeão de box...

De João Ramos

quebrado em pouco por certa bulha á porta de entrada.

— Eu quélo o meu papá, eu quélo o meu papá!

E uma loura criança, de uns quatro annos, linda como os anjos do céo, rompendo a barreira dos que a tolhem, se atira pela sala a dentro, indo pôr-se ante o magistrado:

— Eu quélo o meu papá, eu vim buçá o papásinho!

— Mas, quem é o seu papá? — pergunta o juiz.

— "O paesinho tá ati!

E mostrando com o dedinho, num jornal:

— "Eche!"

— Jack Davis?!

— Não sinhô!

— Mas não é este aqui?!

— E'; mas o meu papá si çama Harry Schmidt! O paesinho foi compá echa bunétinha pá eu, e, no ôto dia, pegô ni mim, i sahiu colendo pela zanella, i mi levô munto longe, numa casa munto gande. Botô eu detada no ção, mi bezô munto, munto, dizeno qui eu fitasse quetinha alli, bateu na póta, i foi simbóra, pômettendo qui votava. Eu çolei munto, munto. Dipois, veiu uma moça toda di pêto, cuma cruz, gande mêmo, na chintura, i levô eu pá dento, ondi tava muntas minina. Dipois, hoje, a moça mi trazeu ati, puquê eu vi o retáto do paesinho nêche joná, i diche qui quilia vê elle."

O juiz levanta-se.

— Eu já digo onde está o seu paesinho, mas só se me responder: quando o seu papá lhe deu essa boneca?!

— Eu chei: foi no dia dos meus anno!

— E quando você fez annos?!

— No dia chinco di maço!

Novo silencio. Dir-se-ia ouvir deslisar o pranto pelas faces de todos os presentes. Quanta luz se fazia de repente! Mas tão tarde que vinha!

— Mas onde tá o meu papá? Eu quélo vê elle!

O magistrado toma-a nos braços, e, com uma voz que bem revela o que os olhos se esforçam por occultar:

— Seu paesinho foi ao céo, buscar um anjinho muito bonito para você!

— Ah, foi mêmo?! Qui bão!

E, cessando as palmas, que, no seu contentamento, batia:

— O sinhô póde falá cum elle, póde?!

— Sim.

— Qué levá um recadinho, qué?! Diz pá não si demorá munto, qui a sua Yvettinha tá cum munta sadádi, munta mêmo!

O miseravel culpado soluça.

A criança fóge dos braços que a apertam de encontro ao peito, e indo pôr-se ante elle, soerguendo-lhe com a mãosinha o rosto decahido:

— O sinhô tá çolando?! O paesinho tombem çolava quando eu pidia pá mi trazê uma bunetinha! E' pu isso, é?! Puquê num tem uma pá levá pá sua fiinha?! Qué échar?! eu dô!

O réo levanta-se, cheio de horror, cobrindo o rosto para não vêl-a:

— Oh, levem-me daqui, levem-me, por piedade!

E lá se vae entre os soldados, ante o olhar espantado da criança.

— Venha commigo, venha — diz-lhe uma senhora, arrastando-a pela mão; — você vae ficar em minha casa, até o seu paesinho voltar, quer?!

— Ah, a sinhóla vae mi levá?! Eu tinu tanta vontade di tê uma mãesinha!

E quasi á porta da sahida, no meio do silencio eloquente de todos, ella, desprendendo-se da mão que a conduz, corre para o juiz, cujos olhos já não podem conter o pranto, e, atirando-se em seus braços, numa voz cheia de doçura:

— Eu tinu isquicido...

E depositando um longo beijo na face do magistrado:

— O sinhô leva êche bêzo pu paesinho, leva?!

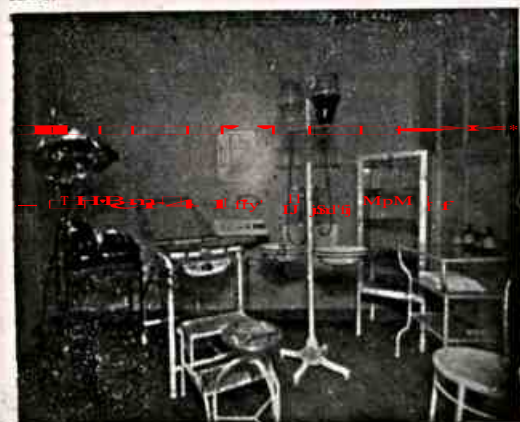
E correndo para a senhora, sahindo com ella:

— Si a sinhóla subésse cumo o paesinho é bão!!!

O vagabundo (ao automobilista, cujo auto se incendiou). — Poderia aproveitar o seu fogo para assar este peixinho?

BAILE NUPCIAL. — Que vontade tenho de que estes convidados se vão todos embora, e nos deixem sós!

— Ai, queridinho! Para que?

— Para me livrar destes sapatos, que me estão machucando atrozmente!

SIMPLES

HORMINO

LEMOL-AS em carteirinha, relicario sagrado de lembranças, de saudades. Quem as escreveu, nunca as mostrou a ninguem. A' amiga mais affectuosa, á irmã mais dedicada não confiára o segredo.

Por desconfiança? Por timidez? Por modestia?

Não. Pensamos de nós para nós que não.

Julgaria talvez ser sacrilegio, profanação á memoria da pessôa querida mostrar as *simples notas*, tão santamente escriptas, tão sinceramente traçadas, a quem a terna angustia nenhum interesse poderia inspirar.

Mostrál-as para que?

Ninguem lhe poderia comprehender as delicadezas do espirito nem imaginar quanto era grande o soffrimento do singelo coração.

Mostrál-as para que?

De joelhos, corações tristes, corações piedosos, pois ahi vão as *simples notas* da doce Sensitiva, puras, innocentes: puras, como o branco suave da açucena; innocentes, como o angelico sorrir da criancinha.

Eil-as:

"Vi-o a primeira vez no carnaval. Gostei delle. Pareceu-me que de mim gostou tambem."

"Dia 24 de março — Compareceu a primeira vez a uma reunião que houve em nossa casa. Estava todo de preto e gravata encarnada. Dançámos até quatro horas da madrugada. E' elle encantador, conversando."

"Todas as tardes passa no bonde das seis horas."

"No dia 6 de abril compareci á festa em casa da prima R.... Foi nosso companheiro de omnibus. Não quiz eu ir de automovel, por ter certeza de que elle nos acompanharia. Até acabar a festa, esteve na calçada opposta."

"Dia 7 — Fomos ao theatro, assistir ao concerto de M. Tagliaferro, e depois á casa de F., onde dançámos até 3 horas da madrugada. Assistiu elle ao concerto e tomou parte no baile."

"Dia 26 — Anniversario de mamãe. Dançámos. Gostei muito, porque C. estava presente."

"Dia 18 de maio — Toquei no concerto em beneficio de uma igreja. Fiquei nervosa, por ter de tocar na presença delle. Não obstante, gostei do concerto."

"Dia 23 de maio — Fomos á casa do conde de O.... Achei a noite deliciosa. Dancei muito. O par era adoravel! Acompanhou-nos até nossa casa. Coitado! Tanto sacrificio!"

"Dia 21 de julho — Tivemos que ir á casa de dona E.; mas sahimos á meia noite para cumprimentar R., que tratou casamento e reclamou a nossa presença. Gostei muito. C. lá estava afflicto por que eu chegasse. Anda elle fraco e pallido."

"Dia 11 de agosto — Perdi o baile da Escola de Direito. Senti muito. Convicto foi elle de que lá estaria eu. Dançou pouco e muito falou em mim."

"Dia 18 — Baile em casa do conde de O. A festa foi excellente. Toquei algumas peças de violino e bandolim. Dancei muito com C. Foi a festa que me deixou mais ternas recordações. Parece-me um sonho! A's vezes penso que estou a ouvir-lhe ainda a voz tão triste! Disse-me que talvez tenha de deixar os exames para março, por ter de seguir para fóra, como juiz

NOTAS

LYRA

districtal. Assim collocado, não demoraria tanto a casar. Perguntou-me o que achava. Fiquei enleada na resposta, mas, por fim, lhe respondi pensar que devia elle concluir os estudos. Tenho presentimento triste: indo, não voltará."

"Dia 20 de setembro — Annos de M. O grupo 18 veiu cumprimental-a. C. compareceu."

"Dia 26 de outubro — Leio no *Petit Journal* a nomeação delle para o cargo de juiz districtal de uma cidade serrana. Que tristeza! Vae para tão longe! Consola-me não nos separar a distancia..."

"Dia 31 de dezembro — Estou triste. Grandes e medonhos presentimentos invadem-me a alma. Para mim foi este anno repleto de felicidades; assim não será o vindouro; dissipar-se-ão todos os sonhos."

"Dia 16 de janeiro — Estive presente á festa em casa das X. Lá encontrei o A., que me disse estar C. gravemente doente e que vieram buscar medico. Que horror! O A. disse-me tambem que C. lhe escreveu, pedindo noticias minhas."

"Dia 24 — Ando muito triste. Desde o dia 16 não tenho noticias do C."

"Dia 26 — Hoje, quando me levantei e fui ao encontro de papae, afim de lhe pedir a benção, entregou-me o *Jornal do Commercio*, dizendo-me, ao mesmo tempo, que C. tinha fallecido! Que horror! Deus meu, dae-me coragem!"

"Todos os dias, rezo por alma delle, e as rezas são orvalhadas com as lagrimas do meu pranto."

"Vou a qualquer casa muito contrariada; porém, não posso deixar de sahir..."

"O pensamento meu só delle se occupa."

"Quando ouço musica, a custo me contenho para não chorar."

"Ao meu violino é que transmitto as mágoas do meu coração chagado!"

"A *serenata de Autrafois* era a sua predilecta; e eu toco-a machinalmente para elle... só para elle..."

"Meu Deus, por que o levaste tão cedo?! A ultima vez que o vi, foi a 3 de novembro... Doce recordação!"

"Não quiz o destino que se realizassem os doces sonhos..."

"Meu soffrimento é atroz... não terá fim..."

E occultando a doce Sensitiva o grande soffrimento, retrahira-se-lhe o bemdito coraçãozinho, como a folha da "mimosa pudica", para assim reter infinito amor.

E a figura delle, a quem tão grande estima dedica, até hoje e em todo o tempo lhe está gravada na retina; até hoje os seus olhos dão signal da grande magoa que lhe invade a alma, a magoa de perdel-o, si alguem lhe fala acerca do predilecto, cujas ultimas palavras, quando della se despedira, não lhe saem da retentiva.

Si é certo não estar a verdadeira felicidade nos bens deste mundo, ditoso será quem, ao passar pela vida, possa aqui deixar tão singela e terna dedicação.

Não sabemos quem mais feliz: si a pessôa que parte, deixando tão grata amizade, ou quem a conserva eternamente com a sensibilidade e o carinho da autora das simples notas."

O narrador. — Já lhe contei o que me aconteceu na Patagonia?

A victima. — E' interessante?

— Sim.

— Então, ainda não m'o contou.

A tosse nocturna é o maior horror dos que soffrem de bronchites chronicas, asthma ou coqueluche. *O Bromil*, sendo um calmante e um expectorante poderoso, evita os accessos de tosse, permittindo dormir tranquillamente, o que é um beneficio e um allivio para os enfermos que, sem o providencial remedio, ficariam expostos ao supplicio das noites em claro.

KOHOUT New York

TOSSE ? BROMIL

ANNO XXV

FON FON

NUMERO 24

Director: SERGIO SILVA

Rio de Janeiro, 13 de Junho de 1931

O PÃO NOSSO DE CADA DIA...

CHARLES Monselet foi, na França, um dos grandes mestres da chronica ligeira, que, depois de haver dispendido, em moeda miúda, e sem contar, o seu espirito e o seu talento, para distracção do publico, morreu na pobreza, quasi na miseria, desgostoso, estarrecido, desesperado de deixar sem recursos, na casa vazia, sua mulher, sua filha e seu filho, como escreveu Gaston Calmette nas columnas do *Figaro*. Monselet era o homem que, através dos *boulevards*, focalizava todos os assumptos da vida parisiense, graves ou frivolos, e delles tirava a essencia, a materia prima, para o regalo dos seus leitores.

Mas a prosa que elle fornecia era tenue, leve, vaporosa.

Que era do melhor quilate essa prosa, não ha que duvidar, pois Victor Hugo fez de Monselet seu conviva muito amado.

E Fialho, quando Monselet fechou os olhos, dedicou-lhe algumas paginas interessantes, nas quaes lobrigamos considerações que ainda hoje se ajustam aos profissionaes do jornal, ou ao que lhes sáe do cerebro...

O elogio da chronica e dos chronistas!

E' o chronista que tem nas suas mãos o fazer derivar a opinião para a esquerda ou para a direita, escreveu Fialho. E accrescentou: "A influencia destes homens no publico é em geral muito maior do que se pensa.

"Não cuidem os austeros tecelões do artigo de fundo, á antiga portugueza, que nós somos de todo nas suas folhas uns simples escamoteadores de phrases coloridas, uns enche-columnas pyrotechnicos e banaes, cujas pasquinadas literarias as mulheres absorvem como um gelado de morango, e os despreoccupados repassam pela vista, sem mais intenção do que matar o tempo que lhes sobra. Erro profundo! No jornalismo, como no parlamento, a multidão ouve de preferencia os que fazem pensar, fazendo-a rir, porque para ella os que têm graça raras vezes podem deixar de ter razão."

Será verdade?!

Vá que seja...

Nós, com um sorriso, deitamos abaixo solidas instituições que repousam muitas vezes em ridiculas convenções sociaes.

Um massudo artigo de fundo, com desaforos e atrevimentos, não consegue esborrachar um governo.

A ironia de uma chronica póde conseguir prodigios, no caso...

Para tanto, basta que o publico saiba sorrir com o chronista.

E essa virtude, saber sorrir, deve ser cultivada, por uma certa coisa que nós sabemos...

Quando mettemos Monselet, Calmette e Fialho nesta chronica, não o fizemos por méra frivolidade.

Quizemos evocar uma immensidade de contingencias fataes da vida, principalmente da de jornal.

O jornalista, que é um pária da sorte, só tem direito de se esgotar na tarefa de fornecer *aos outros* o alimento para o espirito, e, por fim, morre exhausto, na miseria.

Os directores do gremio da imprensa, torturados com esse scenario sombrio, resolveram lançar um programma onde vibra o idealismo mais risonho, mas que não passará para o terreno da realidade, porque no paiz o profissional do jornal não existe.

O que ha é uma dolorosa chaga, que não deverá ser exposta ao sol...

O paiz, sem instrucção, não lê. Logo... a imprensa terá de reflectir esse estado de pobreza, apoiando-se em muletas para viver.

O resto é poesia...

Si morremos na miseria, a culpa não é da profissão de jornalista: é do jornalismo, como affirmou, muito bem, Calmette, ao fazer o elogio de Charles Monselet, ha algumas dezenas de annos, quando nós ainda não tinhamos nascido.

O mundo não evoluiu para o jornalista.

Que nos reste ao menos o sonho de morrer olhando para as estrellas, suppondo que ellas são a nossa fortuna...

M A R I O   P O P P E

Arvore do Bem e do Mal

Claudio França

Os doze Cesares

Julio Cesar era naturalmente moderado, mesmo na vingança.

* * *

Augusto soube temperar a severidade com a clemencia e a moderação.

* * *

A natureza insensivel e cruel de Tiberio se revelou desde sua infancia.

* * *

Claudio foi mais um escravo do que um imperador.

* * *

A atrocidade das palavras de Caligula tornava ainda mais execravel a crueldade de suas acções.

* * *

Nero fazia perecer quem queria e sob qualquer pretexto.

* * *

Galba era precedido de uma reputação de avareza e crueldade.

* * *

Othon foi, desde a adolescencia, um dissipador e um desregrado.

* * *

Os vicios de Vitellio eram a crueldade e a voracidade.

* * *

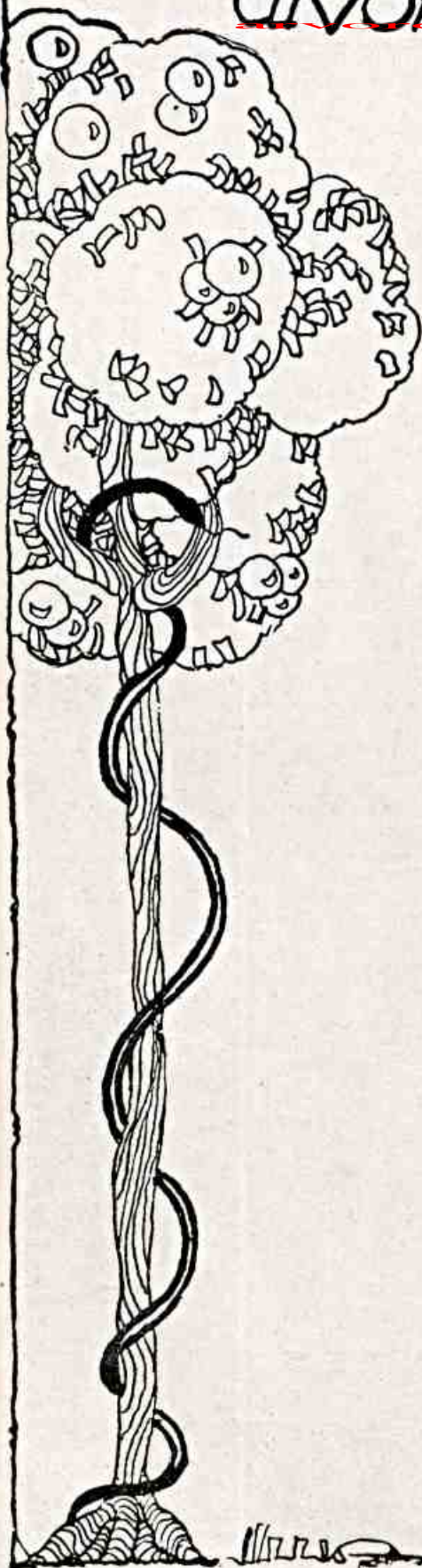
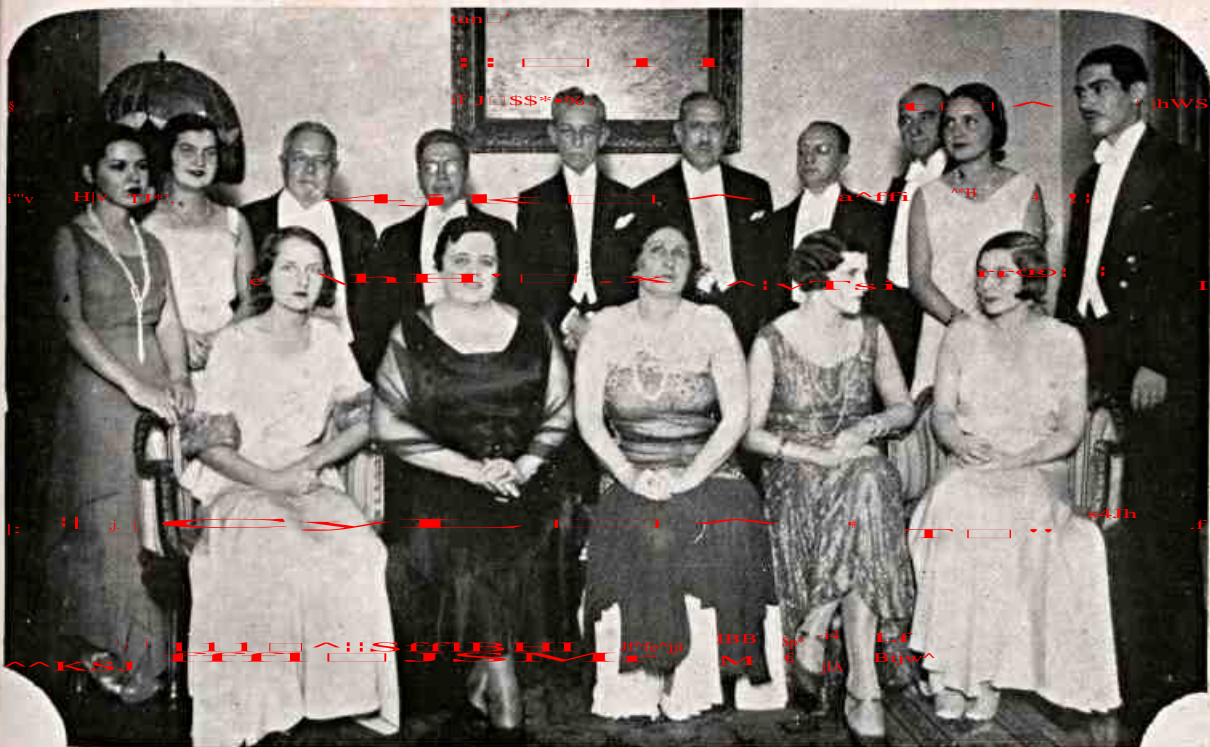
O reinado de Vespasiano, de principio a fim, foi o dum principe affavel e clemente.

* * *

Tito foi o amor e a delicia da humanidade.

* * *

A perversidade de Domiciano era não somente extrema, porem refinada e surprehendente.

(De Suetonio.)

O ministro do Paraguay, sr. Fulgencio Moreno, antes de partir para o seu paiz, offereceu, na séde da legação, um jantar de despedida em honra do ministro das Relações Exteriores, dr. Afranio de Mello Franco, que na presente gravura apparece em companhia do illustre diplomata paraguayo e dos demais convivas do agape.

COCAINA

A tragedia symboliza a vida.

A vingança não é um prazer dos deuses. E' uma arma de dois gumes posta na mão do homem para convencel-o da sua pequenez.

A vida tem duas faces, como a maioria dos homens...

MARCON

A inauguração, sabbado ultimo, do 1.º Salão Feminino de Arte, realizado nesta capital, com expressar uma iniciativa digna de todo estimulo e louvor, traduziu tambem uma victoriosa e magnifica affirmação dos meritos artisticos da mulher brasileira. A cerimonia, que se verificou na galeria da Escola de Bellas Artes, teve uma concorrencia fóra do commum, ali comparecendo, além do ministro da Educação, que a presidiu, outros representantes do nosso mundo official, varias figuras da alta sociedade carioca, em cujo meio se destacava a senhora Getulio Vargas, e numerosos vultos dos nossos circulos artisticos e intellectuaes. Auspiciosa, feliz, sob todos os pontos de vista, a primeira exposição feminina de arte. Um lindo conjuncto artistico que merece ser visto e apreciado. Na galeria de pintura figuram trabalhos de Georgina de Albuquerque, como «Ordenança» e «Na encruzilhada», «Magua», «Primavera»; de Laura Ewthoven — «Les Poteries», «La Maison Blanche», «Portrait de Femme»; as lindas «manchas» de «Santos» e de «Cosme Velho», da senhora Katherina Screvenscka; encantadores trabalhos de Maria Francelina, como «A Hora do Catecismo», retrato da senhora F. N., «Alvorada», «Sertaneja», etc., além de varias telas, dignas de destaque, de outras expositoras. Na secção de esculptura, destaca-se a senhora Lotte Benter Bogdanoff, que expõe dois trabalhos que revelam uma artista de raça: «Cabeça de mulher tartara» e «Força presa».

AZAS DA ITALIA NOS CÉOS DO BRASIL

O feito arrojado do Balbo, fazendo, com a sua esquadrilha de heróes, a travessia aerea da Italia ao Brasil, em poderosos aviões de guerra, acaba de ser symbolizado na pintura magistral de Rosario Bernaudo, o pintor-lyrico, o poeta das tintas e das estrophes sonhadoras.

O embaixador Cerruti, realizando um ardente desejo da colonia italiana aqui domiciliada, encommendou a Bernaudo uma tela de grandes proporções que *ad immortalitatem* unisse o scenario sem par do Brasil á bravura condoreira dos pilotos da Italia.

A tela, que brevemente seguirá para o Instituto Italiano de Aeronautica, em Roma, é das melhores realizações da pintura moderna. A paizagem panoramica, tratada a largas pinceladas, possue uma sobriedade particular nas tintas. A gamma dos azues perde-se nos cinzentos dos longes, mais sentidos na alma, que vistos no quadro; os verdes dos primeiros planos, as massas do casario adormecido nos valles, aquietado nas sombras, têm ousadia pictorica, volume e verdade. No céo, desdobra-se a linha elegante das aeronaves; no mar os torpedeiros sulcam o azul-ferrete das aguas hospitaleiras da Guanabara enfeitada de luzes. O scenario é digno da epopéa.

Damos nesta pagina, além da reproducção da bellissima tela, os retratos de ss. excias. o embaixador Cerruti, culto espirito de patriota e diplomata, a quem se deve a realização artistica commemorativa do celebre feito, e o consul Moscati, forte intelligencia, e que foi um dos mais enthusiastas propagadores da idéa. Por fim, vê-se tambem a photographia do pintor Rosario Bernaudo, que mais uma vez consagrou a sua palheta aos ideaes de approximação dos dois grandes povos latinos, a Italia e o Brasil.

H. de Irajá.

S. ex. o embaixador Vittorio Cerruti, ao alto, no medalhão; á esquerda, o consul da Italia, cav. Riccardo Moscati; á direita, o pintor Rosario Bernaudo. Em baixo, o quadro commemorativo da chegada dos aviadores italianos ao Brasil.

FOI apenas uma fantasia de carnaval.

Como a esposa estava fóra do Rio e elle se achava só em casa, entendeu de matar as saudades da companheira cahindo na pandega.

Procurou conhecer os famosos bailes dos quaes ouvia dizer maravilhas.

Luzes, musica, *champagne*, mulheres!

Que isto devia ser, na realidade, uma deliciosa sensação para quem vivia mettido na santa paz do seu lar, todo entregue aos cuidados da familia...

Foi a um dos taes bailes, e tirou a sorte grande...

Repetiu a bóia com igual successo.

Arranjou uma bella companhia para suavizar a ausencia da esposa.

Quando esta regressou ao Rio, encontrou o marido com varios habitos novos.

A' noite, por exemplo, elle já não gostava de permanecer em casa, como dantes.

E quando sahia, voltava tarde... Houve barulho *na zona*. Elle, que pretendia continuar a pandega *après* carnaval, teve os passos tolhidos.

Mas, a esposa acabou vencendo a partida.

O marido teve de abandonar as fantasias que vinha alimentando desde o carnaval, recolhendo-se, silenciosamente, ás delicias do lar...

Paciencia, porque o mesmo tem acontecido a muita gente bôa.

PARECIA estar tudo acabado, ou, pelo menos, assim fizeram constar não sabemos com que proposito.

E' que *madame* sentiu fundo o golpe, quando vivia embalada no seu lindo sonho, suppondo, talvez, ser *a unica* para o sympathico rapaz.

Quando elle annunciou o seu noivado, *madame* teve uma espantosa decepção.

A custo acreditou na realidade.

O que se passou, na intimidade de ambos, ninguem soube.

Apenas os rumores vieram até os nossos ouvidos.

Haviam rompido relações, definitivamente...

Elle, depois de curto noivado, casou-se.

Vida nova e muito juizo, era assim que o sympathico rapaz dizia aos amigos.

Mas... durou pouco o enthusiasmo pelo casamente.

Pelo menos, temos o direito de assim affirmar, depois do que assistimos o outro dia.

Tarde amena, á hora em que as primeiras luzes illuminam as grandes fachadas dos arranhas-céos.

Os cinemas despejam povo.

Na multidão, distinguimos o sympathico amigo levando, pelo braço, *madame*, seu antigo *béguin*.

No passeio, cada qual tomou o seu rumo...

Mas, então, não estava tudo acabado?...

Que tapeação!...

A joven pianista brasileira senhorita Leonor Botelho de Macedo Costa, que obteve uma brilhante victoria artistica na noite do seu recital, no theatro Municipal, onde se reuniu para ouvil-a a nossa alta sociedade. Sobre os meritos da festejada artista e o exito de seu concerto se pronuncia, na secção competente, o nosso critico musical.

Sofia del Campo é uma voz já conhecida do nosso publico, que a tem admirado ouvindo-a nos lindos discos que gravam o seu virtuosismo de cantora. Pois a illustre artista, tão justamente comparada a Galli Curci, estará no Rio dentro de breves dias, indo exhibir-se no Municipal, onde realizará alguns concertos. Cabe essa iniciativa ao maestro Silvio Piergili.

Balcão Florido

Forma ideal purissima
Della bellezza eterna...

A eterna canção...

HELIANTHO

Meu amor, é com que te acolho ao essa saudação penetrares o portico, engalanado de flores, do meu coração.

Lá fóra, na natureza e nas coisas, palpita um fremito de alegria. A casta volupia do amor tudo espiritualiza num beijo aromal que vagabundeia no espaço. Enchem-se de canções os ninhos pipilantes e os regatos frescos e cantantes enlaçam a terra como braços carinhosos de mulher.

O beijo azul do céo tambem sorri para ti, sob o espasmo de luz com que o sol fecunda a vida.

Festa nas coisas, na natureza, no meu coração...

Eros, como um louco prodigo, faz vibrarem e bailarem nas arvores as hamadryadas da sua inquietação amorosa.

E tu és a hamadryada bemdita da arvore, cheia de flores, e de frutos, e de sombras, do meu coração.

Meu amor, tambem o mar se agita em rythmos de carinho á tua passagem. E alteia o collo inquieto de suas ondas verdes, que vêm morrer a teus pés no manto de espuma que se espalha sobre a areia prateada da praia.

Meu amor, a tarde já começa a cahir, tudo envolvendo no velario côr de cinza do crepusculo. E a tarde enche-se de sons, de sinos, e de palpitações de azas arfantes que se recolhem.

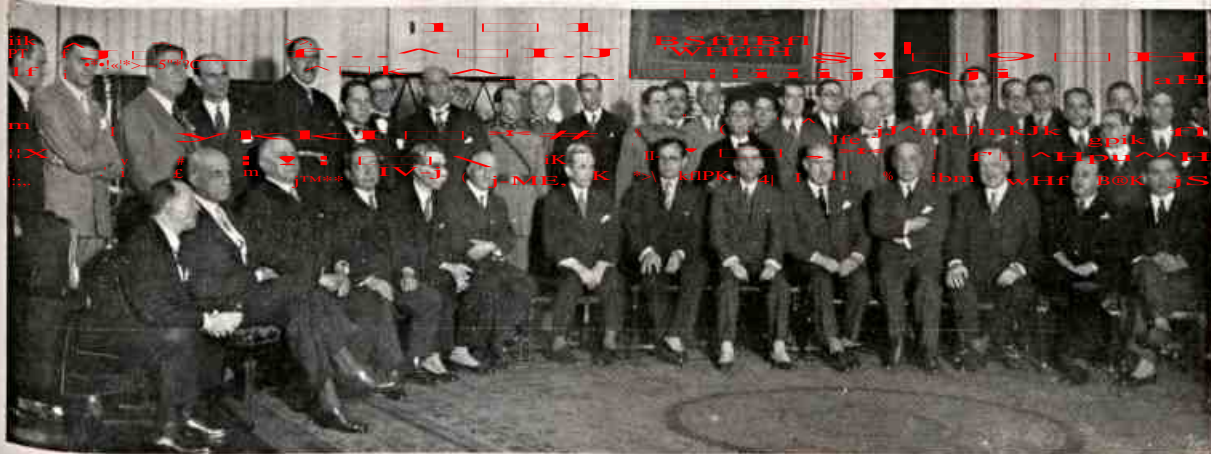
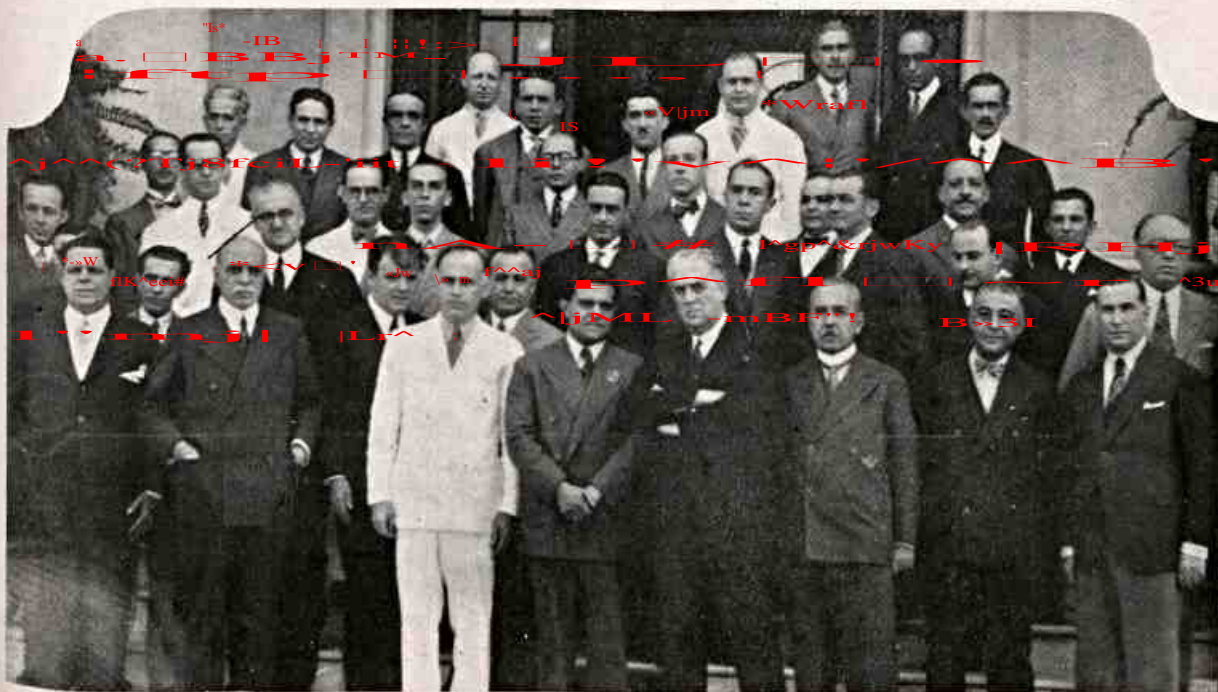
Manso e manso, tua figurinha heraldica, irradiando o mysterio da *eterna belleza*, do "eterno feminino", tambem se recolhe á alcova nupcial do meu coração.

E manso e manso, cerro as cortinas da minha emoção interior, para velar, castamente, o sonho em que me trazes — o sonho desse grande, profundo

Amor che nella mente mi ragiona
Della mia donna.

Alcançou brilhante exito o recital de canto e declamação que as senhoras Léa Azeredo da Silveira e Rosetta da Costa Pinto e a senhorita Nenê Baroukel realizaram quinta-feira ultima, no theatro Municipal, para uma assistencia fina e galante, onde se destacavam figuras representativas da nossa alta sociedade, intellectuaes, artistas e outros elementos de prestigio. Foi executado um programma sobremodo attrahente. As senhoras Léa Azeredo da Silveira e Rosetta da Costa Pinto interpretaram composições dos maiores mestres da harmonia. A senhorita Nenê Baroukel, tão justamente consagrada a «Rainha das Declamadoras Brasileiras», disse magnificamente versos dos nossos grandes poetas e dos poetas de outras terras. Foi uma tarde luminosa, de elegancia e de arte, a que ante-hontem nos proporcionaram as tres illustres e festejadas directoras do Curso de Canto e Declamação, que apparecem na photographia desta pagina: a senhorita Nenê Baroukel, ao centro, tendo á sua direita a senhora Léa Azeredo da Silveira e á sua esquerda a senhora Rosetta da Costa Pinto.

O novo director do Gabinete de Identificação

O dr. Leonidio Ribeiro, medico laureado pela Faculdade desta capital e autor de varias obras scientificas de real valor, acaba de ser nomeado director do Gabinete de Identificação. Para esse alto posto da administração publica, onde dará provas da sua capacidade technica e de trabalho, foi procural-o o espirito clarividente do dr. Baptista Luzardo, illustre chefe de policia do Districto Federal. Festejando a nomeação do dr. Leonidio Ribeiro, os seus numerosos amigos offereceram-lhe, no Beira-Mar Casino, um almoço, ao qual esteve presente a «élite» da classe medica, que saudou o homenageado pela palavra brilhante do eminente professor Afranio Peixoto. Reproduzimos aqui a mais recente photographia do dr. Leonidio Ribeiro e um aspecto tomado por occasião do almoço offerecido ao novo director do Gabinete de Identificação.

Grupo tomado por occasião do almoço de despedida offerecido ao illustre escriptor dr. Ronald de Carvalho, novo secretario da embaixada brasileira em Paris, que acaba de seguir para aquella capital.

JARDIM ABERTO: D. Jayme

Noel Bergamini, mocidade radiosa de intelligencia e de coração, academico de direito e official de gabinete do illustre interventor do Districto Federal, que recebeu, ha dias, por motivo do seu natalicio, uma demonstração de apreço dos seus collegas de estudo e de trabalho.

Prodigios e presagios

CONFESSO que sou supersticioso e que o trato dos livros ainda não conseguiu tirar-me da alma essa reminiscencia dos meus antepassados de longinquas idades. Sei que isso será motivo de riso para os meus leitores; mas, que querem? Cada qual como Deus o fez e a vida o formou. E é melhor ser sincero e affirmar logo o temor da urucubaca, do máu olhado e dos despachos do que affectar fortaleza de espirito e usar uma figa escondidinha.

Fiquei mais supersticioso talvez depois que li um livro antigo, ao qual já por varias vezes me tenho referido nos meus escriptos: o Prodigiorum libellus ou Livro dos prodigios, de Julius Obsequens. Segundo as melhores conjecturas, esse autor viveu na ultima metade do IV seculo de nossa era. Apesar do christianismo que se firmava, continuou pagão obstinado e cria em prodigios de toda a sorte como annuncios e presagios de males particulares e sociaes. Na sua obra, de que se perdeu uma parte, conta-nos coisas do arco da velha. Uma chuva de pedra caïda no monte Albano prognosticou a peste que devastou Roma no reinado de Tullio Hostilio, o qual pereceu victima dum raio. O facto de haverem uns corvos destruido os ninhos das aguias que moravam no tecto do palacio de Tarquinio, o Soberbo, foi seguido da guerra infeliz com os Rutulos e da quéda da monarchia. O apparecimento no céo de lumes em forma de lanças trouxe como consequencia a invasão do territorio romano pelos Sabinos. Um raio que dilacerou a tenda do consul Manlio foi o precursor da sua morte no campo de batalha. Todas as vezes que o firmamento ficava esbrazeado havia guerras contra os Equos, os Volscos, os Hernicos e outros povos da Italia. Uma vacca falou e uma rebellião de bandidos e escravos, chefiada por Herdonio Sabino, apoderou-se do Capitolio. Uma chuva de areia presagiou a victoria dos Samnitas sobre os romanos. A guerra contra Pyrrho teve como annuncio a decapitação da estatua de Jupiter Capitolino por uma faisca electrica, e a dos Picentinos, tres lobos que devoraram um cadaver nas ruas de Roma, em pleno dia. Brotou sangue da terra e das fontes publicas no mesmo anno em que houve o primeiro dissidio entre Romanos e Carthaginezes, seguido de uma epidemia terrivel. Tres luas brilharam no céo e os gaulezes saquearam Milão. No anno em que uma gallinha virou gallo e um gallo virou gallinha, Annibal invadiu a Etruria e ganhou a memoravel batalha do lago Trasimeno. Chuvas de sangue e pedras no Aventino e em Aricia auguraram a derrota de Cannas e a morte de Paulo Emilio. A sedição das legiões da Macedonia foi precedida do nascimento dum cabello numa estatua e o assassinio de Octavio, legado na Syria, teve a indical-o o parto duma mula...

Foi pensando nesses graves exemplos historicos do passado, que eu, pela imprensa, sobretudo na Gazeta, de S. Paulo, e no Diario de Noticias, de Porto Alegre, desde 1923, chamei a attenção de quem de direito para os prodigios que annunciavam as perturbações e complicações por que tem passado o nosso paiz. Ninguem, infelizmente, me deu o menor credito. Os factos, porém, se succederam e me deram razão.

Senão, vejamos.

Em 1923, no mez de abril, os jornaes de Recife, noticiavam a chegada ali, vindo do interior, dum homem-macaco. Era um individuo pardo, de vinte annos presumiveis, idiota e mudo, de 1 metro e 15 centimetros de altura, pesando 23 kilos. Fiquei assombrado. Lembrem-se quanta coisa acontecem! A revolução de S. Paulo, o intranquillo quatriennio Bernardes, as conspirações, a columna Prestes, Catonduvas, a Clevelandia, o diabo...

Em março de 1927, veiu de Fortaleza a nova de que os cabellos duma senhora da cidade do Aracaty, após um banho, tinham pedrado. Lancei o alarma pelas folhas cariocas. Nem o sr. Washington Luis, nem o sr. Julio Prestes, nem o sr. Mattos Peixoto ligaram ao caso a menor importancia. Pressagio cruel chamei-lhe eu, e elles, no dolce farniente do poder, cerraram ouvidos á voz das potencias occultas que os prevenia...

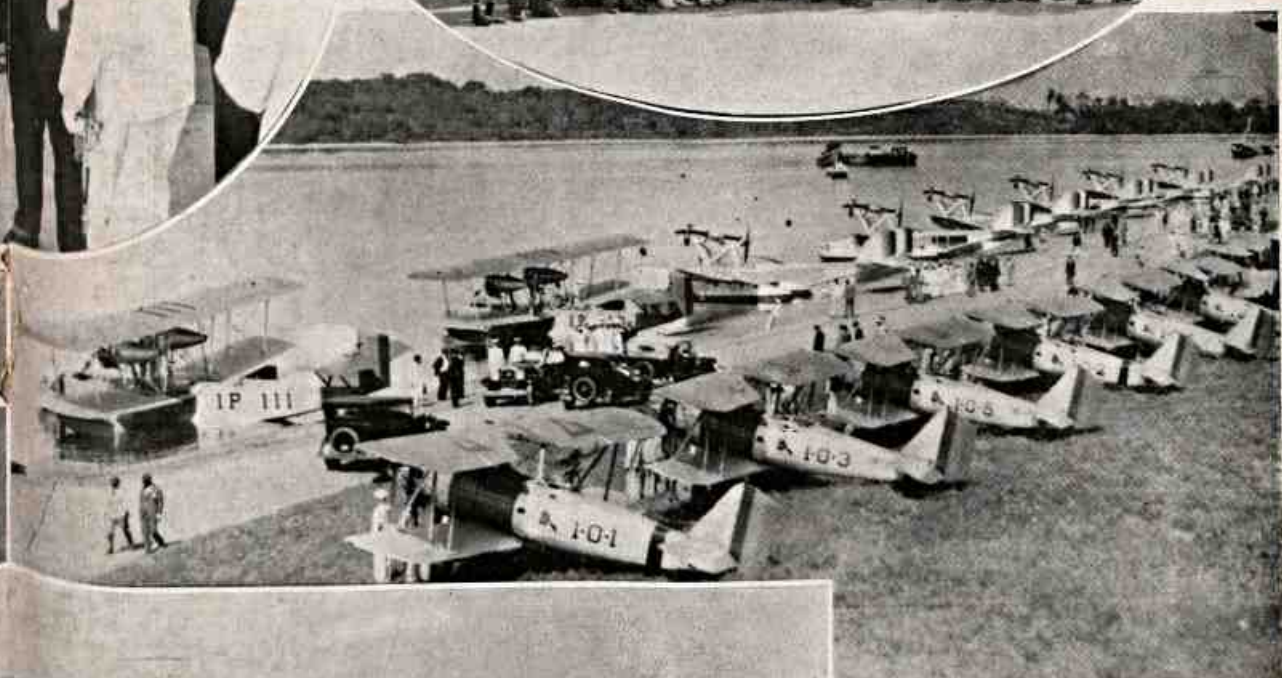
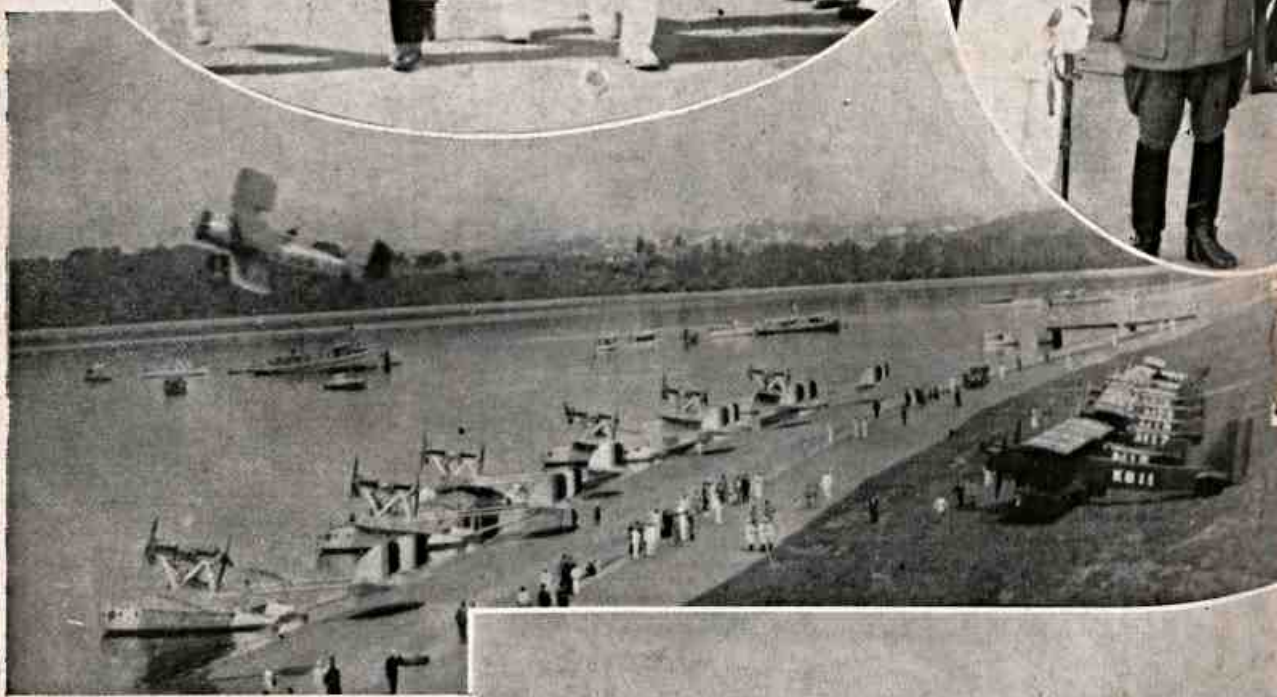
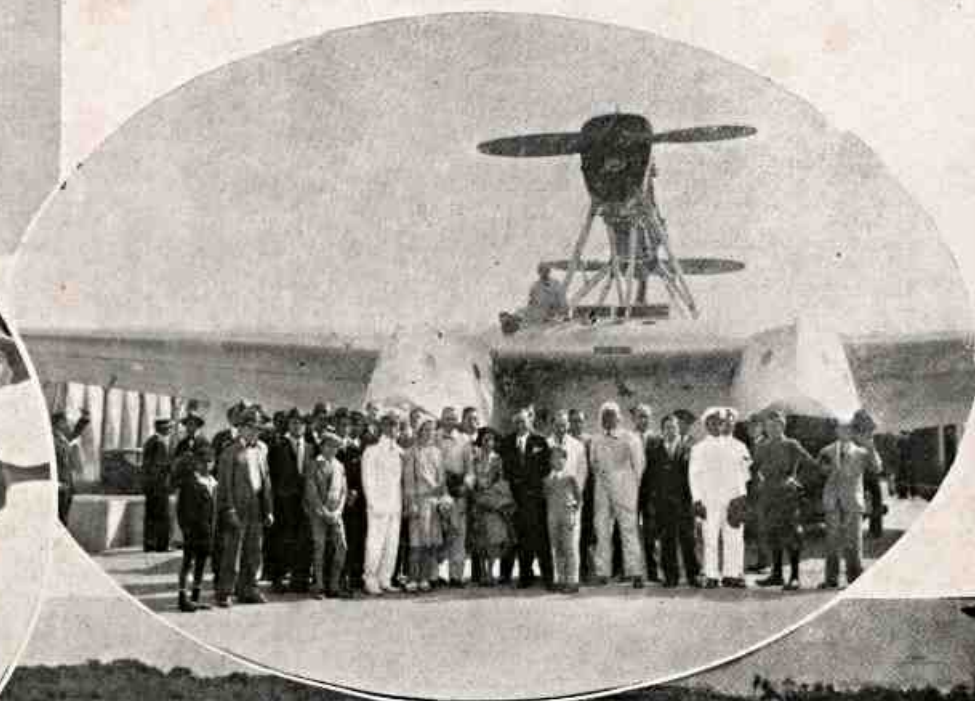
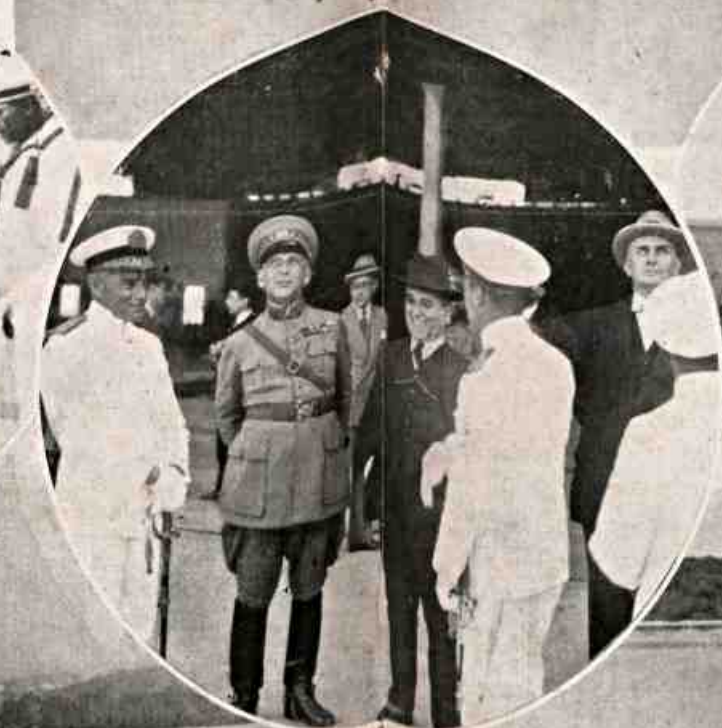
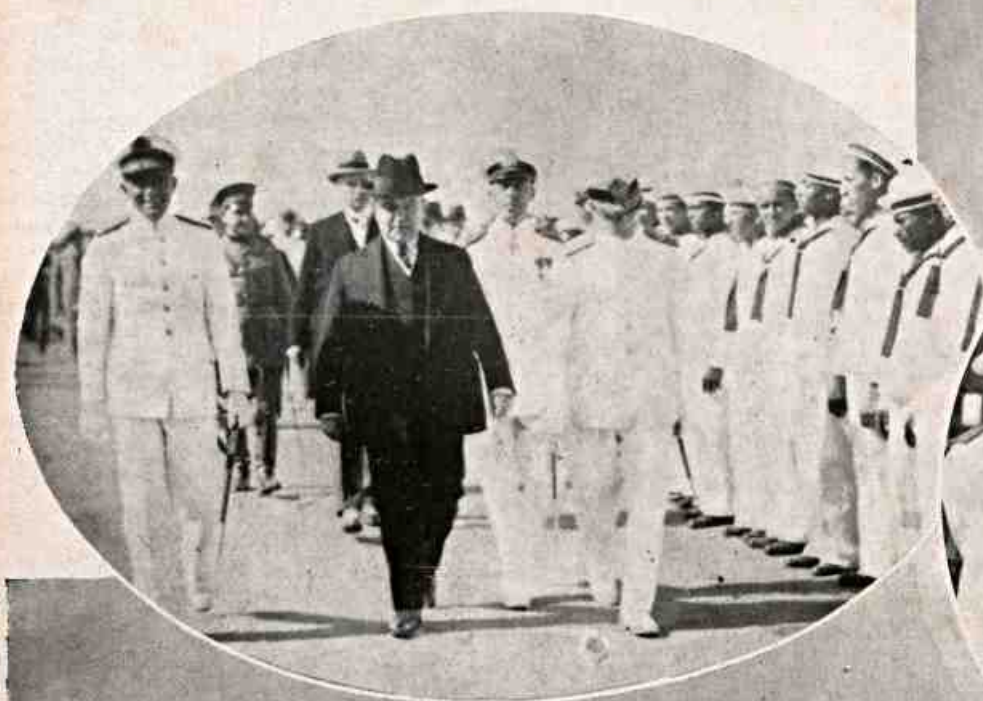
Emfim, em 1929, ainda no Ceará, na cidade sertaneja de Aurora, uma mulher deu á luz tres crianças vivas ligadas pelas cabeças. E eu gritei. Elles, porém, continuaram surdos. O resultado foi o que se viu: os tres, bem ligadinhos, foram depostos pela revolução victoriosa.

Tenho ou não razão de ser supersticioso?...

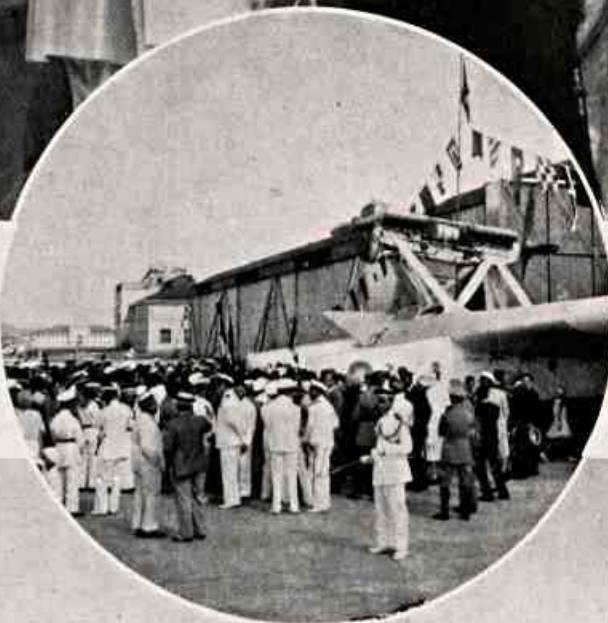
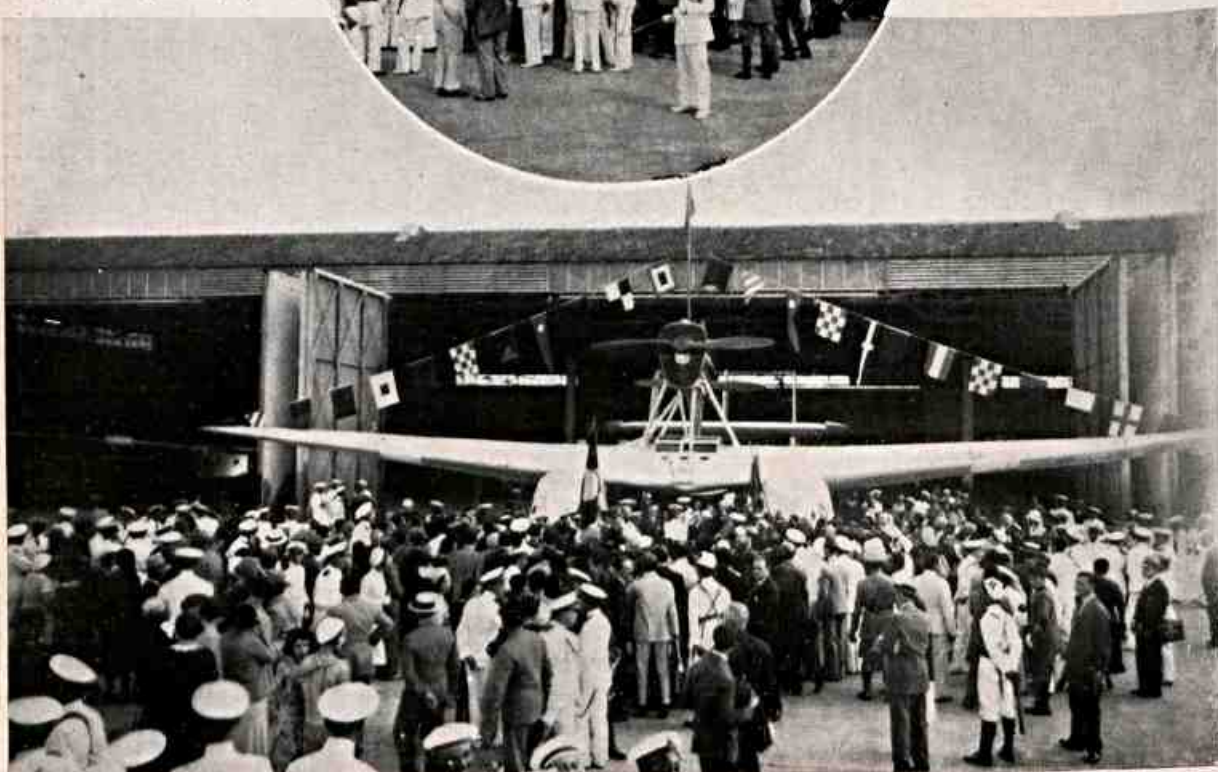
Mais um livro sobre a Revolução... Parece que já estava completa a lista. Todo mundo falou, toda gente depoz, tudo quanto foi revolucionario appareceu, escrevendo ou sendo entrevistado. O caso, agora, é outro. O sr. Arnon de Mello, que é jornalista — e dos mais capazes — fez uma serie de entrevistas com os politicos que ficaram sem trabalho, em virtude da Revolução. Esse livro — «Os sem trabalho da Politica» — reúne todas as entrevistas. Lá estão as opiniões mais diversas e curiosas. Além disso, bem escripto, num volume excellente feito pela casa Pongetti, com um prefacio do sr. Gilberto Amado e illustrações do caricaturista Alvarus. E' por tudo isso que o livro vae ser muito lido e já está sendo procuradissimo nas livrarias, em cujas montras acaba de apparecer.

O dr. Agnello Cerqueira, conceituado especialista odontologico nesta capital e docente da Faculdade de Odontologia da nossa Universidade, que acaba de ser distinguido pelo governo de Cuba com o grão de Cavalleiro da Cruz Vermelha Cubana, em reconhecimento da sua actuação no 3.º Congresso Internacional Dentario Americano, como delegado do governo brasileiro.

O Serviço Central de Transportes do Exercito, confiado á operosa e intelligente direcção do coronel Emygdio Serôa da Motta, realizou, quarta-feira penultima, a inauguração de vários melhoramentos introduzidos naquelle departamento militar pelo seu actual dirigente. O coronel Serôa da Motta convidou para assistirem a essa solennidade o sr. ministro da Guerra, general Leite de Castro, e outras altas figuras do Exercito, que, depois de um ligeiro passeio pela bahia a bordo do rebocador «Marechal Bernardo de Vasconcellos», tambem inaugurado nessa occasião, visitaram demoradamente todas as dependencias do velho edificio do S. C. T., no campo de S. Christovão. Estão nesta pagina vários flagrantes da ceremonia inaugural dos novos melhoramentos do Serviço Central de Transportes do Exercito.

A PARADA AEREA NA PONTA DO GALEÃO

Foi um espectaculo magnifico, em que sobresahiram a pericia e a bravura dos nossos pilotos militares, a parada aerea que se realizou quinta-feira penultima, na Escola de Aviação Naval, na ponta do Galeão, por iniciativa do almirante Protogenes Guimarães, então director da Aeronautica. Os aviadores da Marinha e do Exercito prestaram, nessa festa empolgante das azas brasileiras, uma homenagem bem expressiva e bem tocante á memória do grande «az» italiano Umberto Maddalena, cujo nome foi dado a um dos apparelhos da gloriosa esquadrilha Balbo, hoje incorporada á nossa Aviação Naval. As dependencias da Aeronautica, na ponta do Galeão, encheram-se, na manhã de quinta-feira, de elementos representativos das nossas classes de «élite», vendo-se alli membros do governo e da sociedade, interessados em acompanhar

...oluções dos apparelhos da Marinha e ... Exercito. Entre as altas autoridades pre...ntes, estavam o chefe do governo provi...rio, dr. Getulio Vargas, os ministros Con...do Heck, Leite de Castro, Oswaldo Ara...ha, Lindolfo Collor, Francisco de Cam...os e José Americo de Almeida e o inter...entor Adolpho Bergamini. Compareceram ...mbem o embaixador da Italia, membros ... Missão Franceza, etc. O chefe do gover...o provisorio, logo que desembarcou na ...onta do Galeão, se dirigiu para o pavi...hão central, acompanhado de outras pes...oas gradas, passando em revista a guar...ição da Directoria da Aviação Naval e os ...pparelhos enfileirados. Dali, s. ex. assistiu ... parada aerea, que se seguiu á cerimonia ...o baptismo do hydro-avião «Umberto Mad...lena», realizada antes. A nossa pagina ...caliza os detalhes mais interessantes dessa festa de aviação.

A cerimonia do baptismo do hydro-avião brasileiro «Umberto Maddalena» precedeu o desfile aereo de quinta-feira penultima, na ponta do Galeão. Assistiram-na o dr. Getulio Vargas e todas as demais autoridades presentes. Após a solennidade catholica da benção do apparelho, presidida pelo bispo d. Mamede, o dr. Getulio Vargas descerrou as bandeiras brasileira e italiana que cobriam o avião, apparecendo, então, um retrato autographado de Maddalena e uma placa de metal com o nome do grande piloto da Italia.

No 30.º dia da morte do grande jornalista Eurycles de Mattos, os seus companheiros d'«O Globo» e os seus amigos prestaram á sua memória piedosas e commoventes homenagens. O seu nome foi repetido, com saudade, pelos poetas, pelos oradores, pelas declamadoras e nos officios funebres. E o que foram essas homenagens dizem, melhor do que as nossas palavras, os flagrantes photographicos que aqui estampamos. Ao alto, se vê um aspecto da missa celebrada na igreja de São Francisco Xavier, por monsenhor Mac Dowell; ao centro, as pessôas que tomaram parte na sessão realizada no theatro João Caetano; em baixo, a inauguração da rua Eurycles de Mattos, entre Laranjeiras e Conde de Baependy, quando falava o nosso confrade Rafael Barbosa.

UMA NAMORADA DO BRASIL

MOÇO e bonito, no verdor dos seus quatrocentos e trinta e um annos, o Brasil tem conquistado muita affeição, por este mundo a fóra.

Muitas mulheres, sobretudo, lindos espiritos de aquem e de além-mares, desde que o viram, tomaram-se de amores por elle.

Foi o que aconteceu, tambem, com a escriptora austriaca dra. Ernesta von Weber.

Depois de percorrer uma bôa parte do planeta em que vivemos, de conhecer paizes de todos os aspectos e feitios, findou gostando do nosso e ficando aqui em casa, no seio da nossa gente.

Emquanto os homens, quasi todos, passam pelas nossas avenidas vertiginosas, pelos hoteis babylonicos, pelos predios gigantescos, e vão dizer lá fóra que viram malócas de indios, macacos e jacarés, ella chama a attenção dos nativos, aqui dentro mesmo, para as bellezas da nossa alma e da nossa paizagem.

Que excellente lição de optimismo se encerra nas paginas do livro "O Brasil que eu vi", que a dra. Ernesta von Weber publicou, ha pouco mais de anno!

Como é grande, através das suas palavras, a literatura, a sciencia, a arte, a civilização desta patria verde-amarella!

Agora, com a victoria da revolução, para a qual ella foi uma das poucas mulheres a contribuir realmente — a ponto de soffrer do governo deposto alguns dias de prisão — a dra. Ernesta von Weber vem a publico dizer o que pensa dos homens que movimentaram a rebeldia nacional.

Dra. Ernesta von Weber, que acaba de publicar o seu novo livro — «Figuras da Revolução», onde se movimenta a vida brasileira dos nossos dias, com os céus homens de maior evidencia na actualidade politica. Nesta pagina, que publicamos com atrazo de duas semanas, Oswaldo Santiago traça, luminosamente, o elogio da escriptora e da obra, cujos meritos realça com justiça.

E é curioso ver-se como as suas observações, reunidas em volume sob o titulo de "Figuras da Revolução", apresentam retratos fieis, de uma exactidão psychologica admiravel.

Os perfis dos srs. Antonio Carlos, Juarez Tavora, José Americo de Almeida, Edmundo Bittencourt, Macedo Soares, Tasso Fragoso e Oswaldo Aranha são paginas profundas, dentro da leveza com que estão escriptas.

Outra pagina brilhante é a que homenageia a memoria de João Pessôa.

Todas as figuras, em summa, das quaes a dra. Ernesta von Weber se occupou, desde o sr. Getulio Vargas ao sr. Moraes e Barros, desde o sr. Leite de Castro ao sr. Francisco Campos, todas ellas ganharam um relevo extraordinario e quasi sempre justo.

"Figuras da Revolução" é um livro, pois, que interessa e seduz, apesar do seu espirito constructor e apologético, contrario, portanto, á tendencia demagogica da alma collectiva.

Interessa — porque se trata de assumptos nossos, de homens e factos do nosso ambiente, vistos por uma creatura estranha, embora identificada com tudo que nos diz respeito.

E seduz — porque se trata de um livro feminino, escripto por uma mulher encantadora sob todos os aspectos, e escripto com belleza de estylo, de linguagem e de pensamento.

A dra. Ernesta von Weber é uma sensibilidade de excepção, bastante para caracterizar uma geração feminina e a sua época correspondente.

Para breve, não descançando do seu intenso labor mental, ella annuncia um trabalho completo e minucioso sobre um dos maiores vultos da actualidade nacional — o grande batalhador Adolpho Bergamini.

E' assim que ella demonstra o bem que nos quer.

Cumpre, agora, que nós lhe paguemos na mesma moeda, dando-lhe, além da hospitalidade, affeição e carinho.

Porque a dra. Ernesta von Weber é, indiscutivelmente, a melhor namorada que o Brasil já teve.

Tem formosura, talento e bondade.

E é tudo.

OSWALDO SANTIAGO

O Museu Nacional, de que é director o eminente scientista dr. Roquette Pinto, commemorou, sabbado ultimo, o 114.º anniversario de sua fundação, realizando para isso uma brilhante solennidade glorificadora da obra do sabio naturalista dinamarquez Peter Wilhem Lund, a quem o nosso paiz, onde elle viveu longos annos, deve importantes descobertas no dominio da paleontologia. Foi officialmente recebido o medalhão em bronze com a effigie de Lund, offerecido ao Museu Nacional pela «Carlsberg Fund» e pela Sociedade Amigos de Lund, de Copenhague. O chefe do governo provisorio, dr. Getulio Vargas, acompanhado do ministro da Educação, dr. Francisco de Campos, compareceu a essa cerimonia, estando tambem presente o ministro da Dinamarca, sr. Franz Boeck. Essas tres illustres personalidades apparecem alli, na gravura acima, em companhia do director do Museu, dr. Roquette Pinto.

MYTHES, CONTES ET LÉGENDES DES INDIENS

Referindo-se ao livro de Gustavo Barrozo publicado em Paris pela livraria Ferroud, em luxuosa edição, *Mythes, contes et légendes des Indiens*, escripto directamente em francez pelo nosso companheiro, o grande escriptor inglez Cunninghame - Graham escreveu estas palavras: "*Mythes, contes et légendes* bem merece, ou mais que merece, sua luxuosa edição e as bellas gravuras que contém. E' realmente um *tour de force* escrever um livro tão nacional em idioma alheio. Parece-me, embora estrangeiro, que o francez é muito puro, que é muito francez, e que quem o escreveu não baila com *grillos*, o que não é corrente entre os que manejam uma lingua que não mamaram com o leite materno. Ha exemplos em contrario, todavia. Nosso grande Joseph Conrad foi um delles. Salvador de Madariaga é outro. E agora Gustavo Barrozo veiu completar a trindade."

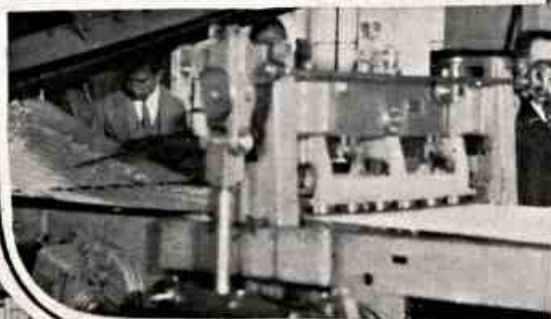
O sr. W. A. Craigie, professor da Universidade de Oxford, notavel folklorista, especialista em literatura escandinava, que acaba de fazer um curso applaudidissimo na Universidade de Chicago, expressa-se sobre o mesmo livro da seguinte maneira: "Li *Mythes, contes et légendes* com o mais vivo interesse. Fiz nelle optimo estudo sobre o numero das palavras tupys citadas, verificando que essa lingua, bem como o quichua, forneceram á ingleza o maior numero de nomes dos animaes, das plantas, etc., da America do Sul."

Em Max Fleiuss se alliam o escriptor e o historiador. Tanto é um dedicado á busca do documento, um esforçado manipulador de archivos, como um estylista claro, facil e cheio de vibração. A sua vida decorre no grande ambiente de abnegação e trabalho que é esse extraordinario Instituto Historico, padrão da nossa cultura, marco da nossa vida social, corporação que honra a um paiz. E, servindo-o fielmente como seu secretario perpetuo, Max Fleiuss não cessa de trabalhar, publicando constantemente magnificos trabalhos historicos. Nestes ultimos dias, vieram a lume duas bellas obras suas: o substancioso volume intitulado «Paginas da Historia», versando factos da Independencia, e a brilhante monographia sobre «Rio Branco», inserta no boletim daquella illustre casa.

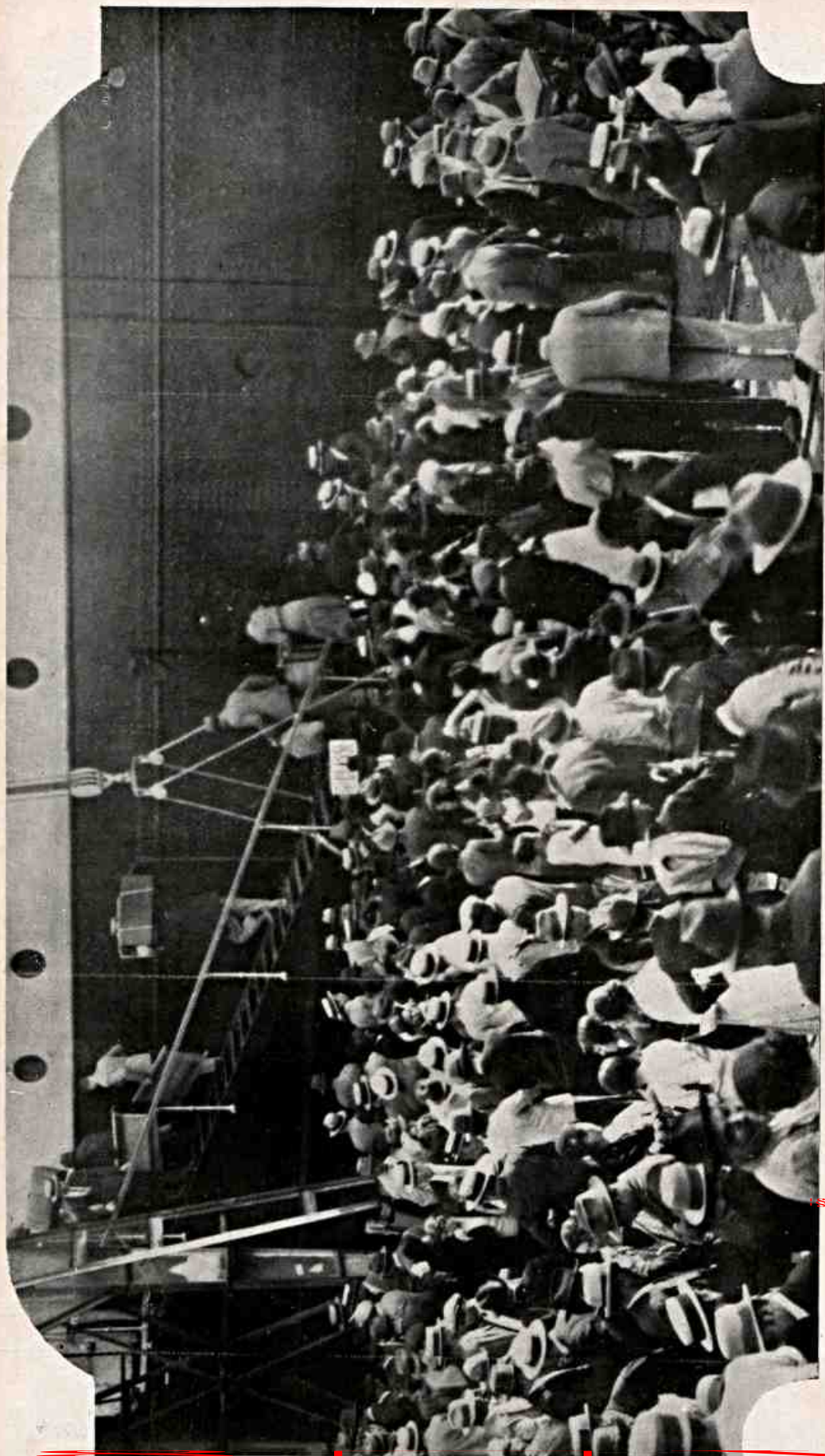
FOOT-BALL

Fluminense — Botafogo, Vasco — Bangú... Foram os dois jogos do campeonato carioca de football que mais interesse despertaram, domingo passado, aos apreciadores do prestigioso sport. O primeiro realizou-se no campo do Fluminense F. C., na rua Alvaro Chaves, que se encheu, por isso, de uma assistencia numerosa e enthusiastica. Feriu-se o segundo no stadio do C. R. Vasco da Gama, em São Januario, que apresentava aspecto não menos empolgante. A nossa pagina focaliza os lances mais emocionantes desses dois encontros do campeonato da cidade.

O dr. Baptista Luzardo visita o Moinho Inglez

O illustre chefe de policia posando entre os convidados e Mr. Gregory, gerente do Moinho Inglez.

Um aspecto da fabricação de biscoitos, na qual os illustres convivas constataram a maneira pratica e asseada como são fabricados os productos do Moinho Inglez.

Os illustres visitantes apreciando o acondicionamento dos biscoitos «Aymoré».

O dr. Baptista Luzardo e sua exma. esposa saboreando os deliciosos biscoitos «Champagne».

O progresso do Lloyd Brasileiro

A administração do sr. Mario de Almeida no Lloyd Brasileiro vem se recommendando dia a dia mais aos applausos da opinião nacional, tal o impulso renovador e efficiente por s. s. introduzido na nossa maior empresa de navegação. O serviço de carga e de passageiros dos vapores do Lloyd offerece hoje as maiores vantagens aos interessados, o que se poderá evidenciar da sua extraordinaria intensificação nestes ultimos mezes. Os navios que fazem a linha Santos-Hamburgo conduzem geralmente numerosos passageiros, sendo de notar, agora, a preferencia dada aos mesmos pelos elementos da colonia portugueza que viajam de 1.ª ou de 3.ª classe. Essa preferencia, aliás, bem se legitima dados o conforto, o bom passadio e a modicidade dos preços das passagens dos vapores da carreira da Europa, como o «Siqueira Campos», o «Almirante Alexandrino», o «Bagé» e o «Ruy Barbosa», que se vê na gravura acima, no momento em que recebia passageiros com aquelle destino. Não só, porém, o movimento de passageiros tem tido notavel incremento: tambem o de cargas, tal a segurança offerecida aos embarcadores de mercadorias para os portos europeus e nacionaes. Tudo isso, além da pontualidade nas partidas e chegadas dos navios da frota do Lloyd Brasileiro, tem contribuido poderosamente para o augmento que se vem observando da renda da empresa, assim na sua séde central nesta capital como em todas as suas agencias no paiz e no estrangeiro.

OS SETE DIAS DE "FON-FON" NO CINEMA

"A Grande Jornada"

(The Big Trail)

Producção
FOX MOVIETONE

Interpretes:
JOHN WYANE
MARGUERITE CHURCHILL
TULLY MARSHALL
TYRONE POWER
EL BRENDEL

Direcção de Raoul Walsh

Um lampejo de vingança passou nos seus olhos.

Que horror!

No anno de 1836, uma pequena parte do territorio norte-americano, as costas do Atlantico, era a unica que podia considerar-se povoada.

O restante, especialmente todo o oeste do rio Mississipi, era um deserto immenso.

Assim, desde os primeiros tempos, o homem, o eterno aventurviro, caminhava através o Occidente, em busca de campos ferteis, ricos de pastagem e habitações — dondo a promessa de um futuro confortador para a construcção de seu lar risonho.

Desta maneira, ha quasi um seculo, a inquietação e o impulso da vida errante, haviam-se apoderado do espirito dos povos do Novo Mundo. Missionarios, homens, mulheres e crianças se congregaram num só ideal, e diffundiram os seus esforços e sacrificios na conquista sublime de maravilhosos terrenos que haviam encontrado na grande jornada, numa penosa e heróica abnegação que surgiu afinal na maior gloria de um povo!

Vencendo e lutando pela obtenção de desertos infernaes, abruptas cordilheiras, montanhas ingremes e perigosas, a caravana implantava, á custa de vidas, o marco da civilização na região nordeste, hirsuta, inexplorada, isenta de qualquer vestigio colonizador.

E, levados pelo mesmo espirito inquebrantavel, como já foi dito, um grupo intemerato de homens,

Explicações.

mulheres e crianças, possuidores de uma vontade ferrea e espirito aventureiro, reuniu-se nas sabeceiras do Mississipi para emprehender a grande rota até o Oeste!

Velhos e jovens, crentes e incredulos; a nata e a escoria do crisol de uma nova patria, dispostos a enfrentar os perigos dos encontros com as feras nas selvas invias, e os não menos ferozes indios pelles-vermelhas; o fogo abrazador do deserto e o harpar mortifero das borrascas de neve. A todos esses obstaculos aquelles bravos pioneiros tiveram de enfrentar, para levar a termo glorioso esta grandiosa jornada, que tivera inicio no pequeno povoado de S. Luiz, o ponto inicial desta aventura historica!

Entremeando, renasce entre soffrimentos, lagrimas, desesperos, incertezas, um lindo romance de amor entre Breck Coleman, o guia da caravana, e a formosa Ruth Carmeron, que acompanhava a caravana com seus irmãos Dave e Kitty. Destemido, valente, prestigiado por Black Elk, o chefe dos pelles-vermelhas, Breck encontrou opposição em seus nobres intentos, pela traição dum grupo malfeitor chefiado por Flak, o bandido do deserto e seus comparsas Lopes e Thomas, dois aventureiros da escoria.

Intrigas, ciladas, foram armadas contra Coleman, o valoroso pioneiro, que, ao fim da grandiosa jornada, castiga e pune os malfeitores, as verdadeiras nodoas dum ideal tão puro! E, como premio maximo, Breck Coleman obtem de Ruth, a sua querida, todas as venturas de um grande amor, usufruindo sacrificios, lutas, incertezas, ao mesmo rythmo das glorias, sorrisos e amor!

A grande jornada da vida e do amor.

A velhice ampara-se á mocidade.

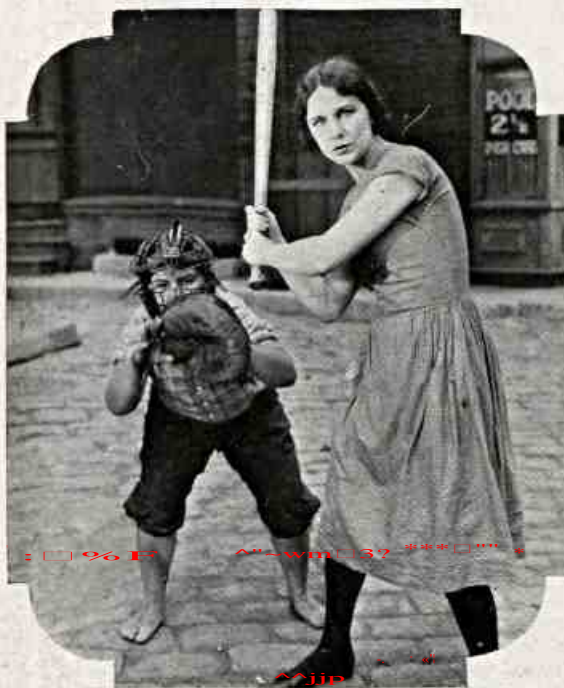
UM SORRISO PARA TODOS

Um film da "Columbia Pictures" — Interpretes:

Sally Williams, Shirley Mason — Jimmie Adams, Richard Arlek

SALLY Williams é uma encantadora menina, que ajuda sua mãe nos trabalhos de uma lavanderia, que constitue o seu ganha-pão.

A mãe de Sally rompeu relações com sua familia, depois do casamento, que foi feito contra a vontade desta. Um dia em que a pobre senhora sente aggravarem-se seus padecimentos, durante a ausencia de Sally, que fôra entregar uma encommenda a um freguez, escreve a uma sua irmã, que se acha bem de fortuna, a senhora Gordon Mansfield, dizendo-lhe da sua situação e declarando que tem uma filha quasi moça.

Sally, que teve um grande numero de divertimentos durante a sua sahida, encontra alguns dos seus caros amigos do logar, Tony Garibaldi com o seu carro de gelo e Sandy

Era uma perfeita criança.

Mack com o seu velho amigo Abraham Lapidowitz, na loja de Sandy. Andando displicentemente pela rua, admirando as flores que comprára para sua mãe, tropeça no pé de um joven bombeiro — Jimmie Adams — e pára, trocando com elle algumas palavras tambem.

Chegando em casa, encontra lá o medico e sabe que, durante sua ausencia, sua mãe morrera dum accesso cardiaco.

Deante de tal desgraça, começa toda a gente a interessar-se pela sorte da pequena Sally, e tres velhos se dispõe a adoptal-a. Um novo lar para Sally, uma nova vida pobre, mas feliz. Jimmie Adams, que ama Sally, frequenta a modesta residencia diariamente e, num ambiente de tranquilla felicidade, correm os dias para Sally e seus bons

amigos. Isso, porém, dura pouco, com a chegada da senhora Mansfield, que, attendendo ao appello de sua irmã, a procura, e, sabendo de sua morte, vem buscar Sally para o conforto e as vantagens de uma vida luxuosa. A menina não deseja acompanhal-a, mas os seus amigos procuram convencel-a de que isso será a sua propria felicidade.

Sally se apresenta ao alto mundo elegante que frequenta a casa de sua tia, onde tambem conhece Chester Drake, rapaz rico e bem collocado, com quem a sra. Mansfield espera casar a sobrinha. Mas Sally conserva o seu amor por Jimmie, com o mesmo enthusiasmo e a mesma esperança.

No dia em que Sally completa dezoito annos, sua tia dá uma recepção imponente, para a qual Sally convida seus bons amigos da aldeia, inclusive Jimmie. As maneiras simples dessa pobre gente provocam hilaridade nos demais convidados, que não occultam o seu desprezo acintoso por taes «elementos da ralé inexplicavelmente recebidos num meio tão distincto». Sally, que tudo vê claramente, revoltada e desfeita em lagrimas, abandona o salão. A sra. Mansfield, aproveitando sua ausencia, faz ver delicadamente aos amigos de Sally que se devem retirar e que é necessario cortar relações

Não desejava illudil-o.

Tinha um sorriso para todos.

com sua sobrinha. Ainda a sra. Mansfield diz a Jimmie que Sally está profundamente interessada pelo sr. Drake, bom partido para ella, e que Jimmie não deve impedir. Jimmie decide sacrificar-se por Sally e quando ella volta diz-lhe que não se devem ver mais, porque elle gosta de outra moça. Então elle se retira. Isso faz Sally chegar ao auge do desespero e quando ella ouve os convidados de sua tia fazerem commentarios escarninhos sobre seus bons amigos, encoleriza-se e, depois de dizer-lhes duras verdades, resolve abandonar a casa de sua tia e sua intolerancia.

Entretanto, Jimmie, depois que deixou Sally, declarou aos velhos, que o esperavam fóra, que naquella mesma noite partiria para a China.

Quando Sally vem fóra de casa, encontra seus amigos, os tres velhos, no carro de Jimmie e é informada dos planos do rapaz. Sobe para o carro e demandam, com toda a velocidade, para as docas. Chegam precisamente no momento em que o vapor vae sahindo.

Sally fica profundamente abatida, com o coração despedaçado. Mas, em seguida, apparece Jimmie e diz ter resolvido não ir mais e tudo acaba com inteira felicidade — Sally nos braços do seu amor e no meio da gente simples e bôa que ella tanto queria.

Era uma accusação infundada.

A "VEDETTE"

CORAL LOPES, linda, com uma belleza attrahente e selvagem, triumphava plenamente no mundo do genero frivolo, e reinava feliz entre trapos, ruidos harmoniosos, luzes e bataclans, que ostentavam seus corpos com volupia de raça primitiva e grande alegria dos *habitués* do genero.

No theatro onde actuava, Coral Lopes tinha um numeroso circulo de ardentes admiradores das qualidades artisticas da joven actriz, vinculados principalmente em suas bem torneadas pernas, unico mérito que tinha verdadeiramente digno de admiração, pois sua voz era um conjuncto de gritos horriveis, capazes de espantar uma selva...

O camarim da *vedette* era um santuario onde se agrupava o mais selecto do gremio infinito de admiradores: o banqueiro apopletico; o joven autor de livrecos pornographicos; o conquistador profissional, valvula de segurança amatoria do honrado genero de bataclans e tão necessario como os extinctores de incendios collocados em diversos recantos do theatro. Todos esses apaixonados ridiculos emmudeciam como em culto ao chegar Coral e mostrar os encantos que os deslumbravam.

Coral era agradavel e graciosa. Tinha essa sympathica formosura do cachorro *fox-terrier*, e talvez um talento identico. Mas seu triumpho era o triumpho innegavel de sua carne morena. O emprezario, para festejar o successo de sua *vedette*, cubiçada por mil theatrinhos que exploravam o mesmo genero, encarecendo notavelmente o serviço domestico feminino, organizou um espectaculo em beneficio e homenagem a ella. Espectaculo triumphal, onde apresentou sua arte um cantor cuja voz demonstrava só lhe restarem na garganta umas anginas chronicas, recordação de seus tempos e da fria sahida do Municipal. Tambem se exhibiu, nessa festa da *vedette*, um conhecido ensaista, que leu um maravilhoso trabalho intitulado *Biologia da bataclan*.

A festa constituiu um exito completo. Na sala estavam os nossos mais cutommaes aristocratas, varios ministros, um *az* de football e todo um publico ebrio de desejos deante daquella belleza joven e complacente.

O camarim, naquella noite, estava um pouco apotheosico. Alli se achavam reunidos muitos admiradores, cada um com seu presente.

De repente, appareceu o avisador, trazendo um envelloppe branco, que entregou á actriz. Esta rasgou, nervosa, o papel, e leu algumas linhas curtas, symétricas.

— Paga esta factura! — ordenou á criada.

Pancho Recoro, poeta de grande renome, alli presente, cahiu ao sólo. Seu pequeno poema "A Coral Lopes, em sua festa de beneficio", fôra tomado, pela *vedette*, como uma conta...

FELIX HERCE

NOTAS DE ARTE

ORCHESTRA PHILARMONICA DO RIO DE JANEIRO. — Foi num *crescendo* de admiração o effeito plateal do 3.º Concerto da Philarmonica do Rio de Janeiro, realizado em a noite de 1º de junho no T. M., e onde se ouviram: a *Symphonia em sol menor*, de Mozart; o *Concerto em ré maior*, de Haydn (cello e orchestra) e a 7.ª *Symphonia*, de Beethoven.

A audição das duas symphonias extremas foi ao mesmo tempo delicia e ensinamento. Delicia pelo prazer espiritual que proporcionou; ensinamento porque foi a demonstração experimental de um theorema de esthetica: as symphonias de Beethoven são um progresso sobre as symphonias de Mozart. Apesar do encanto, da frescura, da pureza da *Symphonia em sol*, a emoção que produz não attinge ao gráo da produzida pela *Symphonia em lá*. Sente-se que o mestre de Bonn conserva todas as bellezas da obra mozartina, mas accrescenta-lhe bellezas novas. Pela execução da Philarmonica do Rio de Janeiro, verificamos a verdade das palavras de Camillo Bellaigue: "A quem uma symphonia de Beethoven, após uma symphonia de Haydn ou de Mozart, não daria o testemunho immediato, brilhante, de uma harmonia tanto quanto de uma orchestração enriquecida e renovada?" E' essa riqueza harmonica e instrumental, além de outros preciosos attributos, que fazem das nove symphonias de Beethoven uma epopéa sonora em nove cantos.

Tanto as *Symphonias* como o *Concerto* tiveram interpretação condigna pela bella orchestra de Burle Marx. E se nem todos os *tempos* alcançaram os mesmos applausos, é de assignalar os que, com toda a justiça, os receberam, pelo calor, pelo enthusiasmo com que foram vividos: o *Adagio* do *Concerto*, o *Allegro molto* da *Symphonia* de Mozart, e o *Allegretto* da *Symphonia* de Beethoven.

Na interpretação do *Concerto* de Haydn figurou um dos nossos mais applaudidos virtuoses, o violoncellista Iberê Gomes Grosso. Parece-nos que mais brilharam as suas qualidades technicas e expressivas no *Allegro*. Com o notavel regente, sempre ovacionado, recebeu o solista muitos e frequentes applausos.

Se nos fosse permittida uma suggestão, lembrariamos que em cada concerto symphonico, sempre houvesse como solista, além de um instrumentista, um cantor. Digam o que disserem, é ainda a voz humana o rei dos instrumentos: o unico que possue realmente alma. Os outros só valem quando parecem ter alma como a voz tem. — —

LEONOR BOTELHO DE MACEDO COSTA. — No T. M., em a noite de 28 de maio, realizou a senhorita L.B. M. C., 1.º premio do I. N. M., um recital de piano, fazendo-se ouvir em — *Toccata em dó maior*, de Bach-Busoni; *Andante Favorito*, de Beethoven; *Sonata em si menor*, de Liszt; 3.º *Estudo*, de H. Oswaldo; *Ronde des Sylphes*, de Liapounow; *Jonglerie*, de I. Friedman; *Estudo op.* 25, n. 6, *Berceuse* e *Polonaise*, *op.* 53, de Chopin. Primeira vez que a ouvimos, tivemos bôa impressão do conjuncto. Pareceu-nos dotada de gosto e de technica, que apenas precisam de ser cultivados e aperfeiçoados com o uso continuo do instrumento. Quanto á impressão de detalhe, variaram com as composições, e em cada uma com os seus diversos tempos. Assim preferimos a *Fuga* da *Toccata*; o *Quasi adagio* da *Sonata*, *Ronde des Sylphes*, *Jonglerie*, *Estudo n.* 6, ás outras peças executadas. Desagradou-nos especialmente a *Poloneza*. Tudo, porém, que não nos satisfez, são falhas corrigiveis pela situação especial da pianista, ainda sob a influencia de noites de vigilia ao lado de ente querido gravemente enfermo. O certo é que nas interpretações, mesmo através das que não nos pareceram elogiaveis, mostrou sempre

— Garçon, este bife está peior que uma sóla. Chame o patrão.
— Desculpe, mas o patrão não está em casa... Está almoçando no restaurante em frente.

AS RUGAS

(Parodia a "As pombas" de Raymundo Corrêa).

Surge a primeira ruga sem piedade,
Surge outra mais... mais outra... emfim dezenas
De rugas surgem numa face, — apenas
Foge, tristonha, a nossa mocidade...

E á noite, quando temos a liberdade
De passear, — as rugas, sempre amenas,
Em nossa face como as agucenas,
Reflectem já dizendo a nossa edade...

Tambem de nosso cerebro, aos punhados,
Vão sahindo remedios planejados
Para acabarem rugas, e jamais

Conseguem: voltam pois, logo soltam.
Mas, com outro remedio as rugas voltam;
Com o RUGOL não voltam nunca mais.

De Oscar D'alva

dotes de quem possue na verdade alma de pianista.

CENTRO ARTISTICO MUSICAL. — Sem querer diminuir o valor do concurso prestado ao 82.º concerto do C. A. M. pela pianista senhorita Cacilda Torres e pelo violinista sr. Ricardo de Aragão, e que se realizou no I. N. M. em a noite de 31 de maio, registamos especialmente o da cantora sra. Luiza Torres Paranhos, que nos surprehendeu pelo gráo de aperfeiçoamento adquirido após a ultima vez que a ouvimos: faz mais de um anno. Collocada num meio musical onde possa aprimorar os seus dotes naturaes e a sua cultura artística, cremos virá a ser uma cantora notavel. Foi essa a impressão que nos causou, ouvindo-a nas peças de musica de camera — *Ah, mai non cessate*, de S. Donaudy; *En effeuillant des marguerites*, de T. Dubois; e nos trechos de musica dramatica: a cavatina de Leila — *La notte é scesa*... da op. de Bizet, *Pescadores de Perolas*, e a de Ilára — *Come serenamente il mar*... da op. de C. Gomes, *O Escravo*.

SOUZA LIMA. — Orgulha-se o Brasil de possuir mais um pianista de escol, no caso de hombrear com os melhores do nosso tempo. É Souza Lima. Os technicos poderão notar-lhe um ou outro senão, alguma falha a corrigir, talvez quanto á nitidez de certas interpretações, mas, abstraindo dessas pequenas jaças, e mesmo, apesar dellas, o que sobresae são as melhores qualidades do verdadeiro pianista: o esplendor da bravura e o encanto da expressão. O concerto de 4 de Junho mais uma vez exuberantemente o provou, quando o virtuose se nos apresentou tocando — além dos *extra*: *Valsas*, de Chopin, *Minuetto* de Paderewski *Campanella* de Liszt, *Marcha Soldado*, de Villa-Lobos, *Dança dos Negros*, de F. Vianna, e outros — os seguintes ns.: LISZT — *Grandes variações sobre um thema de Bach*, DEBUSSY — *Cathédral engloutie* e *Foeux d'artifice*; MILHAUD — *Sumaré*; J. NIN — *Commentaire et Valse*; VILLA-LOBOS — *Alegria na horta*; CHOPIN — *Estudo*, *Valsa brilhante*, *Mazurka*, *Poloneza em lá bemol*. A não ser a *Poloneza*, cuja 1ª parte nos pareceu um tanto confusa, tudo o mais encantou e empolgou. Foram mesmo notaveis de esplendor as interpretações de *Foeux d'artifice*, *Alegria na horta*, *Valsa brillante*, *Campanella*, e sobretudo o *Minuetto* de Paderewski, que arrancou palmas e bravos do auditorio enthusiasmado e commovido.

— Que está pensando? Como é que tem a ousadia de vir pretender-me, seu idiota?

— Senhorita... isto não são fórmas!...

HAROLD HENRY. — Interprete e compositor, apresentou-se á platéa do Municipal, em a tarde de 3 de junho, o pianista estadunidense Harold Henry, com o seguinte programma: BACH — *Fantasia em dó menor*; SCARLATTI — *Sonata em ré maior*; BRAHMS — *Intermezzo* op. 117 n. 1, I. op. 118 n. 1; BEETHOVEN — *Bagatelle* op. 126 n. 4; CHOPIN — *Nocturno* op. 62, n. 2; *Estudo*, op. 25, n. 9, *Poloneza*, op. 40 n. 2; MAC-DOWEL — *Sonata* op. 57; Debussy — *La Cathédrale Engloutie*; HAROLD HENRY — *While the pipper played* e *Dancing Marionnette*; SCHUBERT — LISZT — *Soirée de Vienne*; WAGNER-LISZT — *Morte de Isolda*.

Preferimos o compositor ao pianista. Embora sem autoridade technica para julgar, sentimos no emtanto que o sr. H. H. não devia apresentar-se como *pianista notavel* na metropole do Brasil, perante um publico como o nosso, acostumado a ouvir grandes mestres do teclado, estrangeiros e nacionaes, e que ainda agora acaba de ouvir um delles — Arthur Rubinstein — e está ouvindo outro — Souza Lima.

Mas sem ser notabilidade, nem por isso é desagradavel ouvir o virtuose norte-americano. Além de applaudir-lhe as composições, applaudimos tambem uma das interpretações, que nos pareceu melhor que todas as outras: a do *Estudo* de Chopin.

COISAS DA VIDA

LUCIANO e Neva eram noivos. Na pequenina villa, todos o sabiam. Ella, muito de graça e bondade, era, com seus vinte annos, o encanto todo daquella redondeza. Alma de eleita, coração sensivel, como sóem ser os corações dos que sabem amar, abrigando sentimentos elevados, era a consoladora, a verdadeira mãesinha dos humildes moradores. Tal a andorinha meiga, de pouso em pouso, tatalando as azas para o beiral proximo, quando este não mais soffria.

Pobresinha tambem, Neva operava prodigios com os recursos limitados de que dispunha. E, assim, era o anjo do povoado, como a conheciam.

Luciano, alma simples, educado no convivio sincero, se fizera homem sem se emmaranhar nas teias da vida facil e escorregadia que outros levam resvalando pelas tascas, pelos alcouces, pelas trilhas sombrias da perdição... E elle, estudando na cidade proxima, mantendo contacto quasi continuo com sua villasinha, tornara-se o noivo de Neva. Noivado de amor. Todos o sabiam.

* * *

Só nos grandes centros distantes existem as escolas superiores. E assim, os que almejam um titulo, buscam, vencendo mil tropeços, as capitaes estudantinas, cidades monstruosas do presente, com seus attractivos, com seus perigos.

Luciano, vencida a phase gymnasial, tambem se fôra entre adeuses e promessas. Todos o acompanharam, pois, alli ia a esperança risonha do povoado, o filho de todos os moradores amigos.

Rio de Janeiro. A cidade do presente. Formidavel. Gigantesca. Monstruosa. Ruas e avenidas. Praias e passeios. Cinemas e theatros. Bailes e clubes. Bars e diversões. Cantos escusos e lupanares. Cidade commercial, trabalhadora, das festas, dos prazeres, orgiaca...

E Luciano ingressára nesse meio, com seus vinte annos, com sua vontade de estudar, com seu coração bem formado, com os conselhos amigos recebidos, mas sem um amparo presente, sem u'a mão protectora. E, levado sem saber como, lá fôra parar na pensão da rua da Passagem, Botafogo.

Compenetrado dos seus deveres, cuidou dos seus livros, dos seus exames e... matriculou-se. Academia de Medicina. Com que alegria cantante, transbordante, foi sua carta para a terra natal, mensageira sincera de seu coração sincero!

E elle lá ficou com os apuros dos primeiros dias, com os trotes em regra, com as incertezas. Foram momentos duros no saguão enorme quando, de joelhos ante roda numerosa, media com pausinhos de phosphoros todo aquelle quadrilatero... Segundos commovidos quando fazia declaração de amor obrigatoria a uma caloura confusa... O café sem assucar e com sal... o trote tradicional da Avenida, ante toda a população carioca reunida na tarde de sabbado na sua arteria predilecta... Academico de Medicina...

E, entre saudades da villa e dos que ficaram, entre cartas e recordações, os dias se foram succedendo. Levado aqui e alli pelos eternos cicerones, amigos dos momentos bons, elle conhecia aos poucos, mais e mais, a cidade do calor.

Veiu a festa de recepção aos novos estudantes. A festa de todos os annos, a festa das loucuras. Luciano, levado á tribuna como representante dos neophytos, brilhou logo no inicio da noite illuminada. E... Lucy, gemma brilhante da constellação carioca mais moderna, viu, pensou, sorriu... E quando Lucy, gemma brilhante da constellação carioca mais moderna, sorri... Luciano estava perdido. Ella se interessou pelo calouro. E se informou. E se apresentou. E attrahiu. Atordoado pelos applausos quentes de ha pouco, elle deixou-se levar pela-

O professor. — Que aproveites bem as ferias, e que voltes um pouco mais intelligente.

O alumno. — Obrigado. Igualmente.

Alvaro Beltram Sousa

palavras candentes daquella morena linda. Admirado, a principio, das maneiras desenvoltas, a pouco e pouco começou a admittil-as, a desejal-as. E já não se escandalizava com aquellas pernas sem meias, innovação atrevida... Já não se furtava ao contacto daquelle corpo que buscava o seu...

* * *

Dias e dias. Semanas. Lucy era o typo perfeito da mulher leviana, frivola. Na mais completa liberdade desde tenra idade, com paes que só cuidavam de si, descurando por inteiro da creação dos filhos, ella cresceu entre amiguinhos, cada qual de peor estirpe. Louca, sem um amparo, ella toda se entregava de corpo e alma aos prazeres da vida que passa, sem alongar a vista para o futuro. Vivia os dias e noites inuteis, perdidas entre a espiral de fumo de um cigarro, o copo de qualquer droga e abraços. O trapo que vegetava, passando a vida em frivolidades eternas. Conquistava um namorado hoje; era o companheiro inseparavel de bailes, festas, passeios, cinemas, praias, durante semanas. O amiguinho com quem penetrava em todas as casas onde houvesse musica, folia, com quem desapparecia e apparecia em todos os cantos. Dias depois, elle não mais existia...

Não pensava, não comprehendia. Nunca tivéra uma alma bôa a lhe ensinar quão sublime, quão nobre a missão da mulher. Jamais soubéra dar a esse vocabulo o seu verdadeiro valor. Si ella soubesse a felicidade que espera a mulher que sabe ser joven, sabe ser esposa, sabe ser mãe... Infeliz doidivanas. Nunca teve u'a mão a guiál-a nas sendas tortuosas da vida ingreme.

E Luciano, inexperiente, estava enfeitiçado pelos encantos de Lucy.

* * *

Lado a lado, na areia da praia, contemplavam unidos o espectaculo soberbo e sempre inedito do mar. As ondas revoltas, vinham morrer mansamente, beijando os dois que, alheios a tudo, reflectiam apenas um ao outro. Luciano admirava aquella graça que surgia do *maillot* collante e ella deixava-o nesse embevecimento ousado.

As ondas iam e vinham no seu marulhar constante, a tarde cinzenta e morna aos poucos se perdia ao longe, emquanto elle e ella, olvidando tudo, alli permaneciam em doce enlevo...

O mar apresentava aspecto soberbo e sempre inédito.

* * *

A cinelandia com seu trotear costumeiro. Tarde quente, mulheres transparentes, programmas improprios. Elle e ella, sempre juntos.

* * *

Confeitaria da moda. Uma promiscuidade indesejavel. Tudo e todos. Bebe-se, come-se, flirta-se. Elle e ella, sempre juntos.

* * *

Noite illuminada, faiscando, escaldante. Club. Dança-se, namora-se, fala-se mal dos ausentes e dos presentes distantes. Elle e ella, sempre juntos. E os dias se succediam aos dias, semanas ás semanas.

* * *

Luciano esquecêra sua noivinha, mixto de graça e bondade. Prendêra-se aos olhos negros, malvados, da cidade, olvidando os olhos ternos, puros e suaves da villazinha. Coisas da vida...

Tambem, de ha muito, atirara os livros para um canto da mesinha de estudos — que irrisão! — e poucas vezes apparecia na Faculdade. Os pedidos de dinheiro, para casa sempre e sempre se succedendo, num repetir teimoso. Sempre e sempre, a mesma tecla: dinheiro. Eram livros de preços fabulosos; apparelhos de nomes arrevezados; Homenagens a professores. Tudo na realidade: Lucy.

MARAVILHOSA DESCOBERTA PARA AS MOLESTIAS DO ESTOMAGO

Depois de grandes estudos e cuidadosas experiencias, o Director do Instituto Freuder resolveu expôr á venda o "Digestivo Eyer", maravilhoso remedio contra as perturbações de digestões, dôres e peso no estomago e desarranjos intestinaes.

O Digestivo Eyer, lançado na Allemanha, teve grande acceitação das summidades medicas, o mesmo acontecendo no Rio de Janeiro e em S. Paulo, razão pela qual recommendamos o Digestivo Eyer a todas as pessôas que soffrem do estomago, na certeza de que o resultado é sempre positivo e de inteira confiança scientifica.

A' venda em todas as pharmacias e drogarias. Caixa Postal 1751. — Rio de Janeiro.

COISAS DA VIDA — (Continuação)

Passeios, festas, grandezas. Dinheiro, dinheiro, dinheiro...

* * *

E, um dia, gasto o ultimo vintem, sem ter a quem pedir mais um nickel emprestado, ficou allucinado. E o correio era esperado como o salvador. Mas, nada. Tardava a carta com o cheque para a retirada do dinheiro solicitado. E um dia e mais outro e outro mais. Lucy a telephonar e elle desesperado, com os bolsos vazios. Situação afflictiva. Dias e noites sem dormir, tomado pela idéa de que Lucy poderia abandonal-o e sem atinar com outra solução para o caso, senão esperar. E esperou. Uma semana decorrida e a carta sonhada veiu pelas mãos nervosas de um carteiro idoso. Desopprimiu-se. Finalmente! Sonhos roseos vieram povoar sua mente embrutecida. Almoçou esperando a hora bancaria. Considerou: — sem um nickel como ir á cidade? Ora, iria a pé. Não estava sua alma contente? Iria a pé.

* * *

E foi. Pela rua da Passagem em fóra, caminhando com a alma contente, leve, sem cansaço, attingiu a Praia de Botafogo. E continuou por ahi além, olhando aquella gente toda que passava nos electricos, sem inveja. De vez em vez, afagava o bolso, onde estava sua carteira vazia de dinheiro e com muito dinheiro. E cruzou pela Farani, encurtando caminho, e Paysandú, e Cattete. Ironia cruel do destino! No largo do Machado, um omnibus veloz cortou-lhe a frente e, elle, de um salto, evitou suas rodas pesadas e, quando ia soltar uma imprecação, viu... Lucy e alguem, agarradinhos, quasi confundidos, no ultimo banco.

Continuou, pensando, soffrendo, pela rua do Cattete e Lapa e Passeio e Avenida. Na galeria, ainda de relance, novamente avistou aquella que enchia toda sua vida e que se ia ao lado de outro namorado, talvez para os mesmos bailes, as mesmas festas, os passeios amigos. E elle foi pela Sete de Setembro, Primeiro de Março... Banco. Entregou o cheque e espe-

---

EPISTOLARIO DO AMOR

I

"MEU amigo! Por que foge de mim? Que lhe fiz eu? Não encontra mais consolação nem doçura em nossa amizade? Por que não tem procurado o refugio de meu coração e de meu carinho amigo durante as horas atribuladas de sua vida? Não lhe posso mais eu dar a serenidade e a força de que carece para viver corajosamente o seu destino?

Creio adivinhar a razão por que me evita...

Pelo amor de Deus, reaja! Não se deixe vencer.

Todos os acontecimentos trazem em si uma semente de belleza. Faça germinar a semente de belleza desse accidente de sua vida. A fatalidade é o destino que não soubemos vencer. Vença a sua "fatalidade". Seja senhor de si, de seus pensamentos e sensações, de seu destino, emfim.

Afaste todas as trevas de sua vida; illumine o seu horizonte.

Não se detenha á beira do poço, que só lhe poderia dar a beber agua salobra. Procure a fonte clara, cuja agua cantante e limpida vem tentar a sua sêde.

Meu amigo! meu amigo! Esquecendo as minhas penas que são muitas e talvez maiores que as suas proprias, venho offerecer ainda uma vez, ao seu sonho impossivel, o abrigo de meu coração e ás suas lagrimas, ás suas esperanças e illusões desfeitas, o relicario de minha alma. Eu quero curar-lhe as chagas, adoçar-lhe a amargura, illuminar-lhe a vida; quero ser balsamo e quero ser luz.

Meu amigo! Adeus...

II

"VOCÊ soffre, meu amigo. Você soffre e eu não posso fazer o gesto que afastaria a dôr de sua porta. Eu, que desejo ardentemente a sua felicidade, mais que a minha propria, que recuso-a a ministrar-lhe o remedio que o devia curar.

E não é isso crueldade. Nem tão pouco covardia. Você bem sabe que não o é. Não é tambem uma questão de preconceitos. Não. E' alguma coisa de muito mais sério, muito mais forte. Você comprehende-me: é questão de convicção. Questão de religião, de moral, de sentimento.

Eu não satisfarei nunca ás exigencias do seu amor.

Si eu posso viver sem a estima e a approvação do mundo, não o poderei sem a minha propria estima e approvação. Preciso viver em harmonia commigo mesma, com as minhas idéas e com os meus sentimentos.

Por que não passou você mais cêdo por mim?

rou com o coração abatido. Novo desengano. O destino cruel comprazia-se em torturar aquella alma afflicta. Não viéra ainda a ordem de pagamento.

E Luciano retornou, cançado, acabrunhado. Primeiro de Março, Sete de Setembro, Avenida, Passeio, Lapa, Cattete, Paysandú, Farani, Praia, Passagem. E nesse trajecto longo, uma a uma vieram, á mente fatigada, as lembranças todas desse passado que já se ia. A noiva abandonada... os seus... os livros... o anno perdido... O coração soffrendo... a saúde... e elle estava vencido.

Dias depois, o cadastro policial augmentava com o registo mais de um suicidio na barca da Cantareira.

* * *

Neva? Pobre alma ferida! Ella tão bôa, o anjo que consolava a todos fôra rudemente golpeada. O destino ironico! E, abalada na sua crença, amando com fervor ao homem que tanto lhe falára ao coração joven, sentiu-se diminuida, esquecida pelo Deus supremo e sua alma afflicta se revoltára.

— Deus, eu tenho feito tudo que ordenaes; tenho praticado o bem; amparado aos pobres; repartido o meu pão e vós, por que me reservastes tal recompensa? Quantas vezes implorei o vosso auxilio! Quantas noites de vigilia e quantas supplicas para que Luciano fosse retirado das bordas do abysmo! E, nada. Deus, vós, que tendes tanto poder, por que não o salvastes para mim? Por que? Eu descreio de vós; eu duvido do vosso poder.

E enfermou. Annos mais tarde, Neva era ainda o anjo puro, perfeito, que soccorria aos necessitados. Um anjo com o coração envolto em crepe.

* * *

Lucy? Infeliz doidivana. Na sua eterna maluquice, namorando aqui, compromettendo-se alli, sem o carinho dos paes, continuava sua peregrinação louca, resvalando... Mais uma a augmentar o numero das que faiscam na vida... das desamparadas dos paes modernos, entes que collocam os negocios e as obrigações estupidas de sociedade hypocrita acima do bem estar dos seus. Typos despreziveis que não estendem as mãos guiadoras aos filhos, relegando-os a um plano secundario, acenando-lhes com uma liberdade infamante.

E Lucy vae por ahi, até que um dia... a derrocada final pelos abysmos humanos. A sociedade moderna, ri, canta, gesticula, baila, roda...

De Regina Rizieri

Por que só atravessou o meu caminho quando era tarde demais?

Mas eu não me quero queixar do destino. Não tenho esse direito. Ninguem o tem, porque somos nós mesmos que creamos o nosso destino.

E não sou infinitamente mais feliz, em minha grande dôr, do que todas as outras mulheres? Eu nunca amei ninguem, ninguém nunca me amou como eu o amo e você me ama. Profunda, intensa e conscientemente. E não me dá o meu amor tudo o que a gente procura pela vida? A felicidade, a alegria de nos amarmos assim não vale mais que a pobre felicidade de tantos outros? E' bem verdade que as circumstancias são tristes e infecundas apenas para aquelles cuja consciencia dorme ainda...

Você vive tão profunda e intensamente em mim — no pensamento e no coração — seu amor me penetrou tão completamente, que as minhas alegrias são suas e são suas as minhas dôres. Si você deixasse de existir, eu morreria tambem, tão identificadas estão as nossas almas, tão confundidas as nossas vidas.

Tenho a impressão, quando passo pelas ruas, de que vou irradiando felicidade, toda a felicidade que me vem do seu amor; e que os meus olhos, as minhas mãos, todo o meu ser vae gritando o seu nome, que a minha bocca ainda cala.

E esse amor, que é seu, esse amor, que me enche a vida e me enche o coração, generaliza-se, universaliza-se. Eu o amo em todas as coisas e em todas as creaturas, e amo-as todas em você.

Pois é a você que eu amo no sol, no céo, no mar; é a você que eu amo nas obras de arte que me encantam; é a você que eu amo em todos os seres que palpitam e vivem sobre a terra.

Você admira-se e irrita-se porque eu posso viver assim feliz, afastada, irremediavelmente, de você. Porque posso tirar tantas consolações e alegrias de meu amor que se não póde realizar.

Nem todo o mundo comprehende isso; você tem razão. O amor, quanto mais puro, menos deseja. E o meu, apesar de toda a sua profundeza e violencia, é um amor sem desejo.

Você, que não é como todo o mundo e me conhece muito bem, você, porém, comprehende perfeitamente, não é verdade?

Adeus, querido! Tenha coragem, qualquer que seja o nosso destino sentimental. Procure no amor, não a embriaguez ephemera dos sentidos, mas o que ha nelle de grande, de solido, de duradouro.

Bemdito seja Deus, bemdita seja a Vida, bemdito seja o Amor!"

Saibam

CIRCE NERY (?) — Si o proseguimento da sua carreira literaria depende de uma palavra minha, essa palavra não será, de certo, de desengano. Sim, honestamente, sou forçado a reconhecer que v. ex. é capaz de produzir boa prosa e bons versos. Mas, por emquanto, necessita de um guia esforçado, de um mestre, de um bom amigo, que se detenha a seu lado, orientando-a nas letras, como quem orienta os primeiros passos de uma creança.

E' tempo de se desfazer essa lenda de que não gosto das mulheres, e detesto os poetas.

Não é isso o que se dá, asseguro.

O que acontece commigo é o seguinte: tenho trabalhado muito para certas damas, com aspirações a um logar na literatura. Para muitas dessas, tenho sido o primeiro degrau da escada por onde ellas sobem. Quando se encontram lá em cima — eis que me agradecem os beneficios realizados — cuspindo sobre o primeiro degrau da escada...

E' claro que fico de prevenção. E como as aspirantes ás letras não trazem distico na fronte sonhadora, segue-se que desconfio dellas, e, logicamente, — prevendo novas decepções — manifesto a minha má vontade em lhes ser util. Percebe? E' isso o que acontece e tem acontecido, até hoje, — relativamente á minha pessôa.

Quanto aos poetas, o caso é tambem diverso daquillo que v. ex. observa. Gosto delles, sim. Mas, dos bons. Os maus não me interessam.

De resto, qual é a paciencia que se não esgota, depois de tantos annos, a ler poetastros e "escriptores" que ignoram o genero da collaboração que me enviam? Creia: ha poetas aqui, que remettem um trabalho poetico a esta secção, digamos uma elegia, uma ode, e declaram que esse trabalho é um soneto (!)

E isso não acontece só uma vez por semana: acontece centenas, milhares...

Ora, haverá algum mortal capaz de, em casos taes, querer bem aos poetastros?

E' claro que só lhes poderia querer bem depois de vel-os enforcados...

BEATRIS FERREIRA (Pernambuco) — Li o seu poema *Azas*. O poema que teve a gentileza de offerecer-me. *Azas* é um livro de que se pode dizer o mesmo que, certa vez, escreveu Marcel Schwob sobre *La Chambre blanche*, de Henry Bataille: "Voici un petit livre tout blanc, tout tremblant, tout balbutiant"...

Sim, é um livro feito de balbucios e delicadezas de amor. E, si quizer, pode tambem dizer, que, *Azas* não é somente o romance de uma alma sensivel e amorosa: é essa propria alma, que revoeja, em surdina, em sussurros, em rufios suaves — em redor de motivos que são os motivos lyricos de todos os que amam.

Dahi a razão por que os seus versos encantam, embalam, produzem, com o velludo e a musica de suas rimas, na sensibilidade dos esthetas, esse estado intermedio, de *rêverie* e melancolia, de sonho que um pouco soffrimento e doçura, de extase, de enlevo, de anseios, de longos e reprimidos anseios, de um immenso desejo de chorar num sorriso...

Foi tudo isso que a sua arte fidalga, rica de emoção e orientada pelo sentido superior que se deve dar ás coisas da alma — foi tudo isso, repito, que a sua lyrica encerrou nas paginas brancas, tremulas, balbuciantes, do seu poema feminino.

Estase, como tantas outras, é uma linda *mancha*, de tintas desbotadas, ou antes, ennevoada pelas sombras de um delicado *ennui*, e que, por isso mesmo, se nos estampa, viva e clara, dentro da imaginação. Ella é, numa palavra, o *estase* de uma poesia humana e doce. Dessa poesia feita pelos que amam para os que vivem de amor...

ESTASE

Chove lá fóra.
E ouvindo a chuva impertinente
sentimo-nos felizes, sem pensar
que, amanhã, com certeza, toda
[gente,
de mim, de ti, de nós,
póde falar.

Mas que importa o que de mim
[possam dizer
se entre nós dois
agora
a vida é bem melhor de se viver?!
Eu e tu esquecidos de que o mundo
nos espreita lá fóra.

Até mesmo o ambiente
sob a luz mal velada do abat-jour
tem qualquer cousa assim,
de confidente...

...Eu e tu
tu e eu
e entre nós dois maior que a nossa
[vida
um gesto mudo de interrogação!...

todos...

Parabéns, querida conterranea Mande-nos a sua photo, e nós a publicaremos com prazer.

ETELVINO DA SILVA (Capital) — Desculpe, meu caro. Apesar do sr. ter trazido um grande "pistolão", não me foi possivel aproveitar os seus sonetos.

E' que aqui, no *Fon-Fon*, o melhor *pistolão* é o merito de quem escreve.

Quanto ao sr., lamento ter caido nesta secção. E' isso o resultado de um erro em que laboram muitos leitores do *Saibam todos*s fogem daqui na esperança de que não virão até a minha banca. Mas o facto é que descrevem uma circumferencia e — bumba! — cáem aqui mesmo... sem que eu me interesse por isso. Foi esse o seu caso, caro poeta Etelvino...

E dê lembranças ao poeta Joaquim Thomaz que foi, segundo creio, o seu excellente "pistolão"... Maldade... Estou certo de que, intercedendo por essa sua collaboração, o poeta Thomaz não teria coragem de assignal-a...

JOIA RARA (Capital) — Oh, homem de Deus! O sr. não é uma "joia rara", é uma "avis rara"... Avis rara", quando se acastella em um argumento que, afinal, deixa o contendor nada convencido.

Vamos ao seu caso. Ou antes — á sua carta. Escreve o sr. com sua bôa syntaxe:

"Caro Snr. Yves. No mez de Julho proximo findo tive a honra de remetter-lhe uma cartinha, na qual solicitava as providencias do distincto amigo, afim de ser feito, por intermedio da secção "Saibam todos..."", o meu estudo graphologico.

Qual não foi, porém, a surpresa — ou melhor — a grata satisfação ao lêr, no numero de "FON-FON" de 2 de Agosto de 1930, a resposta do meu pedido, concebida nos seguintes termos:

"JOIA RARA. — Capital) — Perfeitamente. Farei o seu estudo graphologico, mediante um vale postal de trinta mil réis (30$000). Si, gratuitamente, a minha sciencia lhe interessa tanto, é claro que se tornará mais preciosa si o sr. a estipendiar...

O sr. demonstrará desse modo que é muito mais amigo meu do que o enunciado na sua carta. — RES NON VERBA...

A vida é feita de actos: não de palavras.

Não concorda commigo, caro sr.?"

Perfeitamente, digo eu.

Se o sr., na qualidade de responsavel pela secção que dirige, que — justiça seja feita —, é, incontestavelmente, uma summidade no assumpto, — chamasse a attenção do consulente no aviso que vem sempre na respectiva secção, certamente eu não teria caido em falta, essa "falta" involuntaria, que já conhecemos...

O aviso a que me refiro diz o seguinte, na parte relativa aos estudos graphologicos:

"GRAPHOLOGIA — Condições indispensaveis para se obter um estudo graphologico: 1º — Escrever sobre papel liso, de linho, vinte linhas, no minimo; 2º — O assumpto deve ser o de uma carta commum, traçada em posição normal e com a graphia habitual; 3º — A assignatura deve ser authentica, afim de que o estudo corresponda á verdade scientifica; 4º — *Sem preencher esses requisitos, nenhum consulente será attendido.*"

Como bem se vê, meu Caro Sr. Yves, não existe nenhuma indicação sobre o pagamento dos estudos graphologicos.

Resposta:

(*Conclúe na pag. seguinte*).

Aos nossos leitores. — Nesta secção prestaremos todas as informações que nos solicitem, bastando tão sómente que sejam formuladas com clareza e lógica.

* * *

Toda e qualquer correspondencia designada a "Saibam todos" deve ser dirigida a Yves, nesta redacção. Mas para isso é necessario enviar-nos o coupon abaixo, devidamente preenchido.

ENDEREÇO:

Rua Republica do Perú, 62

Caixa Postal 97

Telephone 2 - 4136

FON - FON — 13-6-931

Data da consulta ....

Nome do consulente ....

. . . .

1º — O sr. não tem razão. E não tem razão, porque as indicações, sob o titulo "Graphologia", — já não apparecem no *Fon-Fon*; 2º — mesmo que eu me tenha revelado pouco mercantil, esquecendo, deploravelmente, a questão monetaria — precisamente quando é ella a mais importante em todos os negocios — o erro ou engano já está reparado: A) — com a advertencia feita em agosto de 1930; B) — com a suppressão da concessão que fazia, fornecendo estudos gratuitos, sobre graphologia; 3º — tambem quando a Prefeitura augmenta os impostos — ou os cria, escorchantes, quasi sempre — o sr. não vae discutir na repartição arrecadadora, sob o fundamento de que no anno anterior não se cogitava de tal onus... E no caso da minha graphologia o sr. não é obrigado a estudos — o que não acontece com o fisco — onde "le mot d'ordre": "Paga, e não bufa."

Em todo caso, si o sr. ainda tem alguma duvida a respeito, eu esclareço a questão com prazer: — côbro 20$000 por cada exame calligraphico.

SELVA AMERICANA (3) — Embora me sinta muito honrado com o convite que me fez para apresentar uma these ao Congresso Feminista, sou forçado a declinar dessa honra.

SAIBAM TODOS...

(Conclusão)

A questão é sobremodo transcedente, e aquelle que a não tenha acompanhado com interesse, e um criterio vigoroso, commetterá de certo uma leviandade em abordal-o.

A situação da mulher no Brasil é verdadeiramente paradoxal: — ella tudo quer la porque tudo tem; e como tudo tem, nada possue de seu. (E' claro que me reporto ao terreno social.)

Está-se a vêr, logicamente, que o problema é demasiado importante para ser tratado superficialmente, em outras palavras — por um leigo. Elle reclama estudo attento, especializado; e, para isso, é misiter possuir, no minimo, uma bibliotheca.

Complexo, desse modo, o feminismo comprehende problemas que estão sendo encarados pelos homens e as mulheres illustres do Occidente e do Oriente, com a maior attenção. Graças a isso é que no Japão, na India, na Turquia, bem como nos paizes occidentaes, a mulher desfructa vantagens e privilegios que, até antes da Grande Guerra, não lhe eram outorgados.

Quer isso dizer que já se tem trabalhado muito pelas suas conquistas, as suas chamadas reivindicações; e, certamente, si esse trabalho tem sido coroado de exito, não é porque á sua frente estejam collocados ignorantes no assumpto, como eu.

Si me fosse possivel resumir aqui o que penso, quanto á educação da mulher, sob o ponto de vista moral e social, eu transcreveria para esta pagina o que tenho lido em Beatriz Hans, feminista norte-americana, e Gina Lombroso, italiana. A meu vêr, essas duas mulheres notaveis — e notaveis por que parecem homens, con- mentalmente falando... cretizam, com as suas doutrinas, o sentido da verdadeira emancipação feminina, — moral, sexual, intellectual e economica.

Em todo caso, aproveito o ensejo para fazer uma pequena reclame do meu proximo romance "Uma garçonne carioca", declarando que, nesse livro, apresento a mulher tal como até hoje tem sido victima, entre nós, dos erros da sociedade e da sua escravização ao preconceitualismo hypocrita e dissolvente.

Não deixa de ser uma these feminista.

HISTORIA EM OITO CARTAS

De EVELINE LE MAIRE

Quarta-feira, 4.

Querida Branca.

Gabriella voltou transtornada da Madre. Respondeu á minhas perguntas com lagrimas, soluçando, a cabeça sobre o braço, como uma creança. Comprehendi, por fim, que o seu casamento está desmanchado!... João lhe falou sobre isso? Si falou, diga-me, pois nada posso saber claramente pela pequena. Escreva para Cherville.

Lamento não poder ir á sua casa, mas partiremos daqui a uma meia hora.

Espero breve as suas bôas noticias.

Com toda a amizade.

H. Dupont.

Quinta-feira, 5.

Querida Henriqueta.

João me havia parecido de um humor detestavel, terça-feira, á noite; mas abstive-me de o interrogar... Sei que o modo mais certo de irritar meu filho é de notar o que o mortifica ou o aborrece.

Entretanto, quiz saber, ao receber sua carta, o que se tinha passado na vespera. A's primeiras palavras, João me fez parar.

— Peço-lhe, disse elle, que não me fale nunca mais sobre Gabriella. Tudo está acabado entre nós.

— Ao menos, dize-me...

— Por favor, não me pergunte nada!

Estou, portanto, tão adeantada como você, minha pobre amiga. O casamento está desfeito, ao menos por emquanto. Mas não posso acreditar que isso seja serio.

Si Gaby se decidir a falar, não deixe de me informar.

Entretanto, creia-me, não a interrogue, não se apoquente nem da sua tristeza nem do seu aborrecimento. Julgo que devemos deixar essas creanças sahirem por si sós dos apuros nos quaes se quizeram metter. Somos velhas demais, agora, para comprehendermos suas intrigas de coração. Elles sabem que podem se ver e escrever á vontade; você e eu nada temos que intervir.

Muito affectuosamente sua.

B. L.

Quanto tempo pensa ficar em Cherville?

GABRIELLA A JOÃO

Domingo, 8.

Senhor.

Verifico que não lhe restitui, antes da minha partida para Cherville, o livro que me emprestou. Envio-lho por este mesmo correio, pedindo que desculpe o meu descuido; mas tive tanto que fazer e que pensar, na hora de partir!

Ficaria contente de saber si o livro lhe chegou em bom estado.

Receba, senhor, a certeza da minha perfeita consideração,

Gabriella Dupont.

Sabbado, 14.

Senhor.

Faz quasi uma semana que eu lhe expedi o seu *Fra Angelico*, e não sei si lhe chegou em bom estado. Isso me inquieta um pouco, pois não esqueci como estimava esse bello livro, e ficaria desolada si elle se perdesse ou ficasse estragado.

Parece-me que não lhe falei do prazer que tive, lendo-o e vendo as deliciosas gravuras.

Temos um tempo máu, aqui; isso me faz triste.

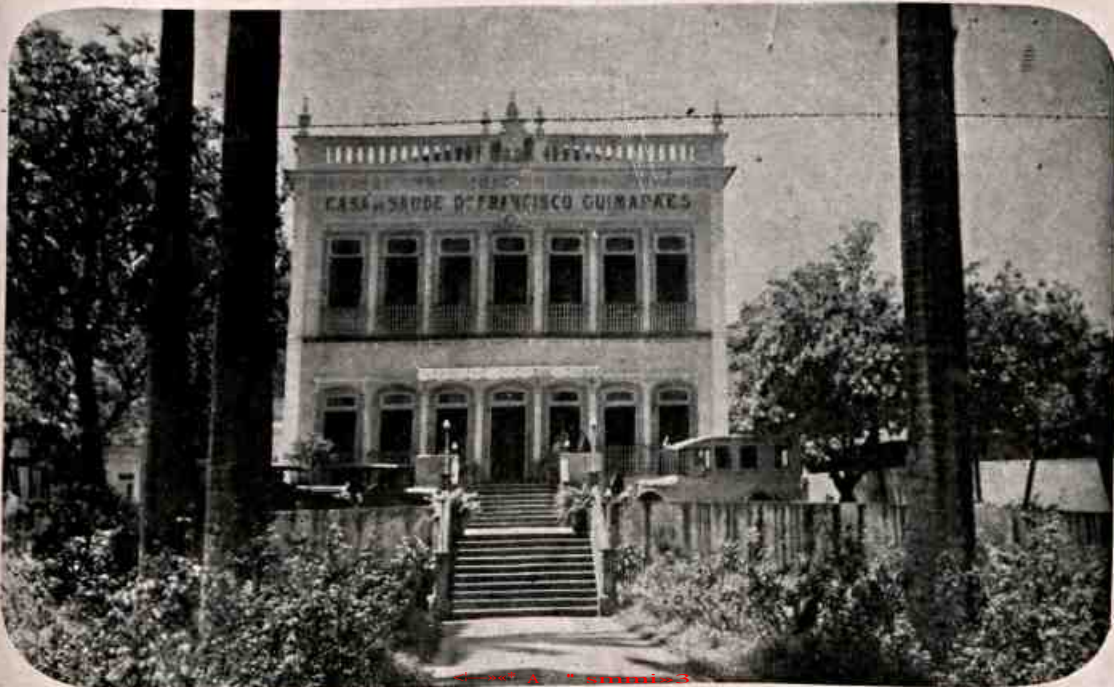
Tranquillize-me com uma palavra sobre o livro, e, creia-me, peço-lhe, nos meus sentimentos elevados.

Gabriella Dupont.

Quarta-feira, 18.

Querido senhor.

Esse *Fra Angelico* dá-me pesadelos. Estando sempre sem noticias,

(*Continúa na pagina seguinte*)

HISTORIA EM OITO CARTAS

(continuação)

começo a crêr que está perdido e que não m'o diz, com medo de contrariar-me.

Agradeceria como devia, por ter-me emprestado esse livro? Sei que o senhor não queria confial-o a ninguem no mundo... Não posso explicar como fiquei commovida da excepção que fez em meu favor! Soube apreciál-o, acredite-me. A discussão que tivemos não me tira toda a justiça, seja o que imagine, e não me impede de reconhecer no senhor, apesar dos seus defeitos, a delicadeza e a bondade!

Por causa do nosso casamento desfeito, segue-se que não devemos mais ser bons amigos? Confesso que me habituaria difficilmente com a idéa de riscál-o da minha vida; temos todo um passado que protesta, um passado cheio de tão bôas recordações!

Dando-me as noticias esperadas de *Fra Angelico*, diga-me si pensa que uma amizade de quinze annos possa ficar assim desfeita sem que reste alguma cousa?

Toda sua,

Gabriella D.

Domingo, 22.

Meu querido João,

Decididamente, você não me quer mais escrever. Você é rancoroso e não me perdôa a scena da Marziere. Ignorava que tivesse um genio tão ruim. Faça exame de consciencia e veja si fica sem censura. Foi muito duro para mim, João, e não esqueci as suas palavras maliciosas:

— Você não tem coração, Gabriella, e enganei-me cruelmente julgando-a... como a julgava!

Diga-me, João, quem tem mais coração, você, que póde ficar oito dias zangado, sem uma palavra de arrependimento, sem um pensamento para aquella que dizia amar, ou eu que escrevi tres vezes e o faço ainda hoje, apesar do seu silencio desprezador?

Eu não pretendo ter tido toda a razão; concordo, estava de mau humor na Marziere. Mas, para isso, tinha um motivo. Você deveria imaginal-o e não fazer de tyranno.

Oh! João, foi você mesmo que me poude dizer taes coisas:

— Explicar-me-á por que age assim, Gabriella; ha de dizer-me!

E, como, assustada pela sua zanga, nada respondia, você continuou:

— Adeus! Está tudo acabado entre nós, emquanto não me der explicações.

Foi então que eu mesma, exaltada, furiosa, respondi, sem reflectir:

— Tudo está acabado? Seja! Vale mais assim!

Pense, João, e veja si foi bem. Não acha que tambem teria muito para se fazer perdoar?

Em todo o caso, não lhe dou o direito para me fazer soffrer assim com esse livro. Si está perdido, terá um verdadeiro desgosto; mas prefiro ainda essa horrivel certeza á angustia na qual me deixa. Até breve, espero.

Affectuosamente sua,

Gabriella.

Quinta-feira, 26.

Meu João,

Não posso mais viver assim. Que será preciso para fazel-o sahir da sua indifferença glacial? Penso algumas vezes que ha no seu silencio uma razão grave, pois não posso crer ser tão máu, e que talvez esteja ahi bem doente, ou morto... e corro a fechar-me no meu quarto para chorar á vontade. Depois, lembro-me da sua ameaça: «Está tudo acabado entre nós, emquanto não me tiver dado explicações»... Lembro-me da sua vontade de ferro, que jamais volta sobre uma decisão... E continúo a chorar.

Mas, João, que quer que diga? Nada ha a explicar, ai de mim! Vejo agora, que não tinha razão de ser má. Foi só a minha tola vaidade e você não me desprezará um pouco mais quando lhe tiver respondido? Como poude amar uma creatura como eu, você tão bom, tão perfeito, João? E como tive a loucura de affligil-o?

Lembre-se, nessa terrivel brincadeira da Marziére, fizeram-se pequenos jogos de poesias entre outros. Sabe que tive sempre a mania de escrever versos e a pretenção de fazel-os bons! Contava, portanto, com um successo, e para mim o successo é a sua única approvação. Assim sendo, quando acabou o jogo, aproveitei um momento em particular para perguntar-lhe o que tinha achado.

(Continúa na pagina seguinte)

— E' palpitante, respondeu, ironico. Uma ou duas vezes, notei nesses versos verdadeiras perolas.

— Eu tambem, disse radiante. Ouvi a poesia começando assim: «A natureza está em festa?...»

E você riu, João, oh! você riu!

— Ah! sim! Ouvi, e você tambem, parece. Não se póde esquecer isso.

— Por que?

— Por que? Porque era o cumulo do grotesco. Quem, mas quem poude escrever uma idiotice tal?...

Não respondi, João... Era eu!

E emquanto você se afastava, sua maneira de andar, de rir, de falar, pareceu-me subitamente vulgar; descobri em você mil defeitos monstruosos, espantando-me de ter podido, até lá, achal-o tão a meu gosto. Passou-se, então, o que sabe. Tres vezes, no «cotillon», escolhi um outro valsista; pretextei uma extrema fadiga para não dançar a farandole com você; evitei-o ostensivamente e, em vez de tomar o logar que me reservava na mesa da ceia, fui, desprezando-o, sentar-me perto do sr. [illegible] que não esperava uma tal fortuna. Observava-o de lado, alegrando-me, maliciosamente, da sua apparencia sombria, emquanto que eu fingia divertir-me muito do outro lado da mesa.

E depois... você sabe o resto e a maneira pela qual me falou com ar ameaçador:

— Gabriella, que significa isso?

— Que?

— Você me comprehende. Que fiz para tratar-me assim?

Meu João, disse-lhe tudo, agora: meu orgulho, meu tolo rancor e meus remorsos. O que não póde saber, entretanto, é o meu desgosto de ser desprezada por você...

Gaby.

JOÃO A GABRIELLA

Sabbado, 28.

Queridinha

Depois de tres semanas de peregrinação ao acaso do meu desgosto durante as quaes, para estar mais longe do mundo civilizado, não dei meu endereço a pessôa alguma, acho na volta as suas queridas cartas e [illegible] Angelicos, mais precioso ainda para mim por causa da estadia nas suas mãos. Vi tudo, desde a arranhadura que uma pena raivosa fez soffrer ao papel, desde a primeira assignatura, até o querido borrão que se esconde a meio na ultima, como si alguma lagrima adorada tivesse passado por lá.

Oh! Gaby! Poude crer o meu coração bastante duro para guardar-lhe rancor, apesar de tudo, e, entretanto, foi de veras deliciosamente bôa [illegible] dar a explicação que eu havia brutalmente exigido!

Comprehendo minha inépcia e o [illegible] proprio de autora. Mas, [illegible] Para que escrever versos quando se sabe dizer em prosa coisas tão bonitas?...

Que tudo seja esquecido, não é? A [illegible] seja a minha! Para ficar seguro do meu perdão, irei buscal-a eu mesmo amanhã ou segunda-feira.

Até breve, Queridinha Gaby. Beijo os bellos olhos que fiz chorar e sou, por toda a vida, o seu terno e devotado,

João.

Evelyne le Maire

(Traducção de Clio).

A FAIXA

(SHERLOCK - HOLMES)

(Continuação do numero anterior)

Lá de fóra, de vez em vez, vinha-nos o piar de uma ave nocturna, e uma vez, mesmo ao pé da janella, um miar prolongado participou-nos que andava á solta a panthéra.

Ouvimos, lá ao longe, as notas graves do relogio da parochia, dando os quartos a intervallos que nos pareciam seculos.

Soou meia noite, depois, uma hora, as duas, as tres, e nós sempre assentados e em silencio, na espectativa de qualquer acontecimento.

De subito, na direcção do respiradoiro, appareceu uma luz, sumindo-se acto continuo e succedendo-se um cheiro activo de azeite e de metal aquecido. Era manifesto o haverem accendido no quarto continuo uma lanterna de furta-fogo.

Ouvi um leve ruido; depois, voltou a cahir tudo em silencio, comquanto se tornasse muito mais activo o cheiro. Pelo espaço de meia hora, permaneci ainda immovel, de ouvido á escuta. De subito, tornou-se perceptivel outro som, tal qual o ruido de um jacto de vapôr a sahir de uma chaleira. No momento mesmo em que se produziu, Holmes saltou da cama abaixo, accendeu um phosphoro e pôz-se a fustigar com todas as forças, com a chibata, o cordão da campainha.

— Não a vê, Watson, não a vê?

Eu não via absolutamente nada. No momento em que Holmes acendera o phosphoro, ouvira eu um assobio abafado, posto que distincto; o clarão da luz impedia, porém, os meus olhos fatigados de verem o que era que o meu amigo zurzia com tamanha furia. Distinguia apenas o rosto de Holmes tinto de subita e mortal pallidez, e tendo estampado o horror e o asco.

Cessára de bater, e não despregára os olhos da sobre o respiradouro; eis que, de subito, estrugiu no silencio da noite o mais pavoroso grito que eu em dia da minha vida jamais ouvira. Transmudou-se em um uivo arrancado a um tempo pelo soffrimento e pela ira.

Conta-se que, tanto na aldeia, como no presbyterio, mais distante ainda, aquelle berro acordou aos mais aferrados no somno.

Paralyzou-se-me o coração, e para ali fiquei, hirto, inane, fito o olhar em Holmes, que olhava para mim com egual intensidade.

Assim que volveu tudo a cahir em silencio, clamei offegante:

— Que aconteceu?

— Acabou-se, respondeu Holmes, e no fim de contas é ainda a melhor solução. Pegue no seu revolver. Vamos dar entrada no quarto do doutor Roylott.

Com o rosto carregado, acendeu o candieiro, sahiu adeante enfiando pelo corredor.

Bateu por duas vezes á porta do medico, sem obter resposta. Deu então volta ao fecho, e, tomando-me o passo, entrou por ali dentro, de revolver apontado.

Singular espectaculo se offerecia aos nossos olhos. Pousada sobre a mesa, alumiava o cofre de segurança, cuja porta estava entre-aberta, uma lanterna de furta-fogo; junto da mesa, sentado em uma cadeira de pau, via-se o doutor Grimesby Roylott, trajando um chambre cinzento, com os pés descalços enfiados em umas babuchas turcas. Sobre os joelhos tinha o chicote de trança muito comprida que de dia nos chamára a attenção. Com a cabeça muito derreada, fixava a vista em um canto do tecto.

Como que lhe cingia a testa uma faixa amarella de singularissimo aspecto, sarapintada de côr de castanha. Não incidiu com a nossa entrada o minimo movimento por parte do doutor.

— A faixa! A faixa sarapintada! murmurou Holmes.

Dei um passo á frente. Logo se mexeu o singular turbante, e voltou-se contra nós a cabeça chata, triangular de uma serpente hedionda.

— E' uma vibora das lagôas! clamou Holmes, a mais venenosa de quantas serpentes existem na India. O doutor expirou dez minutos depois de ser mordido. Olho por olho, dente por dente. Arremessemol-a novamente para o seu covil e tratamos de collocar miss Stoner ao abrigo de outro tecto mais hospitaleiro, e de informar deste acontecimento a policia do condado.

SARAPINTADA

Por CONAN DOYLE

Emquanto isto dizia, tomára o chicote de sobre os joelhos do cadaver, e arremessando o nó corredio ao reptil, arrancou-o do seu horrivel pedestal. O braço estendido levou-o até o cofre de segurança, atirou-o para dentro, e fechou a porta.

Assim pereceu o doutor Grimesby Roylott de Stoke-Moran.

VI

Seria ocioso prolongar narrativa já de si tão extensa, relatando o modo por que, depois de participarmos a verdade a miss Stoner, a levamos no trem da manhã para casa da sua extremosa tia, em Harrow. O inquérito official provou que o doutor encontrara a morte brincando incautamente com o perigoso reptil. Holmes acabou de me esclarecer a respeito de caso tão sinistro, no dia seguinte, quando regressamos a Londres.

— Eram de todo o ponto erroneas as minhas primeiras conclusões, meu caro Watson; o que demonstra o perigo que ha em raciocinar sobre dados insufficientes. A presença dos ciganos, e o emprego do vocabulo "faixa" por parte da pobre rapariga, no intuito de explicar aquillo que entrevira de modo confuso á luz de um phosphoro, foram o sufficiente para lançar-me numa pista errada. O meu unico merecimento consiste em haver mudado as minhas baterias, desde que se me tornou evidente que o perigo que podia constituir uma ameaça para o inquilino daquelle quarto, não podia vir da janella nem da porta. A minha attenção, conforme lhe disse já, foi attrahida pelo respiradouro e pelo cordão da campainha dependurado por cima do leito. A descoberta de que era fingido o cordão, e achar-se o leito preso ao soalho, induziu-me instantemente a suspeitar que a corda devia dar serventia a um objecto que, insinuando-se através do buraco, desceria sobre a cama. Acudiu-me desde logo á mente a idéa de uma cobra, e quando disso aproximei o facto de receber o doutor bichos da India, senti haver encontrado o verdadeiro rastro. A idéa de empregar um veneno impossivel de descobrir chimicamente devia occorrer a um homem instruido e sem consciencia, que tivesse vivido no Extremo-Oriente. A acção rapida de semelhante veneno representava ainda uma vantagem, no ponto de vista do doutor. Devia ter muito tino o *coroner* para verificar a existencia de duas picadas pouco menos que imperceptiveis produzidas pelas venenosas presas. Lembrei-me tambem do assobio. Era natural que o doutor chamasse outra vez a serpente antes que o dia permittisse á sua victima verificar-lhe a presença. Amestrava o reptil, provavelmente, valendo-se daquelle leite que nós vimos, a voltar quando chamado. Fazia-o passar através do respiradouro, á hora que julgava conveniente, certo de que o bicho, rolando-se ao longo da corda, desceria até o leito. Poderiam decorrer varias noites sem que a victima fosse mordida; mais cedo ou mais tarde, comtudo, viria a succumbir.

Eu proprio chegára a identica conclusão antes até de haver entrado no quarto do doutor. O exame da cadeira em que jazia provou-nos que tinha por habito trepar para cima della, afim de alcançar o respiradouro. A vista do cofre de segurança, o pires de leite e o nó corredio debellaram as ultimas duvidas no meu espirito.

O estridor metallico ouvido por miss Stoner provinha manifestamente do acto de fechar á pressa a porta do cofre. Uma vez estabelecida a minha convicção, sabe, Watson, os alvitres de que lancei mão para adquirir a prova definitiva.

Ouviu, como eu, o silvo do reptil: accendi logo a luz, investi com o bicho sem perder um instante.

— O que deu em resultado obrigal-o a voltar por onde tinha viúdo, observei eu.

— E tambem o instigal-o a atirar-se ao dono. Das zurzidelas que lhe appliquei, algumas lhe acertariam, sem duvida, assanhando-o a ponto de arremetter com a primeira pessôa com quem encontrou. E deste modo, sou indirectamente responsavel pela morte do dr. Grimesby Roylott, mas não posso affirmar que me pese por demais na consciencia uma tal responsabilidade.

FIM DA FAIXA SARAPINTADA

No proximo numero, do mesmo autor:

AS FAIAS RUBRAS

A VALSA

FÔRA um amor que começára á primeira vista. Dir-se-ia que, guardava nos seus arcanos o destino de ambos. Todos dois bellos; o que começára numa sympathia pelo physico, transmudára-se numa intensa amizade.

Era um amor vivido ao luar e ao som de musica. Elles queriam occultal-o de todos e julgavam conseguil-o, mas trahiam-se ao menor gesto, ao mais apagado olhar.

Esse affecto, porém, que para Daisy fôra a realização do mais ardente anseio de sua vida, tornou-se em breve o motivo de sua mais seria inquietação.

Suppondo Alberto leviano como os outros homens, exposto na vida á conquista das demais mulheres, Daisy, loucamente apaixonada, temia perdêl-o a cada instante. Então, vislumbrava no menor gesto de Alberto uma traição, e aquella pressa com que elle se despedia para trabalhar a deixava acabrunhada. Estaria o rapaz esquecendo-a? Amaria-a elle realmente?

A interessante Daisy passou a viver como que suspensa, numa atmosphera de duvida. Aquella paixão, si lhe dava momentos de forte alegria, fazia-a cahir logo após em profunda tristeza.

Um dia, ella notou attonita: amando com loucura um homem que lhe correspondêra, não se sentia feliz. Por que?

Quanto a Alberto, vivia radiante, confiando inteiramente na paixão de sua amada por elle. Quando juntos, no momento das mais intensas juras de amor, o rapaz se afastava com um pretexto qualquer, suppunha que, procedendo desse modo, faria com que a moça o amasse cada vez mais e elle tinha certeza assim de conservar aquelle affecto, que não desejava perder de modo algum, porque tambem queria muito a Daisy.

Em uma noite de sarau, e elle foi encontral-a num banco, em um jardim repleto de açucenas e hortensias, com a cabeça levemente pendida e as mãos assetinadas e finas abandonadas sobre o collo, parecendo um recorte alvo na noite escura.

Pouco depois, Daisy sentiu a mão mascula de uma rapaz apertar uma das suas; voltou-se:

— Alberto.

— Daisy, você é como um sonho de flôres e perfumes!

— E bem depressa as flores deste seu sonho emmurchecem.

— Oh! Por que?

A jovem olhou-o tristemente; depois respondeu:

— Vivo numa situação de duvida sobre o seu amor. Sempre sonhei, sempre tive como meu ideal um homem arrogante, mas um homem amoroso tambem, e você, si num instante me diz phrases ternas, que me fazem suppôr ser amada, logo após, se despede com a maior facilidade: está sempre com pressa de ir embora.

— Mas você não comprehende? Sou um homem que trabalho; tenho as horas contadas.

— Bem sabe que, quando alguem ama, se torna exigente e este meu affecto por você é arrebatado demais para que eu possa ser completamente feliz. O seu menor gesto indifferente traz-me em constante desassocego.

— Oh, minha querida Daisy!

— Comprehende agora porque me julga uma creança? Porque me zango á menor coisa? Porque costumo me fazer de rogada? Sou muito orgulhosa, tambem, Alberto.

— Calemo-nos, Daisy. Alguem póde passar por aqui e ouvir-nos.

Um soluço rompeu do peito da moça.

— Eternamente assim! Como eu posso sentir-me feliz?!

Ao longe, a orchestra tocava uma valsa, suave, terna, arrebatada...

— Ouve? — perguntou Alberto. A valsa do nosso amor! Quando a ouvimos pela primeira vez, sentimo-nos ambos tomados de emoção indescriptivel. Foi como si houvesse, ao som da musica, uma fusão de nossas almas e nos tornassemos um unico ser! Esta valsa ficou sendo o symbolo do nosso amor! Oh Daisy, bem sabe que eu e você somos parte de um todo e não nos podemos separar; a valsa é o laço da nossa união.

Daisy não respondia: seus olhos, quasi negros, estavam embebidos no semblante de Alberto.

* * *

A vida corria vertiginosa.

Aquella situação de incerteza continuava a torturar Daisy; depois passou a ser sua unica preoccupação. Tudo mais, a não ser Alberto, lhe era indifferente. Parecia mesmo que só elle completava a pessôa della.

Ao reconhecer a queda de sua personalidade, o orgulho de Daisy revoltou-se. Si ainda Alberto a fizesse feliz... Ella não se poderia escravizar assim... Então, num assomo de raiva, resolveu reagir.

Era preciso esquecer aquelle amor, procurando outro. Buscou o *flirt* com alguns rapazes, mas foi inutil. Os *flirts* lhe lembravam o affecto que queria olvidar, sem que conseguissem igualal-o.

Havia, entre os amigos

— Caramba! Isto sim, é que são ossos, e não os que me dão em casa!

Walter de Sequeira

de Daisy, um joven que lhe merecêra sympathia especial e, um dia, ao tornar a vêl-o depois de uma grande ausencia, ante a alegria que sentiu, a moça pensou que, emfim, aquella amizade poderia lhe enternecer. Reynaldo seria a fortaleza, que, sem o saber, batalharia com ella na extincção daquelle amor.

Elle assemelhava-se a Alberto no physico. No caracter, parecia ser mais sincero.

Daisy talvez não o pudesse amar, como Reynaldo era amado por outras mulheres, mas faltava-lhe o brilho de sua interessante personalidade.

E a aproximação dos dois, devido a causas diversas, fortificou a sympathia e fez nascer uma amizade solida.

Daisy, então, começou a evitar Alberto; elle bem o sentiu, mas não poderia procurar a moça francamente, porquanto não era ainda seu noivo.

E mesmo amparada na amizade de Reynaldo, Daisy travava uma luta sobrehumana, lutava contra a paixão para ser feliz, mas tinha a impressão de aniquilar-se por completo. Muitas vezes, cançada, abatida, a moça desejava renunciar; logo após, a invadia uma coragem inaudita...

E como muito tempo tivesse passado sem que visse Alberto e namorasse agora Reynaldo, Daisy acreditou que conseguira esquecer o outro.

Sentia-se, então, venturosa; seu romance com Reynaldo era baseado num amor calmo, sem arroubos exaggerados, e o unico que lhe poderia dar uma vida tranquilla, num lar feliz.

Reynaldo, rapaz bello e insinuante, desprezára tambem a paixão exaltada de outras mulheres por aquella amizade pura de Daisy.

A moça julgou, emfim, chegar o dia em que poderia defrontar o ex-amado sem commover-se e por isso, sabendo que o ia encontrar numa festa, não hesitou em lá comparecer com Reynaldo.

Viu-o e realmente não se enterneceu; elle sim, pareceu profundamente abalado ao notál-a com o rival. Cumprimentaram-se cerimoniosamente e não mais se fitaram.

Daisy rodeára-se de amizades novas; tinha mêdo que as antigas pudessem lembrar-lhe factos queridos, passados em sua vida.

Em dado momento, perto de pessôas amigas, como Alberto passasse proximo, ella falou, alto:

— Nesse grupo aqui reunido estão as unicas pessôas que representam algo em minha vida. Tornemo-nos, portanto, como si fossemos uma só familia.

E dessa maneira ella excluia Alberto; mas tocaram nesse momento a valsa do amor dos dois.

Daisy levou um choque; com o coração a saltar-lhe no peito, trémula, ella julgou despertar, num instante, de sua apparente indifferença.

Alberto procurou-lhe, então, o olhar, mas em vão.

Reynaldo, percebendo a emoção da moça, perguntou-lhe:

— Que sente, querida?

— Oh nada! Esta valsa é tão bonita!...

— Mas...

— Estou tão alegre, não vê? Vamos dançar?

O rapaz enlaçou-a.

Alberto, buscando novamente os olhos de Daisy, viu que elles estavam agora banhados em lagrimas.

Quando a musica parou, Daisy quedou-se a um canto; Reynaldo resolveu trazer-lhe um refresco e deixou-a por alguns instantes.

A moça estava absorta; seu olhar acompanhava os pares que continuavam a dançar a valsa bisada.

Em dado momento, alguem lhe segurou o braço.

— Daisy!

— Alberto!

— Oh! Você não me póde fugir assim! Você ainda me ama, e muito!

— Cale-se, por favor!

Depois ella tornou chorando:

— Sim, ainda o amo e este affecto exaltado, si quizer continual-o, me fará viver as horas de inquietação que já passei. O nosso amor não é o que realiza, o que nos faz feliz...

— Como não?! Eu sou tão banal para as outras mulheres, emquanto que para você!... A valsa, que tocam, é o traço de união que nos prende e que diz aos nossos corações que não nos podemos separar.

— Engana-se. Essa valsa expressa a melodia de um sonho bello demais para ser vivido. Ella nos trará somente a recordação da pagina mais romantica da nossa vida!

— Eu que suppuz, sendo grande o seu affecto, nunca a perderia...

— Alberto, o amor calmo é o unico que nos faz viver tranquillo.

Ainda emocionada, ella lhe estieou a mãosinha:

— Adeus!

O rapaz viu-a afastar-se e desapparecer no salão. A orchestra tocava, nesse momento, os ultimos compassos da valsa. Absorto, hesitante, elle repetiu, baixinho:

— Daisy, Daisy, por que você gostou tanto de mim?...

— Oh, garçon! Faz meia hora que estou assobiando, e ninguém me attende. E' incrivel!...
— O senhor desculpe; mas é que eu julgava fosse um rouxinól...

Realidade que

De Carlos

— São Paulo, a cidade prodigio, editou um milhão de livros...

— E "Chuva de Estrellas", muito procurado?

— Qual! Eu ainda sou um menino de dezenove annos, tonto de luz, indeciso ante os grandes problemas da vida; talvez que para um futuro proximo consiga alcançar o que desejo; sonho uma obra grandiosa, sem precedente; quero avançar da poesia aos problemas transcendentaes, com um livro de fé...

— Tens talento. Gostei de teu livro. Já és um poeta.

— Poeta sou desde que nasci; a poesia nasce comnosco. A gente não se faz poeta. Podemos estudar regras de versificação, mas, a alma...

— Eu sei! Conheces esta definição?: o poeta tem no coração qualquer coisa assim como uma corda de aço retezada...

— ...que ao menor contacto vibra?!

— Isso mesmo!

— A's vezes, é um quasi nada que o emociona...

— E' a illusão, que é a belleza da vida.

— Já disseram que a realidade é g r o s s eira, material: tudo o que se póde conter numa linha recta, sendo esta a negação da arte.

— E de arte, que nos dá S. Paulo? Muitas surpresas?!

— Ha muito tempo não vens á minha terra?

— Desde 20 de junho...

— Ha quasi um anno?! Quaes as tuas novas impressões de São Paulo?

— E' a cidade mulher. As mulheres mudam de aspecto nas quatro estações do anno...

— Blague...

— São as impressões. Agora, venham a mim as novidades. Tens visto o Oswaldo? Soube pelos jornaes que o Andrade casou... Está morando em Campos Elyseos.

— Oswaldo está em Villa-Bella; desfructa uma vida de nababo.

— Emfim, o destino foi razoavel para com elle. Eu não admittiria um homem com o temperamento de Curti, pedindo esmolas. E parecia viver por curiosidade, hein?! Fez uma fortuna. Deves estar lembrado dos seus planos humoristicos para ganhar muito dinheiro: uma fabrica de ratoeiras e a distribuição gratuita de ratazanas...

— Ah!... E do Mauro, o Mauro Silva, que tinha outro nome complicado...!?

— Nosso explicador de mathematica, o que foi quasi p a d r e, redactor-chefe do *Jornal Paulista*? O homem encyclopedia? Fazia prodigios de prestidigitação! Falando de Prust, comparava a musica de Wagner e, contraditando as theorias de Durand, ensinava pronuncia de inglez a Mr. Stwart...

— Formou-se em direito. Tens o livro delle, premiado pela Academia, em 1926? Chegou a ser o expoente da mentalidade paulista, num cyclo luminoso de obras publicadas. Com a morte de um tio, da Bahia, quando sahiste daqui de São Paulo, depois da revolução, herdou quatrocentos contos de reis. Comprou o *Jornal* e um palacete na Avenida Carlos de Campos.

— Um alegre companheiro. Generoso, tambem! Recebi um livro delle com uma dedicatoria que tocou a minha

— Obrigada, cavalheiro! Sois um homem galante.

— Graças a Deus, não sou desses que só offerecem assento ás mulheres bonitas...

parece um conto

Madeira

sensibilidade. Ha dois annos...

— O "Cyclo da Memoria" ou a "Funesta Aventura"? Nesse anno elle publicou dois. Foram os ultimos livros...

— O "Cyclo da Memoria". Idéas velhas de homem novo. Duvidei que fosse obra do Mauro. Faltava, ás phrases cheias, o calor do seu enthusiasmo...

Era o começo da decadencia. Soffreu muito! Casou-se com Olga de Andrade, moça de belleza fascinante, figurinha de Saxe dos salões paulistas, futil, que tinha o pensamento na ponta dos pés, para dançar. Um contraste absoluto da serenidade harmoniosa de Mauro... Dois annos depois, ella fugiu com um empresário theatral. Elle gostava della. Ella gostava do dinheiro do empresario. As mulheres continuam a ser essa especie de palavras cruzadas. O empresario, eu o conheci: um decrepito. Olga, na sua preferencia ridicula, contrastante, offendeu a mocidade garbosa de Mauro. O resto todo mundo sabe. Mauro tinha sensibilidade. Os jornaes da opposição espalharam o escandalo, augmentando-lhe as proporções. Elle vendeu o palacete para pagar as joias da Lelita...

— Quem era a Lelita?

— A mulher delle; mudou de nome!

— ...

— Um dia, fui visital-o; encontrei-o enfiado numa poltrona, os dedos em pente nos cabellos negros. Mostrou-me as contas que lhe apresentava uma joalheria daqui. Disse-me que Olga sempre recebêra dinheiro sufficiente para adquirir o que desejasse...

— Então, elle dava-lhe o dinheiro e ella não pagava a joalheria?

— Ignorava as contas. Como tivesse credito, nesse tempo, nunca lh'as apresentaram. Vendeu a casa; pagaram-lhe metade do valor della. Liquidou as dividas e foi morar no hotel. Travou, ahi, conhecimento com uma uruguaya. Essa aventureira começou a exercer uma acção tragica sobre o explicador de mathematica. Soube que elle perdeu tudo numa casa de vicios. Jogava e bebia. Depois, o *Jornal Paulista* foi penhorado e Mauro teve ainda um processo de estellionato por emittir um cheque sem que tivesse fundos no banco. A uruguaya desappareceu...

— E tu nada fizeste por elle?...

— Consegui salvál-o da Casa de Correcção. O tio de Oswaldo foi seu advogado gratuito. Foi absolvido como inconsciente...

— Elle inconsciente?! Elle que foi uma revelação de intelligencia!?

— E não é só; dahi em deante, abandonou o jogo, por estar na miseria; mas, cahiu na torpeza do alcool. Bebe, bebe muito! O Andrade, que é um dos directores do Lyceu Nacional, procurou-o e propoz-lhe um lugar de lente de qualquer coisa, no collegio. Elle não o attendeu e fez um escandalo medonho. No Café dos Academicos. Lá está habitualmente, até alta madrugada, bebendo, bebendo sempre. Não o reconhecerás: oxygenou os cabellos, perdeu os dentes — tem no rosto uma expressão singular que se accentúa quando elle gargalha, nervoso... E' hoje um caso perdido de alienação mental!

O filho do professor de mathematica ensina, ao irmãosinho mais moço, como servir-se do ovo quente: — Toma a colherinha, quebra com ella o summo descrevendo uma circumferencia sobre a casca, e retira o pedaço situado no 52.º grão de latitude norte.

SYLVIA

A. Marrócos de Araújo

DENTRO, no salão feericamente illuminado, vibrava a musica languida e sentimental de uma valsa. E, emquanto as notas harmoniosas, arrancadas habilmente dos instrumentos, enchiam aquelle recinto claro e impregnado de finos perfumes, pares deslisavam sobre o soalho.

Lancei um olhar aos semblantes dos que, enleados, se moviam ao compasso moroso da peça em execução. Rostos tranquillos, retratando intima felicidade, olhares em que transparecia uma grande alegria, encantadores sorrisos em labios nacarados se me apresentavam, succedendo-se continuamente.

Com surpresa minha, por entre todas essas physionomias illuminadas pelo prazer, divulguei uma, que trahia, na grande e indispensavel tristeza, revelada por umas negras e immoveis pupillas, uma dôr que apunhalava uma alma.

Tentei, com olhar de psychologo, sondar o abysmo daquelle coração de mulher que guardava um ignoto sentimento, uma dolorida magoa. Enlaçada por um rapaz, ella deslisava pelo vasto salão, com uma elegancia de porte, com um donaire ao mesmo tempo despreoccupado e garboso, com uma graça que lhe imprimia uma attitude de deusa.

Reflectia-se-lhe nos traços harmoniosos e quasi divinos do semblante uma saudade indefinida de alguem, que, de certo, lhe fugira, deixando-lhe no coração uma desesperança allucinadora.

E continuava a valsar...

Possuia, como um legado que lhe concederam os deuses, a belleza triste, a belleza que se reveste de uma penumbra, uma meia sombra que não revela o prazer em toda sua intensidade e nem a dôr em todo seu horror. Era um mixto do brilho da alegria e da sombra da magoa.

Nos seus grandes olhos, onde duas lagrimas pareciam querer empannar-lhe a scintillação, lia-se alguma coisa do livro da sua alma soffredora e resignada.

E, si no seu semblante havia essa suavidade de expressão, essa doçura enternecedora, essa delicadeza de traços, o seu corpo lembrava uma estatua trabalhada na antiga Grecia pelo cinzel de um Phidias ou de um Praxiteles.

Um porte soberbo, lembrando a elegancia hellenica, aprumava-se forte e altivo. E em todo o conjuncto das suas fórmas impeccaveis havia um traço de belleza rara.

Sua plástica fazia evocar, na perfeição admiravel, algo dos vultos heraldicos daquellas sublimes mulheres que encheram de intenso fulgor e de fascinante brilho os versos immortaes de Dante e Petrarca.

Não lhe pude ouvir a vibração de crystal, que de certo, possuiria o timbre da sua voz. Nem me foi dado escutar o gorgeio da sua discreta risada, que deveria possuir a suavidade e a doçura do canto matinal de um passaro canoro.

Contemplava ainda o garbo e a graça do seu porte, nos movimentos da dança, quando as ultimas notas da valsa languidamente morreram...

* * *

E eu, só depois, vim a saber que aquella moça de physionomia triste e magoada, como que macerada por um soffrimento atroz e açoitada por uma desventura cruel, vira, num desespero, que attingiu as raias da loucura e do delirio, a morte, traiçoeira e perversa, arrebatar o seu noivo...

Sylvia era o seu nome...

RENUNCIA AMARGA

Não te magôes, minha linda amiga,
que eu sou teu mais sincero admirador,
mas me pesa demais a vil intriga
da qual fui, sem querer, o causador.

Já murmuram de nós na vizinhança!
(phrases, apenas... — que virá, depois?)
Vou te perder, meu mimo de faiança,
e a saudade virá, sem mais tardança,
quando o abysmo se abrir entre nós dois.

Tua lembrança ficará cantando
como um repuxo esguio, num jardim...
será o meu enlevo triste, quando
esse romance fôr chegando ao fim.

Resistirei á dôr? — Oh! nos teus olhos tristes
leio o poema do anniquilamento!...
Por um capricho, apenas, ainda insistes,
quando fôra melhor o esquecimento.

Bane o perfume dessa noite amarga
do pensamento — frasco ideal,
embora soffra muito o coração:

— Nós somos como as crianças innocentes
que têm nas mãos nervosas e contentes
canudos de mamoeiro e.... — oh! decepção! —
.... quando a nossa visão feliz se alarga,
os sonhos tombam exanimes do espaço
como frágeis bolinhas de sabão!

PAULA CHAVES.

Ha Saúde em Cada Gotta de Vinol

O DELICIOSO PREPARADO DE FIGADO DE BACALHAO SEM OLEO

O MELHOR TONICO

Para as pessoas idosas, as creanças e convalescentes

RESTAURA A SAÚDE PERDIDA

UNICOS CONCESSIONARIOS PARA O BRASIL:

PAUL J. CHRISTOPH COMPANY

Rio — Ouvidor, 98 — S. Bento, 35 — S. Paulo

Mais vale prevenir do que remediar

Assim como usamos sabão para a pelle, dentifricios para a dentadura, não porque o sabão e as pastas dentifricias sejam um remedio, mas simplesmente para conservar os dentes e para limpar a pelle, do mesmo modo devemos usar MURINE para lavar os olhos.

A applicação de MURINE faz-se sem difficuldade pela seguinte maneira: Curva-se a cabeça para traz, afastam-se um pouco as palpebras e collocam-se algumas gottas na commissura interna (proximo ao nariz), fecham-se as palpebras e deixa-se entrar MURINE nos olhos. Logo depois fazem-se algumas rotações de palpebras por meio dos dedos e deixam-se as palpebras fechadas alguns instantes.

UNICOS CONCESSIONARIOS:

PAUL J. CHRISTOPH COMPANY

Ouvidor, 98 — Rio. — S. Bento, 35 — S. Paulo.